

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
TERESA CRISTINA GOMES WAISMARCK AMORIM

AMIZADES NAS REDES: Uma Cartografia das Amizades Virtuais no *Facebook*

Rio de Janeiro

2011

Teresa Cristina Gomes Waismarck Amorim

AMIZADES NAS REDES: Uma Cartografia das Amizades Virtuais no *Facebook*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Rio de Janeiro
2011

A524 Amorim, Teresa Cristina Gomes Waismarck
Amizades das redes: uma cartografia das amizades virtuais no
Facebook / Teresa Cristina Gomes Waismarck Amorim. Rio de Janeiro,
2011.

112f. : il.

Orientadora: Prof^{ta} Dr^a. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia, Programa EICOS, Rio de Janeiro, 2011.

1. Redes sociais *on-line*. 2. Relações interpessoais. 3. Amizades
virtuais. 4. Teoria ator-rede. I. Pedro, Rosa Maria Leite Ribeiro. II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 004.678

Teresa Cristina Gomes Waismarck Amorim

AMIZADES NAS REDES: Uma Cartografia das Amizades Virtuais no *Facebook*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia.

Aprovada em

Prof.^a Dra. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Ruth Machado Barbosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Leandro Pinheiro Chevitarese
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dedico esse trabalho a todo coletivo que de forma direta ou indireta estiveram presentes na construção dessa dissertação.

A Lucia Rodrigues minha grande amiga virtuosa de outro continente, que depois de 20 anos me reencontrou no *Facebook*, dias antes do fechamento dessa dissertação.

Agradecimentos

Aos meus pais pelo carinho e dedicação na minha formação pessoal e profissional.

À família de origem, meu primeiro coletivo compartilhado.

À família construída, filhos e marido, meu coletivo compartilhado diariamente.

À minha orientadora Rosa Pedro pela aprendizagem, dedicação, paciência, orientação e pela co-autoria da minha escrita.

Ao amigo e professor Leandro Chevitarese pela troca e inspiração para esse estudo.

Aos professores, em especial a Ruth e administradores do EICOS, Carmem e Ricardo pelo carinho e atenção.

A Ana Carolina pela dedicação e carinho nos momentos finais dessa caminhada.

Aos amigos *off-line* e *on-line*, alunos e clientes que, “curtiram”, “comentaram” e “compartilharam” dessa construção coletiva.

A todos vocês, o meu, muito obrigada!

“Quando, seguindo nosso caminho, encontramos um homem que, seguindo o seu caminho, vem ao nosso encontro, temos conhecimento somente de nossa parte do caminho, e não da sua, pois esta nós vivenciamos somente no encontro.”

(BUBER, 1974, p.88)

RESUMO

Amorim, Teresa Cristina Gomes Waismarck. **Amizades nas redes:** Uma Cartografia das Amizades Virtuais no *Facebook*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Partindo da evidência das inovações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, o presente estudo teve como objetivo desenvolver uma pesquisa exploratória sobre amizades virtuais, questionando essas relações a partir das redes sociotécnicas. Foi feita uma breve genealogia da amizade, buscando apreender a dimensão filosófica da amizade e suas diversas concepções em diferentes momentos da história, a fim de problematizar a naturalidade com que definimos hoje as “amizades virtuais”. Buscou-se ainda evidenciar as diversas traduções e controvérsias presentes nessa rede na tentativa de investigar os sentidos dados ao conceito de amigo. O recorte foi feito através do dispositivo tecnológico *Facebook*, uma das maiores redes de relacionamento social da *Internet* na atualidade. Foi realizada uma cartografia das relações de amizade do ponto de vista da Teoria Ator-Rede, proposta por Bruno Latour. O trabalho de campo ocorreu entre 2009 e 2011, em que foram feitas 29 entrevistas com homens e mulheres de idades variadas que foram convocados através do mural do próprio dispositivo do *Facebook*. As perguntas versavam os seguintes tópicos: a entrada desses atores na rede, o que entendem por amizade, que tipo de amizade se constitui nesses laços e se essas amizades *on line* se desdobram em amizades *offline*. Os resultados apontam para a constituição de uma nova modalidade de vínculo a partir desses novos dispositivos virtuais.

Palavras-chave: redes sociais *on-line*, relações interpessoais, amizades virtuais, Teoria ator-rede.

ABSTRACT

Amorim, Teresa Cristina Gomes Waismarck. **Amizades nas redes:** Uma Cartografia das Amizades Virtuais no *Facebook*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Based on the evidence of technological innovations that have taken place in recent decades, this study aimed to develop an exploratory research on virtual friendships, questioning these relationships from the socio-technical networks. It was a brief genealogy of friendship to grasp the philosophical dimension of friendship and their differing views at different times in history in order to discuss the ease with which today define the "virtual friendships". It also sought to highlight the various translations and controversies present in this network in an attempt to investigate the meanings given to the concept of friend. The cut was made through the technological device Facebook, one of the largest social networks on the Internet today. We performed a mapping of relations of friendship from the perspective of Actor-Network Theory, proposed by Bruno Latour. Fieldwork took place between 2009 and 2011, when were made 29 interviews with men and women of varying ages who are called through the wall of the device itself from Facebook. The questions dealt the following topics: the entry of these actors in the network, what they mean by friendship, what kind of friendship is these bonds and these friendships unfold in online friendships offline. The results indicate the formation of a new type of bond from these new virtual appliances.

Keywords: social networking online, interpersonal relationships, virtual friendships, Actor-network theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O mapa-múndi do <i>Facebook</i> : 500 milhões de usuários do <i>Facebook</i> no mundo....	55
Figura 2 - O mapa-múndi das redes sociais: cerca de 800 milhões de usuários do <i>Facebook</i> no mundo.....	55
Figura 3 - Primeira página do <i>Facebook</i> (Acesso em: dez. 2009).....	58
Figura 4 - Primeira página do <i>Facebook</i> (Acesso em: out. 2010).....	59
Figura 5 - Primeira página do <i>Facebook</i> (Acesso em: abr. 2011).....	60
Figura 6 - Primeira página do <i>Facebook</i> (Acesso em: out. 2011).....	60
Figura 7 - Localizador de amigos do <i>Facebook</i> : “Pessoas que você talvez conheça” (Acesso em: out. 2010).....	61
Figura 8 - Localizador de amigos do <i>Facebook</i> : “Encontre amigos de diferentes momentos da sua vida” (Acesso em: abr. 2011).....	62
Figura 9 - Localizador de amigos do <i>Facebook</i> : “Encontre amigos em diferentes momentos da sua vida” (Acesso em: nov. 2011).....	63
Figura 10 - Localizador de amigos do <i>Facebook</i> : “Localize seus amigos onde quer que eles estejam” (Acesso em: out. 2010).....	63
Figura 11 - Localizador de amigos do <i>Facebook</i> : “Convide seus amigos” (Acesso em: jul. 2011).....	64
Figura 12 - Página de solicitação de amizades do <i>Facebook</i> (Acesso em: jul. 2011).....	65
Figura 13 - Solicitações de amizade do <i>Facebook</i> (Acesso em: nov. 2011).....	65
Figura 14 - Página do perfil do <i>Facebook</i> (Acesso em: set. 2010).....	66
Figura 15 - Página do perfil do <i>Facebook</i> (Acesso em: abr. 2011).....	67
Figura 16 - Página do perfil do <i>Facebook</i> (Acesso em: nov. 2011).....	67
Figura 17 - Mural do <i>Facebook</i> (Acesso em: nov. 2011).....	68
Figura 18 - <i>Feed</i> de notícias do <i>Facebook</i> (Acesso em: abr. 2011).....	69
Figura 19 - <i>Feed</i> de notícias do <i>Facebook</i> (Acesso em: jul. 2011).....	70
Figura 20 - <i>Feed</i> de notícias do <i>Facebook</i> (Acesso em: nov. 2011).....	70
Figura 21 - Ampliação da ferramenta “Amigos do bate-papo” (Acesso em: jul.2011).....	71
Figura 22 - Caixa de mensagem do <i>Facebook</i> (Acesso em: jul.2011).....	72
Figura 23 - Página de eventos do <i>Facebook</i> (Acesso em: nov. 2011).....	73
Figura 24 - Ícone do jogo <i>Farmville</i> (Acesso em: jul.2011).....	74
Figura 25 - Jogo <i>Farmville</i> (Acesso em: nov. 2011).....	74
Figura 26 - Ícone do jogo <i>Máfia Wars</i> (Acesso em: jul.2011).....	75
Figura 27 - Jogo <i>Máfia Wars</i> (Acesso em: nov. 2011).....	75
Figura 28 - Ícone do jogo <i>The Sims Social</i> (Acesso em: nov.2011).....	76
Figura 29 - Jogo <i>The Sims Social</i> (Acesso em: nov.2011).....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	BREVE GENEALOGIA DA AMIZADE.....	15
3	ALGUNS CONCEITOS DA TEORIA ATOR-REDE.....	36
4	AS AMIZADES VIRTUAIS E O <i>FACEBOOK</i>	46
4.1	AMIZADES VIRTUAIS.....	46
4.2	O <i>FACEBOOK</i>	50
4.2.1	Breve Histórico da Criação.....	50
4.2.2	Descrição	57
5	UMA PEQUENA CARTOGRAFIA DAS REDES DO <i>FACEBOOK</i>.....	79
5.1	COMO VOCÊ ENTROU NESSA REDE?	82
5.2	O QUE VOCÊ COMPREENDE COMO AMIZADE?.....	87
5.3	COMO VOCÊ FAZ AMIGOS POR AQUI?	91
5.4	QUE TIPO DE AMIZADE SE FAZ POR AQUI?.....	95
5.5	OS RELACIONAMENTOS SE DESDOBRAM OFF LINE?	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

1 INTRODUÇÃO

“A ciência não é nem um relato nem uma profecia; é a afirmação das necessidades, das relações certas que unem termos reais ou não.” (TARDE, 2007, p.196)

Partindo de uma reflexão acerca da temática da amizade, o presente estudo pretende problematizar a questão das amizades virtuais a partir do atravessamento dos dispositivos tecnológicos contemporâneos. Nossa investigação tem como objetivo desenvolver uma pesquisa exploratória sobre amizades virtuais nas redes de relacionamento da *Internet* e questionar essas relações em nossa sociedade a partir de inovações tecnológicas¹ ocorridas nas últimas décadas. Com foco nas relações de amizade que se configuram em uma rede virtual, faremos um recorte através do dispositivo tecnológico *Facebook*², uma das maiores redes de relacionamento social na atualidade analisando a temática das amizades *on line*. Na tentativa de compreender os novos vínculos na vida cotidiana, nossa tarefa será identificar o modo peculiar como as pessoas configuram suas relações de amizade virtuais.

Para dar conta desta pesquisa, realizamos uma pequena cartografia das relações de amizade do ponto de vista da Teoria Ator-Rede (TAR), proposta por Bruno Latour³, buscando rastrear os discursos e as práticas a fim de compreender como se configuram as chamadas amizades virtuais. Do ponto de vista da TAR, precisamos “seguir os próprios atores” (LATOURE, 2008b) registrando seus movimentos de associações entre os elementos heterogêneos.

¹ Como afirma Pedro (2010): “Um olhar atento ao cotidiano percebe o quanto tecnologia e sociedade interpenetram-se, estabelecendo relações complexas e heterogêneas”. (p.78)

² Considerado a maior rede social *on-line* do mundo, o *Facebook* foi criado pelo americano Mark Zuckerberg, em Harvard, por volta de 2004 com o objetivo de manter uma rede de contato entre estudantes americanos que saiam da escola para a universidade (RECUERO, 2009).

³ A concepção de Latour funda-se na argumentação de que: “A natureza e a sociedade não são dois pólos distintos, mas antes uma mesma produção de sociedades-naturezas, de coletivos” (LATOURE, 2008a, p.137-138).

Partindo de uma investigação a respeito da dinâmica das amizades virtuais através do dispositivo *Facebook*, buscamos identificar as narrativas dos vários atores e seus movimentos que confluem para a construção das amizades *on line*. Nossa proposta é apresentar uma pequena cartografia das novas redes de amizades virtuais a partir de algumas controvérsias apresentadas sobre o que seria amizade para aqueles que se apropriam deste dispositivo e qual modalidade de amizade essa rede produz.

Para compor essa pesquisa, no primeiro capítulo, faremos uma breve genealogia da amizade, buscando apreender suas diversas concepções em diferentes momentos da história. Pretendemos, ao longo do segundo capítulo, apresentar alguns conceitos da Teoria Ator-Rede, principal base teórica para a nossa pesquisa. No terceiro capítulo, direcionaremos nosso olhar para as amizades virtuais e o dispositivo *Facebook*, para que possam nos orientar para uma investigação dos novos vínculos que se estabelecem na contemporaneidade. E finalmente no último capítulo, a partir do percurso teórico, pretendemos traçar uma pequena cartografia dessa rede, mapeando algumas controvérsias em torno da nova modalidade de amizade que aí se estabelece.

Este estudo surgiu a partir da minha experiência profissional como psicoterapeuta. Iniciei profissionalmente em um período em que as tecnologias do mundo virtual ainda não haviam invadido o ambiente doméstico. Desde então, tenho acompanhado as inovações tecnológicas, gerando alterações nas perspectivas humanas em suas formas de relacionamento social.

Minha entrada no EICOS trouxe como proposta pesquisar as relações humanas nas redes tecnológicas da atualidade. Como mencionado anteriormente, após um longo período como terapeuta clínica, senti que estava na hora de aprofundar um estudo direcionado entre sociedade e tecnologia. Nossos esforços estariam voltados para uma pesquisa que de alguma forma pudesse examinar mais de perto como as relações estavam se desenvolvendo ao longo

dos últimos anos com a ampliação de vários dispositivos tecnológicos. Num primeiro momento, ainda num projeto inicial, minha indagação tinha o eixo da estética dessas relações virtuais, quando minha orientadora sugeriu o dispositivo *Facebook*, do qual já fazia parte como uma usuária participativa. Diante dessa possibilidade, venho me envolvendo e desenvolvendo uma investigação acerca dos sentidos das amizades virtuais na tentativa de entender o que se passa nessas redes.

No decorrer das duas últimas décadas, os clientes em terapia apresentam o desenvolvimento de vários tipos de relações afetivas através da *Internet*. Tornou-se possível encontrar amigos, fazer novas amizades, buscar parceiros virtuais assim como também é possível monitorar as pessoas. O espaço e tempo nas relações foram afetados e alterados com a nova realidade tecnológica, expandindo os limites e fronteiras humanas e, desse modo, transformando as relações sociais. Parte desse entendimento é apontada por Lemos e Lévy, quando afirmam:

[...] indivíduos constroem redes de contato, de amigos e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimento, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de *marketing* e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos. Com aplicações contínuas como Twitter (*microblog* contínuo), a relação social pelo ciberespaço torna-se quase permanente: pessoas da mesma rede compartilham o dia a dia, ou mesmo sobre uma base horária, suas atividades quotidianas. As redes sociais *on-line* tornam-se cada vez mais “tácteis”, no sentido em que é doravante possível sentir continuamente o pulso de um conjunto de relações. (LEMOS & LÉVY, 2010, p.11-12)

Esse argumento é sustentado pelos autores quando afirmam:

Hoje, essas relações de proximidade *se dão preferencialmente em agregadores de ferramentas sociais, os softwares sociais*, como o Orkut, no Brasil, ou Facebook, Multiply ou MySpace. Aqui, a relação se dá por vínculos afetivos a “amigos” adicionados ao seu portfólio social, criando uma comunidade individual de interesse pessoal que se liga a outras comunidades individuais criando grafos de redes sociais, ou seja,

relacionando comunidades a comunidades, pessoas a outras pessoas (LEMOS & LÉVY, 2010, p.104, grifo do autor).

Sabemos que territórios híbridos como o *Facebook* e *Orkut* são, a cada dia, mais utilizados no Brasil e assim delineando um espaço menos privado, como mostram Lemos e Lévy (2010): “o usuário expõe a sua vida e suas informações ao mesmo tempo em que se relaciona com amigos e pessoas de mesmo interesse. [...] O espírito, no entanto, é o mesmo: ampliar as formas de relação entre as pessoas, modificando a esfera pública” (LEMOS & LÉVY, 2010, p.106).

O sociólogo Castells (2005) fornece uma descrição interessante da sociedade em rede: “Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. [...] Sem dúvida, essa tecnologia é mais que uma tecnologia. É um meio de comunicação, de interação e de organização social” (p.255). Mais adiante, o mesmo autor ainda afirma o formato de sociedade que vivemos na atualidade: “[...] a internet é – e será ainda mais – o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que nós já vivemos – aquela que eu chamo de sociedade em rede” (CASTELLS, 2005, p. 256).

Segundo Castells (2009), as transformações ocorridas nas últimas décadas carregam também um sistema de tecnologia que mudou as interações sociais. Não é difícil admitir que “a virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’ ” (LÉVY, 2007, p.11). E Lemos e Lévy (2010) destacam que: “O desenvolvimento de comunidades e redes sociais *on-line* é provavelmente um dos maiores acontecimentos dos últimos anos, sendo uma nova maneira de ‘fazer sociedade’ ” (p.101). Nossa pesquisa tem, portanto, como desafio problematizar a produção dos relacionamentos (interações) no cenário virtual de nossa sociedade contemporânea, descrevendo o aglomerado de humanos e não humanos envolvidos na rede.

A presente investigação adquire relevância na medida em que pretende analisar as amizades virtuais articuladas a uma rede sociotécnica, cartografando essas misturas nos

coletivos híbridos, buscando investigar assim suas ressonâncias nas práticas da vida cotidiana. Ao investigar o fenômeno das amizades articuladas a esses dispositivos tecnológicos, dentro do referencial da TAR, queremos chamar a atenção para a importância dos atores “não-humanos” na configuração da vida social.

2 BREVE GENEALOGIA DA AMIZADE

“A presença de amigos parece ser desejável em todas as circunstâncias” (ARISTÓTELES, 1987, p.174)

O capítulo se inicia com a realização de uma breve genealogia da “amizade”, a fim de embasar nosso estudo e investigar os sentidos atribuídos ao conceito de “amizade”. Em nossa trajetória pretendemos contribuir para problematizar a naturalidade com que definimos hoje as “amizades virtuais” nas redes sociais. Esperamos que esse olhar genealógico possibilite-nos apreender como a “amizade” já foi concebida de formas diversas, permitindo compreender sua configuração na atualidade fora de um registro necessariamente “negativo”. Nossa pesquisa pretende levantar algumas questões que podem enriquecer a discussão e compreensão do conceito de “amigo”. Nesta exploração, queremos, então, discutir o conceito de “amizade” e dar ênfase a alguns pensadores que analisaram a questão dos laços de “amizade”, permitindo-nos levantar algumas questões para a nossa pesquisa. Nossa pretensão será apenas percorrer, de maneira breve e introdutória, a dimensão filosófica da “amizade” ao longo da história através dos discursos e práticas sociais da cultura grego-romana e as definições dadas ao conceito de “amigo”.

Numa análise mais pormenorizada poderíamos destacar alguns filósofos que problematizaram um discurso sobre a temática da “amizade”. Em Platão⁴ encontramos uma referência à “amizade” no diálogo de *“Lisis ou Da amizade”* - o primeiro trabalho dedicado à “amizade”. A reflexão de Aristóteles⁵ sobre essa temática aparece nos livros VIII e IX de

⁴ Segundo Rocha (2006), na Grécia Clássica, de Platão, parece não existir uma distinção clara entre as palavras “amor” (*Eros*) e “amizade” (*philia*). Por outro lado, em Aristóteles encontramos, segundo Rocha (2006) uma tentativa de definir a amizade, como uma convivência íntima, agradável e benéfica.

⁵ Ao percorrer essa genealogia, encontramos uma tradição “aristotélico-ciceroniana”, e no caminho dessa reflexão percebemos uma forma de amizade perfeita – *teleia philia/amicitia vera*. Ao longo da história, a amizade parece em constante mudança e, a partir de Aristóteles, de alguma forma esses discursos filosóficos e práticas sociais se mantêm distanciadas (ORTEGA, 2002).

“*Ética e Nicômaco*”. Além desses, podemos encontrar também em Epicuro, Sêneca e Cícero, os discursos que destacam as qualidades do “amigo” ideal, o papel e assim como as funções da “amizade” (BALDINI, 2000).

Ortega (2002) descreve a “amizade” como um fenômeno público, que cria um espaço entre os indivíduos de um mundo compartilhado composto de risco e liberdade. Sua reflexão se inicia com uma discussão na *polis* grega e os principais elementos da obra em Platão onde, “o filósofo se apresenta não como o amigo de um outro indivíduo, mas em primeiro lugar como amigo da verdade, da sabedoria e da beleza” (ORTEGA, 2002, p.13).

Para Ortega (2002), a manifestação da “amizade” não se mostra linear ao longo da história e apesar da tradição aristotélico-ciceroniana sobre a “amizade” na forma de “amizade” perfeita, é possível encontrar, a partir de Aristóteles, um afastamento entre os discursos filosóficos e as práticas sociais da “amizade”. Podemos considerar que, para Aristóteles, a verdadeira “amizade” seria uma “autêntica virtude”, além de possuir “uma função importante na vida da Cidade (*pólis*), pois tinha o valor e a dignidade de uma ‘virtude política’ ” (ROCHA, 2006, p.66). É com Aristóteles que a virtude é incorporada à noção de “amizade”: “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES, 1987, p.141).

De acordo com Baldini, “amizade” é um tema muito especial para os filósofos da antiguidade, como mencionado anteriormente: “O primeiro trabalho dedicado à amizade, que se encontra nas veredas da filosofia, é o diálogo *Lísis ou da amizade*. É uma obra do filósofo grego Platão, escrita em forma dialógica” (BALDINI, 2000, p.11). Nossa trajetória, portanto, começa a partir da ontologia de Platão⁶, que vincula a questão da “amizade” à verdade.

⁶ Ortega afirma que a reflexão platônica da *philia* tem uma fundamentação ontológica na medida em que coloca a amizade vinculada à verdade e a política (2002).

Ortega⁷ (2002) aborda a reflexão da *philia*, definida como a natureza da “amizade”, discutida em alguns diálogos: no *Lísis ou Da amizade*, o *Banquete* e no *Fedro*. No *Lísis* de Platão⁸, Sócrates usa o método maiêutico para tentar definir a amizade sob a forma de um não-saber. Sócrates⁹, um dos personagens dos diálogos, busca uma “nova forma de saber” através de seus interlocutores (ROCHA, 2006, p.68). Ortega (2002, p.25) ressalta ainda que: “A reflexão sobre a *philia* permeia a totalidade do *corpus* platônico; o caráter dialógico de seu pensamento coloca a amizade na base da procura pela verdade, característica da filosofia”.

Mais especificamente, na obra “*Lísis ou Da amizade*”, os diálogos de Platão desenvolvem a discussão sobre a temática da “amizade”, tendo Sócrates, *Lísis* - seu discípulo e mais alguns “amigos”¹⁰ como personagens dos diálogos. Ao longo dos diálogos, a ideia do “amigo”¹¹ passa por um discurso que tenta analisar alguns elementos como **a reciprocidade, as semelhanças e as dessemelhanças** como atributos para a constituição dos laços de “amizades”. Por outro lado, como afirma Rocha (2006, p.67): “nos diálogos platônicos existe uma ambigüidade semântica no emprego das palavras “*eros*” e “*philia*”¹²”. Em *Lísis*, apesar do subtítulo “sobre a amizade”, o ponto de partida dos diálogos é o amor¹³.

⁷ Ortega, em sua obra, tenta percorrer os discursos e práticas da amizade no Ocidente – dos gregos até o século XX.

⁸ Nas palavras de Ortega (2002): “Platão não tem, na minha opinião, muito interesse em distinguir entre amor e amizade nos diálogos que tratam do tema, pois é precisamente dessa fluidez conceitual que se originam os importantes deslocamentos que conduzirão à amizade como uma espécie de Eros sublimado (p.29).

⁹ Segundo Ortega (2002): “Sócrates reivindica conhecer a arte, o segredo do amor, e não o da amizade. Ele usa esse saber para reclamar para si a autoridade que lhe permitirá deslocar a questão de forma inesperada, usar esse Eros pederástico como uma força motriz que o conduzirá à relação de *philia*” (p.30).

¹⁰ Hipotalés, Ctesipo e Menexeno – segundo a nota do tradutor Edson Bini, estes últimos “estarão presentes por ocasião da morte de Sócrates, como mencionado no *Fédon* 59b” (PLATÃO, 2009, p.273).

¹¹ Vale lembrar que a discussão platônica da amizade é embasada numa forma de amor entre os homens, ou “o amor dos rapazes (*paidikon Eros*)” (ORTEGA, 2002, p.25), que incluía a paixão e a ternura. Um modo típico da época erótica grega que implicava numa relação emocional entre os homens.

¹² O autor ainda acrescenta que: “Por não distinguir o amor (*eros*) da amizade (*philia*), Platão terminou o diálogo fazendo Sócrates dizer que não sabia o que era a amizade, e preanunciou aquilo que, no *Banquete* escreveu sobre *Eros*” (ROCHA, 2006, p. 67)

¹³ Enquanto que o amor erótico pode se desenvolver de forma unilateral, parece que, na amizade, não poderia haver uma verdadeira relação de amizade sem reciprocidade (ROCHA, 2006).

Neste contexto, Platão declara que: “Segundo dizem, tudo é comum entre amigos, de modo que não podeis ser desiguais nesse aspecto, se o que declarais a respeito de vossa amizade é verdadeiro” (PLATÃO, 2009, p.279). Neste trecho da discussão, o diálogo parece querer apontar para a verdade dos princípios básicos da *philia* – a natureza da “amizade”, que parece ser a verdade.

Nos diálogos, algumas hipóteses são levantadas, na tentativa de ilustrar o questionamento hierárquico dos valores que são previamente descritos pelo filósofo no fundamento da “amizade”. Em sua forma de argumentar, Platão apresenta uma reflexão sobre a importância e os valores do “amigo”, considerando a “amizade” como algo essencial para o homem. A evidência disso aparece nessa passagem ao defender a ideia do desejo pelo “amigo”, de uma forma passional, aqui, o sentido dado aos “amigos” e companheiros prevalece sob quaisquer outros desejos. Parte da discussão do texto parece buscar os princípios para uma fundamentação do conceito de “amigo”, considerando a afeição e a reciprocidade como uma de suas interrogações. Devemos então examinar mais de perto essa discussão:

Desde que era menino, há algo que sempre desejei possuir. Cada um tem um desejo de posse: um deseja possuir cavalos, outro cães, um outro ouro ou honras. No que me toca, sou indiferente a tudo isso. **Mas quanto a possuir amigos, sou absolutamente passional e ter um bom amigo seria para mim sumamente mais preferível do que possuir a melhor codorniz ou o melhor galo do mundo** e até, por Zeus, o melhor dos cavalos ou dos cães; pelo Cão, creio que preferiria um amigo a todo o ouro de Dario {ou mesmo ao próprio Dario}, tal a *afeição* que tenho por *amigos e companheiros*. Assim, quando vejo tu e Lisis, fico maravilhado e só posso vos congratular por terem podido, ainda jovens, adquirir tão depressa e facilmente essa posse: cada um de vós, de maneira recíproca, uma amizade pronta e certa. No que me respeita, estou tão longe de tal posse que sequer sei como uma pessoa se torna amiga de outra, que é precisamente a questão que desejo apresentar-te, a ti que conheces a matéria por experiência.

Assim, responde-me: quando alguém é afeiçoado por alguém, quem é o amigo? Aquele que sente a afeição, ou aquele que é objeto da afeição? Ou não há aqui nenhuma diferença?

Não vejo nenhuma diferença, ele disse. (PLATÃO, 2009, p.285, grifo nosso).

Na sequência dos diálogos, encontramos a seguinte argumentação: “Conseqüentemente, **não há amizade se aquele que ama não é correspondido**” (PLATÃO, 2009, p.286, grifo nosso). A questão da “amizade” nessa passagem faz considerações sobre uma relação de reciprocidade na relação entre “amigos”. Desse modo: “a reciprocidade do amor entre amigos faz parte da natureza da amizade, pois é impossível conceber a amizade sem reciprocidade” (ROCHA, 2006, p.69). Mais adiante, também iremos perceber que Aristóteles, ao tentar definir a natureza da “amizade”, reconhece a reciprocidade como uma das características essenciais (ROCHA, 2006).

Em outro trecho o diálogo ilustra a semelhança como ponto fundamental da “amizade”:

Desse modo, o que querem dizer, segundo concluo, meu amigo, ao declararem que o semelhante é amigo do semelhante, é que a amizade só é possível entre os bons, não sendo possível o mau ter amizade verdadeira nem com os bons nem com os maus. (PLATÃO, 2009, p.289)

Ao longo dos diálogos de *Lysis* aparecem também reflexões sobre o enriquecimento da “amizade” na dessemelhança. Neste argumento, seguem mais alguns questionamentos: “Talvez a amizade seja algo completamente distinto do que supomos, ou seja, aquilo que se torna amigo do bem talvez seja o que não é nem o bem nem o mal” (PLATÃO, 2009, p.292). Nesta perspectiva, Platão menciona a noção de “intermediário”, como o objeto da “amizade” tanto na semelhança quanto na dessemelhança (ROCHA, 2006). Como esclarece Rocha (2006, p.70): “Para solucionar a aporia, Platão apela, no *Lysis*, para a noção do “intermediário”, segundo o qual o objeto da amizade parece participar tanto da semelhança quanto da dessemelhança dos amigos”.

Já na conclusão de seus diálogos, Platão desenvolve a ideia de que o “amigo” seria “movido por alguma razão e visando a algo” (PLATÃO, 2009, p. 296). Desse modo, o filósofo argumenta o uso da palavra “amigo”:

Quando nos referimos a todas as coisas que são objetos de nossa amizade em vista de um outro objeto de nossa amizade, **está claro que nos limitamos a usar a palavra *amigo* por força de expressão**. O que é efetivamente objeto de nossa amizade é exclusivamente aquela coisa para a qual tendem todas essas pretensas amizades (PLATÃO, 2009, p.299, grifo nosso).

Ortega acrescenta que, além do *Lísis ou Da amizade*, o *Banquete*¹⁴ e o *Fedro*, são também diálogos que discutem a “amizade”. Ao discutir sobre a necessidade de “amigos”, Ortega ainda assinala que:

Diante de Platão, **mesmo o homem bom não é auto-suficiente e precisa de amigos**. A presença do amigo não faz somente nos sentirmos felizes, mas é necessária, não só porque o homem é um ser social, mas uma vez que, na condição de agentes absorvidos na própria ação, não temos a distância necessária que permite determinar o significado e valor pleno das ações e obter o prazer que acompanha a contemplação das ações boas, parte constitutiva da felicidade. (ORTEGA, 2002, p.41, grifo nosso).

Em uma de suas obras, Ortega (2009) mostra que uma das primeiras concepções de “amizade” articula-se também à figura da fraternidade. Segundo o autor, a relação de “amizade” é de alguma forma interpretada como uma forma de parentesco. No trecho abaixo Ortega (2009) afirma que:

O amigo aparece nos discursos da amizade na figura do irmão. A amizade democrática constitui-se a partir de Aristóteles – que iguala a amizade entre irmãos à democracia – como um processo de fraternização: amizade é, em princípio, democrática por ser fraternal. Desde Platão e Aristóteles, o amigo se apresenta como sendo o irmão, parente ou afim, como, por exemplo, no *Lísis* platônico: “Vós, se sois amigos um do outro, deveis ser *aparentados* (*oikeiôtes*) entre vós por qualquer laço natural”. (ORTEGA, 2009, p.60-61)

Parece que, como mencionado anteriormente, nos discursos de Platão não encontramos de maneira clara a definição da “amizade”. De um modo geral, o filósofo não

¹⁴ Para Rocha (2006), Platão é o filósofo do amor, o *Banquete* de Platão pode ser considerado um dos mais belos escritos sobre o amor. Optamos aqui apenas desenvolver uma investigação sobre a amizade em *Lísis*.

apresenta uma distinção entre amor e “amizade”. Talvez devamos considerar que, em seus discursos, encontram-se alguns “deslocamentos que conduzirão à amizade como uma espécie de Eros sublimado” (ORTEGA, 2002, p.29). Assim nossa investigação seguirá as idéias de Aristóteles na tentativa de uma definição mais clara da “amizade” e suas principais formas de manifestações. Ao longo de nossa pesquisa, encontramos em Aristóteles uma distinção mais clara entre *Eros*, “amor” e *Philia*, “amizade”. Percebemos em Aristóteles uma tentativa de definir a “amizade” como uma convivência íntima necessária, ressaltando os benefícios de uma vida “bela e boa”¹⁵ (ROCHA, 2006, p.72). Para o filósofo, *Philia* é a noção de virtude, definida como uma “disposição interior” que de alguma forma aperfeiçoa os seres humanos. Além disso, a amizade para os gregos possuía o valor e a dignidade de uma “virtude política”¹⁶. Podemos dizer então que Aristóteles destaca a *Philia* no centro do seu pensamento ético e político (ROCHA, 2006). Aristóteles, assim como Platão, quando define a natureza da “amizade”, destaca a reciprocidade como uma das características essenciais.

É importante observar que a definição de “amizade” apresentada nos discursos de Aristóteles no livro VIII e IX da *Ética a Nicômaco* destaca a dimensão da consciência de si, onde a identidade própria é construída mediante o outro: “um amigo, que é um outro ‘eu’, provê o que um homem não pode conseguir pelos seus próprios esforços” (ARISTÓTELES, 1987, p.170). Em outras palavras, o filósofo destaca a importância do outro em nossa vida como necessária, assim como a virtude.

Talvez seja conveniente ressaltar que o filósofo afasta todo o elemento erótico da “amizade” (ORTEGA, 2002). Devemos também considerar que a mais célebre definição de

¹⁵ De acordo com Rocha (2006): “para ‘viver bem’ e alcançar o ideal ético de uma vida ‘bela e boa’, o homem não pode prescindir da amizade” (p.72). A natureza do homem é viver com os outros – pois como afirma Aristóteles, o “com-viver” parece fazer parte da natureza do homem.

¹⁶ Para Ortega: “A questão da amizade perpassa igualmente a questão do político ou a questão entre filosofia e política” (2002, p.14).

“amigo” é dada por Aristóteles, onde o “amigo” seria “uma única alma em dois corpos” (ARISTÓTELES apud BALDINI, 2000, p.10).

Em *Ética a Nicômaco* (VIII, 1155a), podemos interrogar: Qual a natureza e as principais formas de “amizade”? Aristóteles enfatiza a discussão sobre a “amizade” como uma virtude que poderia ser a perfeita forma de “amizade”. Assim o filósofo inicia seu discurso sobre a “amizade”:

[amizade] é **uma virtude** ou **implica virtude**, sendo, além disso, sumamente **necessária à vida**. Porque **sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens**. E acredita-se, mesmo, que os ricos e aqueles que exercem autoridade e poder são os que mais precisam de amigos; pois de que serve tanta prosperidade sem um ensejo de fazer bem, se este se faz principalmente e sob a forma mais louvável aos amigos? (ARISTÓTELES, 1987, p.139- livro VIII, 1155a, 4-5, grifo nosso).

Na sequência, Aristóteles argumenta que a presença do “amigo” não é “apenas necessária, mas também nobre, porquanto louvamos os que amam os seus amigos e considera-se uma bela coisa ter muitos deles” (ARISTÓTELES, 1987, p.139). Acompanhando seu discurso, encontramos a benevolência recíproca como uma forma de “amizade”, e assim podemos entender que essa mútua disposição favorável em relação a alguém como um elemento da amizade. Em busca de uma definição do conceito de “amigo”, encontramos ao longo dos seus discursos um questionamento sobre a afinidade como uma possível característica da “amizade”. No texto selecionado o filósofo debate sobre essa questão:

Alguns a definem como uma espécie de afinidade e dizem que as pessoas semelhantes são amigas, donde os aforismos “igual com igual”, “cada ovelha com sua parrelha”, etc.; outros, pelo contrário, dizem que “dois do mesmo ofício nunca estão de acordo” (ARISTÓTELES, 1987, p.139).

Na passagem abaixo, o filósofo se aproxima de uma definição da palavra “amigo” ao fazer algumas considerações sobre a utilidade como característica desse vínculo. Aristóteles

afirma que as “disposições são amigáveis” e que estariam associadas à utilidade, podendo assim ser considerada como uma forma “amizade”. O texto abaixo expressa alguns de seus questionamentos que é desenvolvido posteriormente sobre as diversas espécies de “amizades”:

Com efeito, os homens **aplicam o nome de amigos mesmo àqueles cujo motivo é a utilidade, e nesse sentido se diz que as disposições são amigáveis** (pois as alianças de disposições parecem visar à vantagem), e também aos que se amam com vistas no prazer – e é neste sentido que se diz serem amigas as crianças. **Portanto, nós também deveríamos talvez chamar amigas a tais pessoas e dizer que existem diversas espécies de amizade** – primeiro, e no sentido próprio, a dos homens bons enquanto bons, e por analogia as outras espécies; pois é em virtude de algo bom e algo semelhante ao que é encontrado na verdadeira amizade que eles são amigos, já que até o agradável é bom para os que amam o prazer (ARISTÓTELES, 1987, p. 143, grifo nosso).

Segundo Ortega (2002), a “amizade” em Aristóteles sairia da passividade platônica e tornar-se-ia uma atividade e num processo de distanciamento da noção platônica de amor-*philia*, Aristóteles separa estes dois elementos. Para Aristóteles, o amor perturba a harmonia da alma¹⁷ (ORTEGA, 2002). Um importante fato na *philia* de Aristóteles decorre do elemento ativo que levava à *philia* (ORTEGA, 2002). Como demonstra uma passagem de *Ética e Nicômaco VIII*:

Ora, dir-se-ia que o **amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter**, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter. E os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmos, não por efeito de um sentimento, mas de uma disposição de caráter (ARISTÓTELES, 1987, p.144 – livro VIII, 1157b, 25-30, grifo nosso).

Em suas premissas, Aristóteles localiza a “comunidade” na estrutura de toda amizade, e Ortega (2002, p.43) completa que: “o conceito e o sentido da amizade são determinados pela

¹⁷ Como afirma Ortega (2002): “Para Platão, Eros era o elemento ativo, a atividade da alma que levava à *philia*, a qual era um afeto estático, uma condição da alma, a resposta mais débil e menos apaixonada ao amado. Com Aristóteles, a amizade sai da passividade platônica e torna-se uma atividade, a própria atividade filosófica, ao passo que o amor é um impulso não-filosófico” (p.37).

perspectiva da *polis*”. Talvez, o principal argumento de Aristóteles para justificar a *philia*, a “amizade”, seria defini-la numa forma particular do viver-junto. A argumentação aqui apresentada articula o conceito de “amigo” intimamente à felicidade:

“ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que **o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade**. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza. E, evidentemente, é melhor passar os seus dias com amigos e homens bons do que com estranhos ou a primeira pessoa que apareça. Logo, **o homem feliz necessita de amigos**” (ARISTÓTELES, 1987, p.170 – livro IX, 11169b, 15-20, grifo nosso).

O filósofo afirma que o destino do homem seria viver com “amigos”, logo a virtude estaria associada não só a virtude individual, mas também da *polis*. Dentro dessa premissa, podemos então considerar que não é possível viver sem “amigos”. Pode-se dizer que, na formulação de Aristóteles, na alegria ou nas horas de infortúnio, os “amigos” são parte essencial para um homem que quer atingir o ideal ético de uma vida “bela e boa” (ROCHA, 2006). A questão aqui abordada considera alguns aspectos interessantes como o convívio, a parceria e próprio compartilhar como um sentimento presente na constituição da “amizade”. Portanto caberia aqui seguir as ideias do filósofo que concebe a “amizade” de maneira bastante significativa:

[...] para os amigos a mais desejável de todas as coisas é o **convívio**?
 Porque **a amizade é uma parceria**, e tal é um homem para si mesmo, tal é para o seu amigo; ora, para ele a consciência do seu ser é desejável, e também o é, por conseguinte, a consciência do ser de seu amigo; e essa consciência torna-se ativa quando eles convivem. **Por isso, é natural que busquem o convívio**.
 E aquilo que a existência significa para cada classe de homens, daquilo que, para eles, dá valor à vida, disso mesmo desejam ocupar-se em companhia de seus amigos. Por isso alguns bebem juntos, outros jogam dados juntos, outros associam-se nos exercícios atléticos, na caça ou no estudo da filosofia, cada classe de homens passando os dias entregue, em mútua companhia, às ocupações que mais ama na vida; porque, **visto como desejam viver com seus amigos, fazem e compartilham aquelas coisas**

que lhes dão o sentimento de viverem juntos (ARISTÓTELES, 1987, p.174- livro IX 1172^a 5-10, grifo nosso).

Na visão de Ortega (2002), Aristóteles, distingue os três tipos de “amizades” baseadas na **virtude**, no **agradável** e no **interesse**, estabelecendo assim uma hierarquia entre elas. A “amizade” virtuosa é a “amizade perfeita”, enquanto que as demais são consideradas imperfeitas, acidentais ou mesmo instrumentais. Na argumentação de Aristóteles podemos considerar as “amizades” essenciais vinculadas à virtude e as acidentais ou úteis definidas como agradáveis e interessantes. No trecho abaixo, Aristóteles desenvolve a ideia dos tipos de “amizade”:

Há, assim, **três espécies de amizade, iguais em número às coisas que são estimáveis**; pois com respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam.

Ora, os que se **amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos**, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro. Idêntica coisa se pode dizer **dos que se amam por causa do prazer; não devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis**. [...]

De forma que essas **amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer**. Eis por que tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la (ARISTÓTELES, 1987, p.141, grifo nosso).

A discussão dessa problemática se assenta quando percebemos a distinção que nosso filósofo faz da “amizade” virtuosa em relação à amizade útil e prazerosa. Em ambos os casos, o “amigo” não é amado em si mesmo nem por si mesmo, mas pela utilidade que proporciona ou o prazer que nela encontra. De certo modo, para Aristóteles, a “amizade” virtuosa é a mais perfeita e duradoura de todas.

De fato, Aristóteles parece demonstrar um interesse maior na “amizade” virtuosa. De alguma forma, as outras “amizades” seriam consideradas “amizades” na medida em que visam também tornar “boa” a vida e a existência do “amigo” (ROCHA, 2006). Todavia, isto

significa que a verdadeira “amizade” não está relacionada ao interesse ou prazer, mas ao princípio da virtude dos homens bons. Essas “amizades”, além de agradáveis, são verdadeiras, talvez por inserir a bondade como algo duradouro. E Aristóteles argumenta:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso **sua amizade dura enquanto são bons – e a bondade é uma coisa muito durável**. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. **E da mesma forma são agradáveis**, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes.

Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Com efeito, toda a amizade tem em vista o bem ou o prazer – bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aquele que sente a amizade -, e baseia-se numa certa semelhança. [...] **O amor e a amizade são, portanto, encontrados principalmente e em sua melhor forma entre homens desta espécie** (ARISTÓTELES, 1987, p.141-142, grifo nosso).

Na definição de Aristóteles, a auto-estima do homem virtuoso orienta para o que é “bom”, ou em outras palavras, caminha na direção de uma bondade ontológica, definida como a qualidade de “viver bem”, “viver com” (ROCHA, 2006). Por outro lado, o filósofo aponta para a raridade dessas “amizades”, pois uma “amizade” perfeita exige tempo e familiaridade: **“os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem ‘provado sal juntos’”** (ARISTÓTELES, 1987, p.142, grifo nosso). Dito de outra forma pode-se dizer que, conhecemos os “amigos” nas horas incertas. No contexto abaixo, o filósofo discute suas argumentações:

Mas é natural que tais amizades não sejam muito freqüentes, pois que tais homens são raros. Acresce que **uma amizade dessa espécie exige tempo e familiaridade. Como diz o provérbio, os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem ‘provado sal juntos’**; e tampouco podem aceitar um ao outro como amigo enquanto cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança nele. Os que não tardam a

mostrar mutuamente sinais de amizade desejam ser amigos, mas não o são a menos que ambos sejam estimáveis e o saibam; porque **o desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não** (ARISTÓTELES, 1987, p.142, grifo nosso).

Outro ponto interessante abordado por Aristóteles é quanto à **quantidade de “amigos”**. Em suas conclusões, o filósofo declara que nossa felicidade não está entrelaçada ao número de “amigos”: “convém não procurar ter o maior número possível de amigos, mas apenas tantos quantos forem suficientes para os fins do convívio” (ARISTÓTELES, 1987, IX, 1171^a, p.172). Cabe aqui, compreender melhor suas reflexões:

Devemos, então, **fazer o maior número possível de amizades**, ou, assim como no tocante à hospitalidade é considerado de bom alvitre ‘não ser homem de muitos convidados, nem homem de nenhum’, a regra se aplica também à amizade e um homem não deve viver sem amigos nem ter um número excessivo deles?

A máxima parece perfeitamente aplicável às amizades que fazemos com vistas na *utilidade*, porque retribuir os serviços de muita gente é coisa trabalhosa e uma vida humana não basta para tanto. Logo, **o excesso de amigos sobre o número suficiente para a nossa existência é supérfluo e constitui um obstáculo à vida nobre** (ARISTÓTELES, 1987, p. 172, grifo nosso).

Sendo assim, o filósofo adverte sobre o número elevado de “amigos” de modo a manter um número apropriado para a convivência. Em outro trecho podemos observar melhor suas argumentações da impossibilidade de um número excessivo de “amigos”:

De modo que para os amigos também existe um número fixo - talvez o maior número com que se pode conviver (pois essa, segundo verificamos, é considerada como a própria característica da amizade); **e é evidente que não se pode conviver com muitas pessoas e dividir-se entre elas**. Acresce que essas pessoas também devem ser amigas umas das outras, se têm de passar a vida juntas; e dificilmente tal condição será preenchida com um número elevado de indivíduos. [...]

Parece, pois, que convém não procurar ter o maior número possível de amigos, mas apenas tantos quantos forem suficientes para os fins do convívio, pois ser um grande amigo de muitas pessoas é coisa que se afigura impossível. Por essa mesma razão, não podemos amar várias pessoas ao mesmo tempo. [...].

Isto parece encontrar confirmação na prática, pois são muito raros os casos de um grande número de pessoas que sejam amigas umas das outras no sentido da **amizade-camaradagem**, e as amizades famosas dessa espécie são sempre entre duas pessoas. (ARISTÓTELES, 1987, p.172-173, grifo nosso).

De qualquer forma, parece fundamental reforçar que Aristóteles sustenta que a felicidade envolve a companhia dos outros:

Em companhia de outras pessoas, por conseguinte, **sua atividade será mais contínua e aprazível em si mesma, como deve ser para o homem sumamente feliz**; pois um homem bom, enquanto bom, deleita-se com as ações virtuosas e se entristece com as más (ARISTÓTELES, 1987, p.171 – Livro IX, 1170a – 5-10, grifo nosso).

Pode-se dizer também que na concepção de Aristóteles¹⁸: “a presença dos amigos parece encerrar uma mistura de vários fatores. O simples fato de vê-los é agradável [...] um amigo tende a confortar-nos tanto pela presença como pelas suas palavras” (1987, p.173), e, neste sentido, podemos considerar que, segundo Aristóteles, a “amizade” oferece a oportunidade ao homem de aperfeiçoar-se.

Com efeito, Aristóteles faz referência a outro aspecto bastante significativo da “amizade”: à distância. Segundo ele a distância não romperia a “amizade”, apenas a sua atividade. Cabe investigar melhor sua argumentação:

A **distância** não rompe a amizade em absoluto, mas apenas a sua atividade. Todavia, se a ausência dura muito tempo, parece realmente fazer com que os homens esqueçam a sua amizade; daí o provérbio ‘**longe dos olhos, longe do coração**’ (ARISTÓTELES, 1987, p.143-144, grifo nosso)

Analisando o contexto histórico da “amizade”, queremos agora mostrar a concepção de Epicuro (341 a.C. – 270 a.C.) que declara: “de todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade” (EPICURO, 1988, p.20).

¹⁸ Para Aristóteles, a consciência de si assim como a identidade pessoal se manifesta através do outro. Desse modo, para se ter consciência do próprio pensamento será necessário a presença do outro (ORTEGA, 2002).

Em sua forma de argumentar, Epicuro parece considerar a “amizade”: “o caminho e o fim da felicidade” (ARISTÓTELES apud BALDINI, 2000, p.17). Partindo de uma investigação do homem epicurista, Crescenzo (2005, p.147) afirma que: “o homem epicurista é apenas um indivíduo em busca da felicidade”. Nas reflexões de Epicuro, a “amizade” seria algo passando de um homem para outro, um valor particular, um meio de comunicação, uma ideologia e que teria como finalidade o prazer (CRESCENZO, 2005). Podemos mencionar algumas reflexões de Epicuro: “Toda amizade é desejável por si própria, mas inicia-se pela necessidade do que é útil” (EPICURO, 1988, p.20). Na passagem aqui selecionada, o filósofo declara que a “amizade” nasce de forma utilitária (BALDINI, 2000). No entanto, em outro trecho Epicuro declara: “Não é amigo quem sempre busca a utilidade, nem quem jamais a relaciona com a amizade, porque um trafica para conseguir a recompensa pelo benefício e o outro destrói a confiada esperança para o futuro” (EPICURO, 1988, p.20). Para Baldini (2000), as concepções de Epicuro se apóiam na idéia de que a “amizade” é um bem, uma fonte de segurança, assim como uma fonte de energia.

Nas argumentações de Epicuro encontra-se também o risco que envolve o tema da “amizade”: “No que se refere à amizade, não há que apreciar nem os que estão sempre dispostos nem os que recuam, pois que por ela se devem afrontar os perigos” (EPICURO, 1988, p.20).

Partindo para a vida social romana, nossa direção se volta para a diferenciação entre *Eros* e *philia*. Como mencionado anteriormente, “a tradição platônica da *philia* acaba com Platão” (ORTEGA, 2002, p.48). A temática da “amizade” em Roma e o termo latino *amicitia* (“amizade”) assemelham-se ao grego *philia* (ORTEGA, 2002), e possivelmente o ponto divergente refere-se à relação baseada na afeição livre. Dessa forma, como afirma Ortega (2002), encontramos em Cícero o primeiro discurso sobre a “amizade”:

A mim parece, com efeito, **que a natureza nos moldou para vivermos em sociedade e tais laços se estreitam na medida em que estamos mais próximos uns dos outros.** Preferimos assim os concidadãos aos estrangeiros, os parentes aos estranhos. Entre parentes existe, de fato, uma amizade criada pela própria natureza, mas falta-lhe suficiente firmeza.

[...] Qão forte seja a amizade, vemo-lo perfeitamente ao observar que, das relações infinitas dos seres humanos, formadas pela natureza, a verdadeira amizade separa uma sociedade limitadíssima, de sorte que a afeição se restringe a duas pessoas, ou poucas mais. **Pois a amizade nada mais é que o acordo perfeito de todas as coisas divinas e humanas, acompanhando de benevolência e afeição, e creio que, exceto a sabedoria, nada de melhor receberam os homens dos deuses** (CÍCERO, 2001, p.27-28, grifo nosso).

Assim, considerando o valor de suas afirmações, podemos dizer que Cícero aborda o afastamento da “amizade pessoal-filosófica do tipo grego na amizade político-utilitarista da tradição romana” (BALDINI, 2000, p.18). Segundo Ortega (2002), a prática social da “amizade” era maior na sociedade romana. Em relação, à “amizade ciceroniana”, observamos uma “série de regras, normas e conselhos sobre a amizade”. Temos aqui algumas de suas formulações: “a amizade é um fato natural”, que existiria entre os homens de bem, sendo “superior ao parentesco”, e gerado pela virtude, baseada na comunhão de pensamentos e vontades (BALDINI, 2000, p.18-19).

Podemos vislumbrar nas palavras de Cícero algumas características da “amizade”: “a amizade encerra em si inúmeras utilidades. Para onde quer que te voltes, lá está ela a teu alcance; não há lugar onde não esteja; nunca é intempestiva; nunca é molesta.” (CÍCERO, 2001, p. 31-32). Apesar de mencionar as “inúmeras utilidades” da “amizade”, o filósofo alerta para uma “amizade” vulgar e medíocre. Neste caso, Cícero chama a atenção para uma “amizade” verdadeira e perfeita:

Eis, pois, que a amizade apresenta vantagens numerosas e importantíssimas; mas a que a todas ultrapassa é a de inspirar uma doce confiança no futuro sem permitir que os ânimos desfaleçam ou sucumbam. Assim, **quem contempla um amigo verdadeiro contempla como que uma imagem de si mesmo** (CÍCERO, 2001, p.32-33, grifo nosso).

Outra questão importante que merece nossa atenção nos diálogos de Cícero diz respeito ao amor. Isto significa compreender que: “a amizade não é fundada nem no prazer nem na utilidade, mas no amor” (CÍCERO apud BALDINI, 2000, p.19):

Pois o amor, que dá nome à amizade, é o primeiro impulso que conduz à benevolência. Quanto às vantagens, sucede que sejam obtidas até mesmo de pessoas para com quem se simula a amizade em certas circunstâncias. Ora, na amizade não há simulação nem fingimento algum: **a amizade é tudo aquilo que é verdadeiro e voluntário.** Penso, pois, ser a natureza e não a indigência a fonte da amizade, **uma propensão da alma acompanhada por um sentimento de amor,** nunca o cálculo do proveito que dela se auferirá (CÍCERO, 2001, p.38-39, grifo nosso).

Pode-se dizer que a questão principal que atravessa o pensamento de Cícero aponta um mundo onde não há vida sem “amizades”. Nas suas palavras:

[...] todos julgam que de modo nenhum há vida sem amizade, ao menos que queiram viver dignamente. A amizade, de fato, infiltra-se não sei como em todas as existências e jamais permite que uma vida se organize sem ela. [...] Se um deus nos arrebatasse do convívio dos homens e nos instalasse em lugar solitário, fornecendo-nos ali, em abundância, tudo o que exige a natureza, mas privando-nos inteiramente da vista de outro ser humano, quem seria tão insensível a ponto de suportar semelhante existência e impedir que a solidão o privasse do gozo de todos os prazeres? [...] **Em verdade, as relações de amizade são múltiplas e variadas, ensejando muitos motivos de suspeita e ofensa; saber evitá-los, atenuar-lhes os efeitos ou suportá-los é próprio do sábio** (CÍCERO, 2001, p. 99-101, grifo nosso).

Podemos aqui trazer também um filósofo que exerce grande influência na temática da “amizade”, Sêneca (4 a.C. – 62 d.C.), que reconhece a “amizade” como um bem por si mesmo e é inclusive capaz de despertar no “amigo” o desejo da virtude (BALDINI, 2000).

Um pouco antes de sua morte Sêneca mergulha na filosofia inspirado pela personalidade de Lucílio, um amigo que, segundo Sêneca, possuía uma qualidade essencial a *fides* - a lealdade e a fidelidade que teve com seus amigos. Sêneca, através de correspondências de “amizade” com Lucílio, expõe seus princípios sobre a *amicitia*. Assim

como Cícero, Sêneca traça a “amizade” como um sacerdócio e declara: “A amizade nos faz partilhar tudo; [...] Não se pode viver feliz se só se olha para si mesmo, quando só se pensa no interesse pessoal. É preciso viver para outrem se se quiser viver para si mesmo” (SÊNECA, 2007, p.12-13). Podemos considerar que *Cartas a Lucílio* é a obra prima de Sêneca. Na carta III, Como escolher um amigo, o filósofo afirma:

Empregas essa palavra como um termo banal, e chamas esse homem de amigo como damos a todos os candidatos a qualidade de “homens honrosos”, [...] Mas se tu vês um homem como amigo sem teres nele tanta confiança quanto em ti mesmo, tu te enganas muito e só tens uma vaga idéia do valor da verdadeira amizade.

Com o teu amigo, deves abordar todos os temas. Mas o primeiro assunto das tuas reflexões deve ser o teu próprio amigo. **Depois de concedida a amizade, é preciso haver confiança**; é antes que se deve fazer um julgamento. Invertemos a ordem natural dos deveres dele, quando julgamos depois de ele ter dado a sua amizade em vez de ele dar a sua amizade depois de termos formado uma opinião [...]. Reflete por muito tempo para saberes se deves escolher alguém como amigo. Mas uma vez tomada a tua decisão, ama-o do fundo do coração: conversa com ele tão livremente quando contigo mesmo. [...] **é com teu amigo que deves dividir todas as suas preocupações, todos os teus pensamentos** (SÊNECA, 2007, p.31-32, grifo nosso).

Segundo Baldini (2000), em Sêneca, pode-se encontrar uma ampla referência sobre a amizade nas *Cartas a Lucílio*. Parte da discussão do texto questiona as “amizades” de circunstância: “O amigo escolhido por interesse só agradecerá enquanto for útil” (SÊNECA, 2007, p.41). E ainda faz uma afirmação austera: “É fatal que amizades desse tipo acabem como começaram: quando escolhemos um amigo pelo que ele pode dar-nos, um dia teremos de sacrificar a amizade por uma vantagem que pusemos acima da própria amizade” (SÊNECA, 2007, p.41).

Nas considerações seguintes, Sêneca interroga: “Qual é o meu objetivo, quando faço uma amizade?” (SÊNECA, 2007, p.41):

O que o leva à amizade não é o interesse próprio, mas o instinto. A mesma suavidade natural que encontramos em alguns outros sentimentos nos

leva a procurar a amizade e a companhia do outro. **O homem detesta a solidão e por natureza vai em direção ao próximo; nele também há um impulso que o leva a procurar a amizade** (SÊNECA, 2007, p.43, grifo nosso).

Queremos aqui também, de forma breve, sinalizar as principais influências de tais concepções no desenvolvimento do pensamento moderno e assim recuperar e discutir algumas concepções para promover uma melhor reflexão sobre a temática de nossa pesquisa. Que “amizade” é esta de que se fala na rede virtual?

Dentre as principais questões abordadas o pensamento da Idade Moderna, Ortega (2002, p.103), considera que: “a modernidade é identificada como um processo de crescente decomposição do espaço público, de privatização e des-politização”. Ao apresentar uma reflexão sobre esse tema no pensamento moderno, Ortega (2002, p. 106) conclui que: o “processo de desaparecimento da sociabilidade pública, de esvaziamento do espaço público, corresponde o surgimento da família moderna, a qual monopolizou outras formas de sociabilidade”.

Assim, do ponto de vista de Ortega (2002):

A amizade sofreu um declínio progressivo, correlato desse processo de despolitização e de familiarização, pois durante a Idade Moderna, ela fazia parte – para além dos laços familiares – de redes de sociabilidade e de convivialidade em uma sociedade com uma forte vida pública e um complexo tecido relacional. A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer. Nosso apego exacerbado à interioridade, a “tirania da intimidade”, não permite o cultivo de uma distância necessária para a amizade, já que o espaço da amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado – espaço da liberdade e do risco (p.161-162).

Podemos tentar a partir de agora, resumir algumas das concepções tratadas nessa breve genealogia da “amizade”. Assim, podemos esquematizar resumidamente tais considerações para nossa investigação, deste modo:

Explorando os diálogos de *Lisis* em Platão, foi possível examinar os impulsos e sentimentos que motivam o homem na procura do “amigo”. Ao que parece indicar, o filósofo não deixa tão clara a distinção entre *Eros* e *Philia*, mas de qualquer forma, um pressuposto fundamental seria caracterizar a “amizade” como algo inerente aos humanos e caracterizada pela reciprocidade, semelhanças e dessemelhanças.

Na maioria dos textos de Aristóteles encontramos a maior parte das considerações fundamentais para o entendimento de nossa investigação sobre o conceito de “amigo”, dentre elas podemos destacar sua declaração de que a natureza humana é destinada a viver-com-os-outros. Com base nessa suposição, a ação humana deseja e busca a companhia dos “amigos”, levando-os a compartilhar. Além disso, Aristóteles aborda a distinção das três dimensões do que poderíamos entender por “amizades”, sejam elas baseadas na virtude, no agradável e no interesse. De qualquer forma, para o filósofo, essas três formas de viver a “amizade” seriam constituídas de “amor mútuo”, seja pelas “amizades acidentais” – utilidade ou prazer ou na própria virtude. De certo modo, Aristóteles qualifica a “amizade virtuosa” como uma “amizade” perfeita, uma “amizade” rara e duradoura, defendida pelo filósofo como um princípio básico da virtude dos homens bons. Ao apresentar uma ampla reflexão sobre a natureza da “amizade”, o filósofo examina também à distância, o convívio, assim como o número de “amigos” que deveríamos possuir. Acreditamos que parte dessa discussão será posteriormente recuperada para a análise de nossa investigação.

As argumentações de Epicuro recuperam as idéias de Aristóteles sobre a felicidade na aquisição de “amigos”, pois apesar de utilitária, a “amizade” é um bem para a felicidade.

Parte das considerações de Cícero fundamenta-se na importância de examinar a “amizade” como um fato natural, onde a força da “amizade” é gerada pela virtude, na verdade e no amor (BALDINI, 2000).

Já nos discursos de Sêneca podemos encontrar a “amizade” vinculada ao ato de compartilhar, afirmando que a felicidade estaria associada ao viver para o outro, e se distanciando do interesse pessoal.

O tema da “amizade” visto pelos filósofos escolhidos para a pesquisa desperta nosso interesse na medida em que diz respeito aos novos vínculos virtuais vividos em nossa experiência cotidiana. Assim, algumas discussões filosóficas levaram-nos a uma reflexão sobre os valores e sentidos dados para a definição de “amigo”. Não tivemos aqui a pretensão de encerrar as formulações do conceito de “amizade” nessa breve genealogia, apenas traçar um panorama que possa contribuir para as diversas traduções do conceito de “amigo”, utilizadas no campo das “amizades” virtuais na contemporaneidade. Esperamos assim ampliar o caminho para as nossas discussões e compreensão desse novo fenômeno que faz parte do nosso coletivo.

3 ALGUNS CONCEITOS DA TEORIA ATOR-REDE

“Ciência e tecnologia são aquilo que socializa não-humanos para que travem relações humanas.” (LATOURE, 2001, p. 222)

Nossa pesquisa segue as diretrizes da Teoria Ator-Rede¹⁹, na tentativa de acompanhar os movimentos desse coletivo híbrido²⁰ materializado na rede do *Facebook*, sem categorizar *a priori* o que vem a ser amizade virtual. Neste capítulo apresentaremos a fundamentação teórica da Teoria Ator-Rede, uma “teoria alternativa”, que propõe uma investigação que, não pretende explicar o que está acontecendo nas redes, mas acompanhar a leitura desse mundo de misturas heterogêneas no qual estamos envolvidos. A partir dos fundamentos da TAR: “o que compõe o social, não é simplesmente humano” (LAW, 1992, s.p.).

De modo simples, podemos dizer que a proposta da TAR seriam as “descrições dos modos de construção e dos modos de existência coletivos” (ARENDRT, 2008, p.9).

Como mencionado anteriormente, nosso maior desafio será percorrer essa rede sem a pretensão de fornecer qualquer “explicação social” (LATOURE, 2008b) dessas novas redes de amizades virtuais. Nossa tarefa aqui será rastrear essa engenharia do *Facebook* que ilustra “um tecido sem costura” (LATOURE, 2004, p.30) – de atores humanos e não humanos e a complexidade de suas conexões – na tentativa de compreender a composição desse coletivo.

Nosso leitor será testemunha do nosso modo de acompanhar os desdobramentos da composição de nossa rede na tentativa de seguir os diferentes tipos de conexões. Segundo Latour (2008b, p.28, tradução nossa):

¹⁹ A sigla TAR [Teoria Ator –Rede] ou em inglês ANT [Actor-Network-Theory]. Na definição de Law: “a teoria ator-rede [...] nega que pessoas sejam *necessariamente* especiais” (LAW, 1992, s.p.).

²⁰ Coletivo híbrido: “são todas coisas-seres, misturas de natureza e de cultura, com as quais lidamos cotidianamente” (CHAGAS & PEDRO, 2008, p.14-15). Na formulação de Arendt (2008 p.9): “As relações entre humanos e não-humanos estariam tão enredadas que não seria possível separá-las”.

De acordo com o lema da TAR, devemos "seguir os atores mesmos", ou seja, tratar de pôr em dia com suas inovações muitas vezes loucas, para aprender com eles no que se tornou a existência coletiva nas mãos de seus atores, que métodos foram desenvolvidos para fazer com que tudo se encaixe.

Na compreensão de Latour (2004, p.208): “O coletivo não se define senão por seu movimento” e com isso queremos apontar para esses deslocamentos que envolvem a rede sempre difusa e irregular. Conforme destaca Latour (2004, p.248): “O coletivo [...] não é uma coisa no mundo, um ser com limites fixos e definitivos, mas um movimento de colocar em coesão provisória, que deve ser retomado a cada dia”.

As contribuições feitas por Tarde²¹ parecem endossar a fundamentação teórica de Latour (2008b) que reconhece em Tarde algumas das suas reformulações sobre o “adjetivo social” tão empregado em nossa sociedade. Nas palavras de Latour (2008b, p.30, tradução nossa):

[Tarde] sustentou vigorosamente que o social não constituía um domínio especial de realidade, mas um princípio de conexões; que não havia motivo para separar o ‘social’ das outras associações, como os organismos biológicos ou até mesmo os átomos; [...] Acima de tudo, Tarde concebia o social, não como um tipo específico de organismo, mas como fluido em circulação que se devia observar com novos métodos.

Seguindo as idéias de Law (1992) e Latour (2008b), é possível entender que o social seria o um produto de um conjunto de associações, onde humanos e não humanos se juntam, se agenciam em movimentos que se fazem e se refazem. Podemos afirmar também que Latour (2008b) se aproxima da filosofia de Deleuze e Guattari²² (2009) ao associar idéia da rede ao conceito de rizoma, onde estamos sempre marcados por uma composição.

²¹ “Para os seguidores de Tarde tratar-se-ia de descrever concretamente, continuamente, redes, vínculos, conexões, o pequeno explicando o grande” (ARENDRT, 2008 p.9).

²² Podemos afirmar que a noção de rede da TAR é similar a noção de rizoma elaborada por Deleuze e Gauattari (2009), pois “na rede não há unidade, apenas agenciamentos; não há pontos fixos, apenas linhas” (FREIRE, 2006, p.56). Segundo os autores: “Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p.22).

O conceito de ator²³ é definido por Latour como tudo que deixa um traço, seja ele humano ou não-humano, o ator produz efeito no mundo. Seguindo sua perspectiva, ao fazer uso da palavra ator, queremos dizer “que nunca está claro quem e o que está agindo quando agimos” (LATOURE, 2008b, p.73, tradução nossa). No nosso entendimento, as relações humanas sempre se estenderam a outros actantes²⁴, que conseqüentemente formam coletivos (LATOURE, 2001).

De acordo com Castro (2008, p.12):

A afirmação contida no referido conceito [Ator-Rede (Law, 1992)] é que cada um dos “nós” que compõem a rede constitui um ator; este ator é, ao mesmo tempo, uma rede em si, já que se compõe a partir de conexões, e estabelece conexões outras além daquelas que estão em foco.

Para compreender os fenômenos sociais na perspectiva da TAR, somos conduzidos ao conceito de redes sociotécnicas, que “envolve a idéia de múltiplas conexões que nos permitem acompanhar e delinear a produção dos fenômenos” (PEDRO, 2010, p.81). Na concepção de Callon (2004, p.71), rede sociotécnica pode ser definida como:

um conjunto de atores que, tendo participado de uma maneira ou de outra, no mais das vezes de maneira modesta, à concepção, à elaboração e à adaptação da inovação, se vêm partilhar um mesmo destino, pertencer ao mesmo mundo: seus interesses, suas ações, seus projetos foram progressivamente ajustados, coordenados. Tais redes mesclam humanos e não-humanos e é isso que faz sua força e sua robustez.

²³ O que é um ator? “o que não deixa traço não pode ser considerado um ator. Ou seja, somente podem ser considerados atores aqueles elementos que produzem efeito na rede, que a modificam e são modificados por ela e são estes elementos que devem fazer parte de sua descrição. Porém, não há como anteciparmos que atores produzirão efeitos na rede, que atores farão diferença, senão acompanhando seus movimentos” (FREIRE, 2006, p.55). Nas palavras de Latour (2008b, p.74, tradução nossa): “Se diz que um ator é um *ator*-rede em primeiro lugar para sublinhar que representa a maior fonte de incerteza a respeito da origem da ação”.

²⁴ Sobre o termo actante: “Uma vez que, em inglês, a palavra ‘*ator*’ (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes ‘*actant*’ (atuante), termo tomado à semiótica, para incluir não-humanos na definição” (LATOURE, 2001, p.346).

Para uma melhor compreensão desse conceito-chave de redes sociotécnicas e os efeitos produzidos, Pedro (2010, p.81-82) configura uma definição que parece mostrar a dimensão dessas redes:

[O conceito de redes sóciotécnicas] Trata-se de uma configuração altamente instável e dinâmica, com trocas intensas entre os vários pontos, conexões e atores. Na rede, cada elemento é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças e arregimentar outros atores; uma rede, capaz de, a partir de seus movimentos, redefinir e transformar seus componentes. Um ator é, assim, uma rede configurada a partir de relações heterogêneas, ou seja, ele é *um efeito de rede* que, por sua vez, participa da composição de outras redes.”

A questão de nosso estudo se desloca para o efeito heterogêneo e híbrido de atores humanos e não-humanos que se agenciam. A noção de rede sociotécnica é também explorada por Pedro (2010, p.80) nessa passagem:

os objetos técnicos que permeiam nosso cotidiano não são aqui concebidos como meros instrumentos a serviço da sociedade ou como suporte de algo que lhes é externo. São agentes/*actantes* capazes de engendrar transformações que ultrapassam o âmbito técnico-instrumental, participando da configuração de processos que não mais podemos definir como estritamente sócio culturais – passamos a nos referir a eles, doravante, como sóciotécnicos.

A partir da visão de Latour, pretendemos compreender como se configuram as novas amizades virtuais, através da narrativa dos porta-vozes e o que isso produz no coletivo.

Devemos aqui atentar que, no campo das amizades virtuais, precisamos segundo Lemos (2010), buscar diferentes modos de mediação para que nossa investigação possa cumprir a sua tarefa de rastrear as várias evidências da coletividade. Desse modo, podemos seguir a argumentação de Law (1992, s.p.): “de que quase todas nossas interações com outras pessoas são mediadas através de objetos [...] Nossas comunicações com outros são mediadas por uma rede de objetos [...] o argumento é que essas várias redes participam do social”.

Desta forma, podemos afirmar que “a relação homem-mundo é mediada pela técnica” (LEMOS, 2010, p.4), como o autor argumenta:

Mediação é o diálogo ou a ação entre os diversos atores onde não há causalidade facilmente identificável. Ela se dá de acordo com os modos, ou seja, ela é uma ação a partir da maneira pela qual se dá o processamento, a troca, o consumo e a produção infocomunicacional local entre os atores. (LEMOS, 2010, p.4).

Pensar a partir da TAR, segundo Latour (2008b), é permitir que os atores possam ser os etnógrafos dessa composição, e assim não falaremos aqui no lugar dos atores, mas ouviremos suas vozes, observaremos como é constituída essa rede na tentativa de deixá-los definir a paisagem desse mundo em construção.

Na diversidade dessa rede, nossa investigação coloca em cena a apropriação que cada ator faz da rede, de um território híbrido e acidentado, sabendo que o engajamento que cada um faz é diferente.

Os porta-vozes de nossa investigação serão os atores, que “estão sempre ocupados na tarefa de definir o mapa do ‘contexto social’ ” (LATOURE, 2008b, p.54, tradução nossa). Ressaltamos a importância do porta-voz que, segundo Latour (2000, p.120), “literalmente fala em lugar de quem ou do que não pode ou não sabe falar”. Segundo o autor, “na prática, não há muita diferença entre pessoas e coisas: ambas precisam de alguém para falar em seu lugar. Do ponto de vista do porta-voz, portanto, não há por que fazer distinção entre representar pessoas e representar coisas” (LATOURE, 2000, p.120). O que temos aqui é a força de seus representantes, daquilo que eles representam (LATOURE, 2000).

Nossa preocupação consistirá em mapear a composição dos grupos de amigos virtuais e entender em que modalidade está sendo produzida. Queremos olhar para o processo de agenciamento desse coletivo e não apenas definir, sabendo de antemão que estaremos numa rede difusa e problemática. Como afirma Latour (2008b, p.59, tradução nossa): “os

vínculos sociais têm que ser rastreados *seguindo a circulação* de distintos veículos que não podem substituir-se entre si”.

A TAR sugere seguir os atores e para isso ela propõe que “nos alimentemos de incertezas” (DIAZ, 2010). Num primeiro momento, nossa atenção estará voltada para a formação de grupos de amizade, acompanhando seus movimentos, os procedimentos envolvidos em suas formas de agenciar o coletivo. A partir dessa primeira incerteza, que diz respeito à natureza dos grupos, pretendemos apreender como são feitos e desfeitos os laços de amizades e suas formações contraditórias (LATOURE, 2008b) nos dispositivos da rede do *Facebook*. Na afirmação de Latour (2008b, p.49, tradução nossa):

Assim, a escolha é clara: seguimos os teóricos sociais e começamos nossa viagem definindo à princípio em que tipo de grupo e nível de análise nos concentraremos ou seguimos os próprios caminhos dos atores e começamos nossa viagem seguindo os rastros deixados por sua atividade de formar e desfazer os grupos.

Nossa exploração seguirá os rastros das conexões estabelecidas acerca da formação dos grupos de amigos *on line*: como é estabelecida essa configuração? Neste sentido, Latour (2008b, p.52, tradução nossa) afirma que: “As formações de grupos deixam muitos mais rastros que as conexões já estabelecidas que, por sua vez, poderiam manter-se mudas e invisíveis”.

Nesse ponto, encontramos a segunda fonte de incertezas, segundo Latour (2008b, p.69, tradução nossa), que se refere à “natureza heterogênea dos ingredientes que compõem os vínculos sociais”. A natureza das ações não são dadas de antemão, são desviadas: “em cada curso de ação uma ampla variedade de agentes parece interferir e deslocar os objetivos originais” (LATOURE, 2008b, p.40, tradução nossa). Encontramos um conjunto de ações que precisam ser vagarosamente desembaraçadas:

Para que as ciências sociais recuperem seu impulso inicial, é crucial *não* fazer confluír todas as forças que se apoderam da ação em algum tipo de agência – “sociedade”, “cultura”, “estrutura”, “campos”, “indivíduos” ou o nome que se dá – que seria social. A ação deve seguir sendo uma surpresa, uma mediação, um evento [...] devemos nos mover muito lentamente (LATOURE, 2008b, p.72, tradução nossa).

Já a terceira fonte de incertezas refere-se à natureza dos objetos, cabendo atentar para a “capacidade de ser agente de todo tipo de objetos” (LATOURE, 2008b, p.113, tradução nossa). Verifica-se, a partir dessa incerteza, a necessidade de incluir a denominação de coletivo para definir a sociedade. Para Latour (2008b), devemos estar dispostos a reconhecer as conexões entre sujeitos e objetos, não admitindo uma assimetria entre atores heterogêneos. De acordo com Latour (2001):

O jogo não consiste em estender a subjetividade às coisas, tratar humanos como objetos, tomar máquinas por atores sociais e sim *evitar a todo custo o emprego* da distinção sujeito-objeto ao discorrer sobre o entrelaçamento de humanos e não-humanos. O que o novo quadro procura capturar são os movimentos pelos quais um dado coletivo *estende* seu tecido social a *outras* entidades (p. 222).

A quarta incerteza sugere a investigação da natureza dos fatos: na perspectiva da sociologia das associações, nosso propósito não será oferecer explicações prontas do que são as amizades virtuais, mas antes identificar os vínculos que participam de sua configuração e que, como afirma Latour (2008b), são fontes de disputas constantes. São questões de fato, são enunciados, à medida que são interessantes. “Que um fato seja perturbador não significa, de maneira alguma, que ele seja objetivo ou certo, nem mesmo indiscutível. Ao contrário, ele agita, perturba, complica, faz falar, suscita talvez uma viva controvérsia” (LATOURE, 2004, p. 181).

Por onde podemos começar? Como seguir os atores através do dispositivo que materializa nossa investigação? Ao chegar, na quinta incerteza, somos lembrados da arriscada

tarefa de ordenar a movimentação dos atores na multiplicidade dos diferentes materiais de seus informantes. Chegamos assim, a um grande impasse:

Nunca chegaremos a meta! Como podemos absorver tantas controvérsias! Uma vez chegados a este ponto, é grande a tentação de abandonar, desesperadamente, e retroceder a teorias sociais mais razoáveis [...] este tipo de ciência para *esse* tipo de social deve avançar tão lentamente como o impõe a multiplicidade de objeções e objetos que tem que registrar em seu caminho. (LATOURE, 2008b, p. 177, tradução nossa).

Para dar conta desse objetivo, nosso projeto tem que ser viável, e neste sentido, queremos rastrear nossos atores e os efeitos de amizade que são produzidos nessas redes para cumprir o tempo necessário, sem abandonar nossa tarefa. Dentre as incertezas sugeridas por Latour, optamos por examinar apenas duas delas na esperança de fazer um desenho da rede *Facebook*, incertezas que se aplicam à **natureza dos grupos** e a **natureza de suas ações**. Diante desses dois roteiros possíveis, acreditamos que a abordagem de Latour possa nos ajudar na construção de um mapa das formações e ações no campo das amizades virtuais.

Na tentativa de analisar a maneira pela qual essa rede se agencia, somos conduzidos ao conceito de tradução que se refere ao engajamento que cada ator faz de forma diferenciada, suas ações e suas práticas. Nas diferentes visões de nossos porta-vozes, queremos observar as interações não só com os objetos, mas também com outros humanos. A noção de tradução é importante porque não existe uma conexão mais verdadeira entre elementos, sempre há uma interação diferenciada. Acompanhando nossos atores, podemos perceber que as conexões são sempre jogos de tradução e as traduções se apresentam diferenciadas nas diferentes conexões. Tradução²⁵ (ou translação) seria então “a interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e aos das pessoas que eles alistam” (LATOURE, 2000, p.178). Segundo Pedro (2010, p.80-81), tradução “designa a apropriação singular que cada ator faz da rede e na rede.

²⁵ Para Law (1992) a TAR poderia ser definida como a sociologia da tradução.

A multiplicidade das traduções pode encontrar nas controvérsias uma oportunidade de expressão, que o método da cartografia permitiria delinear”. Nesse enfoque, a autora acrescenta:

Tradução não significa apenas a mudança de um vocabulário para outro, mas, antes de tudo, um deslocamento, um desvio de rota, uma mediação ou invenção de uma relação antes inexistente e que, de algum modo, modifica os atores nela envolvidos – logo, que modifica a rede. É importante, portanto, ressaltar que as traduções são sempre imperfeitas, pois significam a apropriação local que cada ator faz do que circula na rede. Portanto, não há traduções “certas” ou “erradas”, nem qualquer tradução deve ser tomada como “indiscutível. (PEDRO, 2010, p.83)

De acordo com Latour (2008b), precisamos acompanhar nossos atores em suas ações híbridas cheias de incertezas e buscar um método minimalista para traçar seu desenho. Para entendermos melhor, aplicaremos a metodologia proposta por Latour (2005 apud PEDRO, 2010)²⁶ – a “cartografia das controvérsias”²⁷. Acreditamos que sua utilização como método possa nos orientar diante das diferentes maneiras pelas quais esses atores se articulam e se deslocam. Enfatizamos o estudo das controvérsias como uma orientação metodologia que permite acompanhar as ações e práticas dos actantes. Com efeito, podemos seguir os conselhos de Latour (2000) e nas concepções de nosso coletivo, “partiremos da mais simples das situações possíveis: a situação em que alguém faz uma afirmação e o que acontece quando outros acreditam nela ou não” (LATOUR, 2000, p.40).

Desse modo, as controvérsias serão forças para desprender e reagrupar o fluido das associações da atualidade, para que ao final, das águas turbulentas desse oceano (LATOUR,

²⁶ LATOUR, B. La cartographie des controverses. 2005. Disponível em: <<http://www.technologyreview.fr/?id=65>>. Acesso em 03/07/2007.

²⁷ Para Nobre (2009, p.87): [A análise de controvérsias] “parece sintonizada com o pressuposto de que procedimentos experimentais e regras objetivas não são suficientes para resolver disputas sobre fatos – vemos uma imbricação de humanos e não-humanos a construir a existência. Em sintonia com o referencial das redes, sempre que ocorre a resolução de uma controvérsia ou disputa nessa área, tal resolução é alcançada a partir de pressões, acordos que não incluem apenas os conhecimentos aceitos, mas também os interesses e objetivos dos humanos, bem como a mobilização de não humanos que lhes servem de ‘aliados’. Conhecimentos e humanidades, natureza e sociedade se misturam em meio à controvérsia e sua possível resolução. Uma engenharia bastante heterogênea é produzida”.

2008b), seja possível desenhar um mapa. Sem a pretensão de interromper o “fluxo das controvérsias” (LATOUR, 2008b), queremos partir delas para investigar a construção desse coletivo.

Latour (2008b) alerta que a viagem através da TAR deverá ser lenta, angustiosamente lenta, como o autor gosta de frisar. De início, nossa direção será observar os vínculos incertos e frágeis dessa rede, e as controvérsias que estão presentes nesta constituição. Nossa viagem seguirá os grupos de atores humanos e não humanos na tentativa de remontar as incertezas das amizades virtuais. Começaremos nosso trabalho com algumas perguntas: o que significa amizade virtual? Como é definido esse tipo de amizade nessa rede?

Em suma, como já dissemos anteriormente, nossa proposta, diferentemente da perspectiva da psicologia social tradicional, pretende aqui apontar para uma visão dos coletivos híbridos proposta por Latour, do entrelaçamento entre humanos e não-humanos, da sua construção e desdobramentos de suas ações e suas práticas. Nosso intuito será apenas acompanhar e delinear as conexões que confluem para a produção das amizades *on line*. E assim nas palavras de Latour (2008b, p.41, tradução nossa): “é chegado o momento de olhar com muito mais cuidado o tipo de agregados reunidos desse modo e as maneiras em que estão relacionados”. Sabemos que nenhum texto ou artigo será suficiente forte para calar as controvérsias (LATOUR, 2008b). E é a partir desse olhar que reside nossa investigação. O autor ainda complementa:

Temo dizer que viajar com a TAR resultará em algo terrivelmente lento. Os movimentos se mostrarão constantemente interrompidos, [...] o especialista na TAR, tem que se esforçar como uma formiga, carregando com seu pesado equipamento para gerar até a mais minúscula conexão. (LATOUR, 2008b, p. 45, tradução nossa).

4 AS AMIZADES VIRTUAIS E O FACEBOOK

4.1 AMIZADES VIRTUAIS

*“Eu quero ter um milhão de amigos / E bem mais forte poder cantar
Eu quero ter um milhão de amigos / E bem mais forte poder cantar”
(Roberto Carlos & Erasmo Carlos)²⁸*

Até que ponto as novas tecnologias favorecem a extrapolação das noções de espaço físico e social no que diz respeito às relações de amizade? Como as pessoas nomeiam o tipo de relação que se estabelece pela *Internet*²⁹? O que significa amizade³⁰ virtual?

Neste capítulo, procuraremos trazer algumas pesquisas que enfatizam as modalidades de interação que se apresentam nas redes sociais. Como um observador participativo, é possível ingressar num mundo interativo de amizades, recebendo mensagens das mais variadas formas, textos, poesias, eventos, fotos, vídeos via *youtube*, além do *Feed* de notícias – principais notícias e as mais recentes amizades dos seus amigos.

Apesar de o universo das redes na *Internet* fornecerem um cenário sobre as amizades virtuais, não encontramos um estudo apurado do que realmente pode ser definido com esse

²⁸ CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Eu quero apenas. Intérprete: Roberto Carlos. In: Roberto Carlos. [S.L.]: EMI, 1974. Disco sonoro.

²⁹ Os dados da reportagem de capa da revista *Veja* (8 de julho de 2009), “Sozinhos.com”, apontam para uma realidade no Brasil: “Em nenhum outro país as redes sociais *on-line* têm alcance tão grande quanto no Brasil, com audiência mensal de 29 milhões de pessoas. Mas ter milhares de amigos virtuais não deixa ninguém menos solitário. [...] Em nenhum outro país existe um entusiasmo tão grande pelas amizades virtuais” (SCHELP, 2009, p. 95). Com subtítulo “Nos laços (fracos) da internet”, um dos principais pontos a ser analisado pela reportagem é de que forma os usuários fazem uso dessa rede: “Elas usam essas redes para manter contato com amigos, conhecer pessoas – e paquerar” (SCHELP, 2009, p. 95). As controvérsias em torno da questão parecem, num primeiro momento, indicar que esses contatos seriam superficiais. Por outro lado, a reportagem aponta a utilidade dessas redes: “Os sites podem ser úteis para manter amizades separadas pela distância ou pelo tempo e para unir pessoas com interesses comuns”.

³⁰ A Revista *Super Interessante* (fevereiro de 2011) aponta para uma pesquisa em saúde humana na Universidade de Harvard desde 1937. O psiquiatra George Valliant que coordena este estudo há 30 anos, argumenta que “os amigos são o principal indicador de bem-estar na vida de alguém” (COSTA & GARATTONI, 2011, p.51). Os laços fortes de uma amizade previnem de uma série de doenças. Os cientistas descobriram que o hormônio da ocitocina, estimula as interações entre as pessoas. Diferentemente da adrenalina que aumenta o nível de estresse, a ocitocina reduz os batimentos cardíacos e a pressão arterial. Outros estudos na Universidade da Califórnia desenvolvem os estudos sobre o efeito das redes sociais no organismo, e à princípio parece que o hormônio da ocitocina estaria presente também em nossas amizades virtuais.

título. Muitas controvérsias podem ser encontradas, algumas pesquisas, mas permanece a questão: o que é amizade virtual?

Eu particularmente já não acredito nessa distinção online/offline, real/virtual: acho extremismo considerar que apenas as relações offline é que podem ser contabilizadas como suas amizades “reais”. Acredito, inclusive, que a Internet tenha contribuído para que as pessoas conheçam mais gente, saiam de casa e se encontrem: o fenômeno dos aplicativos baseados em geolocalização está aí para comprovar isso. Afinal, quem nunca recuperou um contato esquecido por causa das redes sociais? Ou começou uma amizade com aquele colega que apenas cumprimentava nos corredores, mas passou a seguir no Twitter e descobriu várias coisas em comum? Isso sem contar as relações que começam totalmente no virtual e depois partem pro real, rompendo as barreiras físicas (ah, e quem não se lembra de algum casal que se conheceu pela internet?) (OLIVEIRA, 2010).

As reflexões acerca das repercussões dessas redes de amizades virtuais são encontradas em Alex Primo (2009), que apresenta em seu *blog* “Dossiê Alex Primo” algumas considerações a esse respeito:

“Eu quero ter um milhão de amigos”. Quando Roberto Carlos entoava esses versos jamais imaginaria que esse seria um objetivo de muitos interagentes das futuras redes sociais online. Mas cabe perguntar: o que é um amigo, o que é a amizade? A pergunta pode parecer óbvia, mas não encontra consenso na história da filosofia e da sociologia. Na verdade, o entendimento do que é um amigo varia muito de época para época. (PRIMO, 2009, s.p.)

Na tentativa de compreender o que é amizade virtual ou amizade *on-line* na atualidade, seus limites e espaços e o que a diferencia ou não da amizade *off-line*, encontramos algumas pesquisas sobre relações sociais, comunidades virtuais, agregações sociais que tentam contextualizar essas novas modalidades de amizade. Segundo Lemos e Levy (2010, p. 104):

[...] essas relações de proximidade se *dão preferencialmente em agregadores de ferramentas sociais, os softwares sociais*, como o Orkut, no Brasil, ou Facebook, Multiply ou MySpace. Aqui, a relação se dá por vínculos afetivos a “amigos” adicionados ao seu portfólio social, criando uma comunidade individual de interesse pessoal que se liga a outras comunidades individuais

criando grafos de redes sociais, ou seja, relacionando comunidades a comunidades, pessoas a outras pessoas.

Segundo Recuero (2009, p.89), a interação mediada pelo computador constroi as redes sociais e gera laços sociais:

As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. Como essas formas de adaptação e auto-organização são baseadas em interação e comunicação, é preciso que exista circularidade nessas informações, para que os processos sociais coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo. Como a comunicação mediada por computador proporciona que essas interações sejam transportadas a um novo espaço, que é o ciberespaço, novas estruturas sociais e grupos que não poderiam interagir livremente tendem a surgir. Redes sociais, portanto, precisam ter capacidade de *adaptação*, pois têm *equilíbrio dinâmico*, constantemente redirecionado entre caos e ordem.

Na última década, os sites de redes sociais indiscutivelmente se tornaram um espaço para ampliar e fazer novas amizades, endossando a ideia de que a internet pode ser considerada uma das ferramentas mais poderosas no que diz respeito à amizade³¹. Para James Grimmelmann (2009) um site de rede social permite que você faça novas amizades e, ao mesmo tempo, aprofundar a sua conexão com seus atuais amigos. As redes de amizades estão transformando as relações humanas, transformando assim toda coletividade.

Em um estudo sobre as dinâmicas sociais no ORKUT, Recuero (2006, s.p.) analisa o pedido de amizade nesse dispositivo:

A interação reativa (Primo, 1998 e 2003) pode ser considerada social quando alguém solicita a outrem que seja seu amigo (pedido de amizade), pedido este que pode ser aceito ou negado unicamente; nas classificações que podem ser dadas aos amigos (que se dá sob a forma de concessão de estrelas, corações e gelos no sentido de “classificar” o amigo – denomina-se karma, no sistema - como legal, sexy, confiável e, até mesmo, declarar-se fã do amigo em questão); bem como classificar o indivíduo como “amigo”,

³¹ Segundo a reportagem da Revista Super Interessante (fevereiro de 2011): estudos apontam que “interagir com as pessoas, principalmente com amigos, é o que mais fazemos na internet” (COSTA & GARATTONI, 2011, p.55). Tanto os *heavy users* (pessoas que usam mais a internet) quanto os que utilizam menos a internet, ganharam ou ampliaram suas amizades consideravelmente chegando a atingir de 4,6% à 38%.

“conhecido”, “não conhecido ainda”, “melhor amigo”; e, por fim, no âmbito das comunidades moderadas, quando alguém solicita a entrada e o moderador aceita ou não. Trata-se de reação porque a ação, embora com reflexos sociais, constitui-se unicamente em um apertar de botões, sem que a outra parte possa manifestar-se a este respeito.

De acordo com Recuero (2009, p. 36), “a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais”. Vivemos atualmente relações mediadas pelas novas tecnologias, recheadas de diferentes elementos. Para Primo (2009), com as novas redes ganhamos novas formas de manter nossos amigos atuais e conhecer pessoas com interesses em comum, “a tecnologia nos permite conduzir essa multiplicação de interações” (s.p.). No entanto, o autor adverte que as relações mais íntimas ficam na maior parte do tempo restritas a poucos amigos e/ou família. Castells (2005, p.274) afirma que “a Internet é capaz de criar laços fracos, mas não de estabelecer laços fortes, em média, e é excelente para dar continuidade e para reforçar os laços fortes que se criam a partir da relação física”.

Primo (2009), em seu *blog*, desenvolve a idéia da força dos laços fracos³², ou seja, na medida em que permitir ter uma boa rede de laços fracos seria mais vantajoso, construindo assim um *networking*. Nas suas palavras: “a amizade passa a ser vista fundamentalmente de forma utilitária”.

O “conceito de amigo” para o *Facebook* foi utilizado como um enunciado para levar as pessoas a romper as fronteiras das informações pessoais. A palavra “amigo” é apresentada em diversas páginas do site e parece delinear a atmosfera da rede na busca de nós e conexões de amigos. Ao mesmo tempo, o criador do site reconhece que esse enunciado ficou sobrecarregado e que, no futuro, essas conexões de amigos serão estabelecidas através de

³² O sociólogo Mark Granovetter (apud RECUERO, 2009, p. 62), em seus estudos, descobriu que os laços fracos seriam mais importantes para a manutenção das redes sociais. Sobre referência, ver: GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *The American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, maio 1973.

diferentes graus (KIRKPATRICK, 2011). Atualmente já são estabelecidos graus: agora você pode classificar sua lista em familiares, melhores amigos, conhecidos, etc.

Grimmelmann (2009), em seu livro “Saving *Facebook*”, menciona que:

identidade, relacionamento e comunidade não são exclusivos de sites de rede social. Eles são elementos básicos de interação social, seja ela off-line ou on-line. Este desejo de sociabilidade é uma força altamente motivadora, sendo somente inferior, hierarquicamente à segurança e sobrevivência na Pirâmide de Maslow. (p.1159, tradução nossa).

4.2. O FACEBOOK

“*Nós vamos mudar o mundo. [...] Acho que podemos fazer do mundo um lugar mais aberto*”
(ZUCKERBERG apud KIRKPATRICK, 2011, p.52)

Apresentamos agora, de forma mais detalhada, o dispositivo tecnológico de nossa pesquisa³³: o *Facebook*. Buscamos evidenciar alguns fatos que marcaram o surgimento dessa nova ferramenta que têm transformado os avanços tecnológicos numa verdadeira criação coletiva. Passado algum tempo do seu nascimento, e depois de inúmeras reformulações, o *Facebook* tem sido apontado como a maior rede social da *Internet*.

4.2.1 Breve Histórico da Criação

Batizado originalmente como “*Thefacebook*”³⁴, este dispositivo foi criado como uma ferramenta de autoexpressão onde o conteúdo era criado pelos próprios usuários. Seu

³³ Nossa abordagem histórica está baseada em alguns livros, revistas, jornais e vídeos, desse modo, entre reportagens e entrevistas, procuramos nos aproximar de relatos e algumas fontes para apresentar os desdobramentos dessa rede de relacionamento que se expandiu nos últimos anos.

³⁴ O *Thefacebook.com* era uma inspiração dos livros de fotos dos estudantes *headshot* e dados bibliográficos distribuídos aos estudantes de Harvard. (GRIMMELMANN, 2009). A partir do dia 20 de setembro de 2005, a empresa tornou-se oficialmente *Facebook* e pouco tempo depois, o *Facebook* deixou de ser apenas um fenômeno universitário (KIRKPATRICK, 2011).

lançamento oficial se deu 4 de fevereiro de 2004 passando a se chamar posteriormente *Facebook*. Esse novo serviço era destinado aos estudantes de Harvard³⁵ sendo considerado como uma ferramenta básica de comunicação entre os amigos da faculdade. A maior diferença em relação aos outros sites era que, na maior parte dos convites, as pessoas eram conhecidas. Cada um que participasse dessa rede poderia acompanhar seus amigos e saber o que de alguma forma acontecia com eles.

Por volta de 2001, na Universidade de Stanford, já havia um serviço chamado *Club Nexus*, criado pelo estudante turco chamado Orkut Buyukkokten (KIRKPATRICK, 2011), que atualmente mantém um perfil no *Facebook*. Com o intuito de ser uma rede social aberta a qualquer pessoa, o Orkut foi lançado em 2004, duas semanas antes do *Thefacebook.com*. (KIRKPATRICK, 2011). Devemos considerar que:

O bem concebido Orkut [...]. De início, prosperou nos Estados Unidos e manteve-se firme diante da enorme onda do MySpace, mas por volta do final de 2004, e de maneira um tanto extraordinária, foi inteiramente tomado pelos brasileiros. Uma grande campanha popular para conseguir mais usuários no Brasil do que nos Estados Unidos despertou o entusiasmo dos jovens do país. Uma vez alcançada a meta, o serviço adquiriu um elenco nitidamente brasileiro e de língua portuguesa, [...]. O Orkut atual, ainda propriedade do Google, continua a ser uma das maiores e mais sofisticadas redes sociais do mundo, e os brasileiros ainda constituem mais da metade dos usuários. [...] em 2008, a sede do Orkut mudou-se para o Brasil (KIRKPATRICK, 2011, p.89-90).

A ideia central do criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg era mapear todos os relacionamentos, facilitando o processo de interconexão a fim de produzir, um grande “diagrama social”. Segundo o documentário “A Internet: *Facebook*”, produzido e divulgado pela *Discovery Channel* em 2011³⁶, a maior ambição de Zuckerberg era criar um serviço que

³⁵ O embrião do *Facebook* aconteceu num alojamento de estudantes em Cambridge.

³⁶ A INTERNET: Facebook. Direção: Discovery Channel. [S.l.]: Discovery Channel, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nNyOUjcP9e8&feature=share>>. Acesso em: 31 out. 2011.

capturasse a totalidade da conectividade, que poderia ser definido como a máquina definitiva de relacionamentos.

Ao comentar o surgimento do *Facebook*, o autor do livro “Bilionários por acaso”, Ben Mezrich (2010, p.102) afirma que a rede: “Era uma ferramenta realmente impressionante, que incrementava a cena social, fazendo com que tudo acontecesse mais rápido”. Um site que mantinha pessoas conectadas sem fronteiras físicas, que segundo seu criador mapeava os relacionamentos, que de alguma forma poderiam ser chamados de agregados da rede social.

Por outro lado, o autor do livro “O Efeito Facebook”, Kirkpatrick (2011, p.49) adverte: “Aderir a uma rede social que começou em Harvard poderia parecer perfeitamente natural para qualquer pessoa que tivesse uma opinião muito elevada de si mesma. E essa foi uma dinâmica muito importante nos primeiros tempos”.

Diante desse cenário, Mezrich (2010, p.128) também assinala que: “A universidade é a época da vida em que mais se fazem amizades”. Na mesma linha, Kirkpatrick (2011), aponta que o sucesso do *Facebook*³⁷ deve-se em grande parte ao fato de ter começado na faculdade, um período em que “as redes de relacionamento são mais densas, e é nessa época que as pessoas geralmente socializam com mais intensidade que em qualquer outro momento da vida” (p.48).

A cultura do *Facebook* é baseada na transparência³⁸, nossa identidade verdadeira é confirmada pelos nossos amigos. São eles que de alguma forma carimbam nosso passaporte para o *Facebook*. Na argumentação de Kirkpatrick (2011, p.230):

³⁷ Em seu início a adesão à rede estava vinculada à universidade.

³⁸ A proposta de transparência dessa rede pode abalar as relações íntimas (KIRKPATRICK, 2011), mas por outro lado, a expressão “intimidade ambiental” usada pela especialista em tecnologia Leisa Reichelt (2007, s.p. apud KIRKPATRICK, 2011, p.219-220) explica: “intimidade ambiental” é “ser capaz de se manter em contato com pessoas com um nível de regularidade e de intimidade que você normalmente não teria porque tempo e espaço conspiram para tornar isso impossível”. A autora declara em seu blog que essa intimidade agrega valor à vida das pessoas. Sobre isso, ver: REICHELT, L. Ambient Intimacy. Blog Disambiguity. [S.l.], 2007. Disponível em: <<http://www.disambiguity.com/ambientintimacy>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

Muitas pessoas já não trocam endereços de e-mail e números de telefone celular; elas apenas se procuram no Facebook. Esse recurso que permite encontrar as pessoas com facilidade é uma de suas virtudes mais inegáveis. Para alguns grupos, as pessoas que não estão no Facebook são consideradas, cada vez mais, inalcançáveis por amigos e conhecidos.

Sobre a transparência dos usuários do *Facebook*, Grimmelmann (2009) afirma que: “impulsos sociais não podem ser satisfeitos em condições de sigilo completo. Desempenho de identidade requer uma audiência; relações são impossíveis sem os outros”. (p.1159-1160, tradução nossa).

O nível de transparência proposto por Mark Zuckerberg aparece em seu *slogan* de criar um mundo mais “aberto e transparente” e, conseqüentemente, uma sociedade mais saudável dentro das premissas da “transparência radical”³⁹ (KIRKPATRICK, 2011, p.216).

No entanto, o autor assinala:

A quantidade de dados armazenados sobre nós no Facebook também levanta questões de políticas públicas acerca da privacidade. Será que a empresa – ou qualquer outra – deveria controlar e agregar tanta coisa dentro de sua própria infraestrutura? Ou esse trabalho deveria caber ao governo? As pessoas querem estar no controle de sua identidade digital. Mesmo que o Facebook faça promessas a respeito de como tratará nossos dados, como podemos estar seguros de que serão utilizados como dizemos que devem ser não só agora, mas também no futuro? Por tabela, e para seu benefício comercial, o Facebook disponibiliza os dados pessoais fornecidos pelos usuários para os anunciantes. A empresa e seus parceiros comerciais ficam sabendo diversas coisas sobre nós, mas, em geral, sabemos muito menos sobre isso e sobre exatamente como a empresa está usando nossos dados. (KIRKPATRICK, 2011, p.217-218)

³⁹ De alguma forma, você pode saber sobre mais seu amigo no *Facebook* do que em muitos anos de amizade *off-line*. O criador do *Facebook* se orgulha dos direitos de privacidade de quem vê suas informações, de um ambiente seguro, mas por lado Zuckerberg já teve que se pronunciar publicamente por especulações sobre a quantidade de dados armazenados na rede (KIRKPATRICK, 2011). Segundo Kirkpatrick (2011), a quantidade de dados armazenados no *Facebook* levanta algumas suspeitas sobre as questões de privacidade. De um modo geral o tema de privacidade é bastante recorrente neste site de relacionamento. Compreendemos que as configurações de privacidade do *Facebook*, estabelecem o acesso seletivo de informações pessoais. Acusada de compartilhar dados na internet, o recurso “Like” permite que outros sites tenham acesso as informações pessoais de seus usuários – formando um banco de dados com as preferências de membros do *Facebook* e assim podem oferecer produtos personalizados aos usuários desta rede.

Outro ponto de considerável importância é a postagem de fotos. Podemos então considerar que essa nova ferramenta revelou um “transe *Facebook*” (KIRKPATRICK, 2011, p.169), que envolvia curiosidade e até voyeurismo. O autor do livro “O Efeito *Facebook*” levanta também outras questões interessantes sobre uma possível sociedade de controle:

Quando você pergunta às pessoas o que pensam sobre a transparência, algumas têm uma imagem negativa em suas mentes – a visão de uma sociedade de controle. É possível pintar futuros realmente distópicos. A transparência será usada para centralizar o poder ou para descentralizá-los? Estou convencido de que a tendência em direção a uma maior transparência é inevitável, mas, para ser honesto, não sei como termina essa outra parte [se estaremos ou não sujeitos a uma vigilância permanente] (KIRKPATRICK, 2011, p.344).

Com os avanços tecnológicos, mais um serviço foi implantado no *Facebook*, desde 2010 nos USA, o *Places* – um serviço de localização. Com ele, os usuários podem rastrear onde estão seus amigos e onde ocorrem eventos e serviços dos mais variados. Essa nova ferramenta poderia ser ativada pela versão móvel da rede social (FACEBOOK, 2010). Apesar das controvérsias já citadas, o número de usuários do *Facebook* vem crescendo a cada ano: em 2010, eram em torno de 500 milhões⁴⁰ (GHEDIN, 2010; MANSUR & GUIMARÃES, 2010; FACEBOOK, 2010) - Figura 1; em janeiro de 2011, 600 milhões⁴¹ (FACEBOOK, 2011); em outubro de 2011, estudos já apontam para 800 milhões⁴² (PAVÃO JR. & SBARAI, 2001) - Figura 2.

⁴⁰ “Ter 500 milhões de membros é privilégio de poucos serviços na Internet, e um deles é o *Facebook*. Essa base de usuários dá à rede social muito poder e material de pesquisa, e foi ela que o estagiário Paul Butler, do time de engenharia do site, usou para plotar o mapa-múndi [...] Cada ponto branco é uma cidade, e as linhas azuis representam as relações de amizades entre os membros. Destacam-se algumas coisas, como a hegemonia do *Facebook* nos EUA e Europa, a concentração de membros brasileiros nas regiões sul e sudeste do país e o sumiço da China e Rússia (com exceção de Moscou)” (GHEDIN, 2010) - Figura 1.

⁴¹ “O Facebook se firmou como a rede social mais acessada mundialmente na Internet e soma hoje cerca de 600 milhões de usuários” (FACEBOOK, 2011).

⁴² “Se fossem reunidos em um só território, os 800 milhões de usuários do *Facebook* formariam o terceiro país mais populoso do planeta” (PAVÃO JR. & SBARAI, 2001).



Figura 1 - O mapa-múndi do *Facebook*: 500 milhões de usuários do *Facebook* no mundo.



Figura 2 – O mapa-múndi das redes sociais: cerca de 800 milhões de usuários do *Facebook* no mundo.

O efeito de rede que o *Facebook* propõe é uma “forma de conectividade universal”, inédita em nossa sociedade (KIRKPATRICK, 2011, p.353). Em sua concepção original, “era de um serviço para as pessoas se comunicarem com quem já conheciam na vida real”

(KIRKPATRICK, 2011, p.354). Para Kirkpatrick (2011), o *Facebook* facilita a organização das pessoas, além de aumentar e cultivar a intimidade. Como assinala o autor (2011, p.20):

Quando o Facebook é usado como originalmente concebido – para construir melhores caminhos por meio dos quais pessoas que já se conhecem no mundo real possam partilhar coisas -, pode ter um potente poder emocional. É um novo tipo de ferramenta de comunicação baseada em relações reais entre os indivíduos e proporciona fundamentalmente novos tipos de interação.

O projeto de Zuckerberg pode ser considerado como uma grandiosa “malha de relacionamentos”, a partir da presença cada vez maior de usuários definidos como amigos nessa rede.

Uma das perguntas presentes em nossa pesquisa é sugerida pelo autor do livro “O Efeito *Facebook*” (KIRKPATRICK, 2011, p.22): “***O que significa realmente ser um ‘amigo’ no Facebook?***”. Especificamente essa pergunta faz suscitar uma importante articulação em nossas investigações, Kirkpatrick (2011, p.333) declara que Zuckerberg utilizou “o conceito do amigo com a finalidade de ‘levar as pessoas a superar muitos obstáculos’”. De acordo com o autor:

O mais importante foi que o conceito as ajudou a partilhar muitas informações sobre elas mesmas – afinal, só amigos as veriam. O Facebook, porém, tem oferecido apenas uma escolha binária para seu relacionamento com os outros: amigo ou não amigo. Vai oferecer maneiras mais sutis de interação entre as pessoas de modo gradual. Fazer amigos se tornará algo com mais nuances, a fim de refletir com maior exatidão os diferentes graus de conexão que temos com as pessoas. Todos que se constroem diante de um pedido de amizade de alguém que mal sabiam quem era agora terão mais opções (KIRKPATRICK, 2011, p.333).

O criador do *Facebook* admite que o conceito de “amigo” estava sobrecarregado e que, no início, a palavra havia sido útil, na medida em que ajudava a compartilhar informações pessoais com amigos (KIRKPATRICK, 2011). Para Kirkpatrick (2011), “ao longo do tempo, o *Facebook* irá além da amizade” (p.334), e assim, utilizando-se de conceitos

como o de diagrama social e fluxo social - um fluxo agregado de todas as pessoas, seja cada vez mais um fenômeno exponencial, já existente em redes sociais.

Em entrevista ao jornal O Globo, David Kirkpatrick afirma “que o *Facebook* representa a ferramenta de comunicação mais sofisticada da era pós-email” (VASCONCELOS, 2011, p.17). De acordo com Recuero, o Facebook poderia ser definido como “um canal privilegiado de transmissão de informações” (VIANNA, 2011, p. 13), um espaço onde podemos compartilhar gostos e interesses entre amigos. Um lugar que você pode expressar algo que faça parte da sua vida, de seu cotidiano, como comentar um filme, um jogo de futebol, um programa de TV, notícias, enfim qualquer coisa que seja interessante trocar com seus amigos. Segundo Recuero, na mesma reportagem, declara que “o Facebook tem sido usado como um canal de disseminação de informações e filtragem assim como de disseminação de conhecimento” (VIANNA, 2011, p.13).

Na compreensão de Kirkpatrick (2011), o *efeito Facebook* estaria unindo o mundo, intervindo na forma como as pessoas interagem, “uma potência tecnológica com influência sem precedentes sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada” (p.24). O *Facebook*, segundo o autor, permite a construção de conexões em diversas gerações, geografias, idiomas e classes sociais, mudando assim a forma como as pessoas se comunicam.

A Revista Digital (O Globo, em 06 de julho de 2009) publicou como manchete de capa, *O Poder da Rede*, a estimativa de que as “redes de relacionamento chegam a um bilhão de pessoas em todo mundo” (MACHADO, 2009b).

4.2.2 Descrição

A partir de agora tentaremos mergulhar nessa rede com o propósito de traçar o desenho desse universo das amizades virtuais. Algumas ilustrações foram anexadas com o

intuito de retratar esse ambiente do *Facebook*. Em 2009, ao ter acesso a primeira página do seu perfil (Figura 3), podíamos visualizar a seguinte frase: **“O Facebook ajuda você a se comunicar com seus amigos do mundo todo e a compartilhar momentos especiais de sua vida”**. Além disso, é possível visualizar os artefatos necessários para mergulhar na rede e navegar em sugestões de amigos, solicitação de aplicativos, patrocínios, eventos, além de convites para amigos por e-mails. Assim como em outras redes sociais como o *Orkut*, os usuários do *Facebook* são identificados por seus perfis, um sistema aparentemente simples com um *login* e uma senha, através do qual um ator se mantém vinculado à interação virtual e pode se conectar a vários outros atores.



Figura 3 - Primeira página do *Facebook* (Acesso em: dez. 2009).

Em 2010, a frase na primeira página do *Facebook* foi mudada para: **“No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida”** (Figura 4). Apesar da palavra “amigo” ter sumido na segunda frase, a ideia não muda muito, pois os “amigos do mundo todo” foram substituídos por “quem é importante em sua vida”.

Talvez o que seja interessante aqui é que a noção das relações que as frases passam são de intensidade (“amigos”, “importantes”), e não de superficialidade.

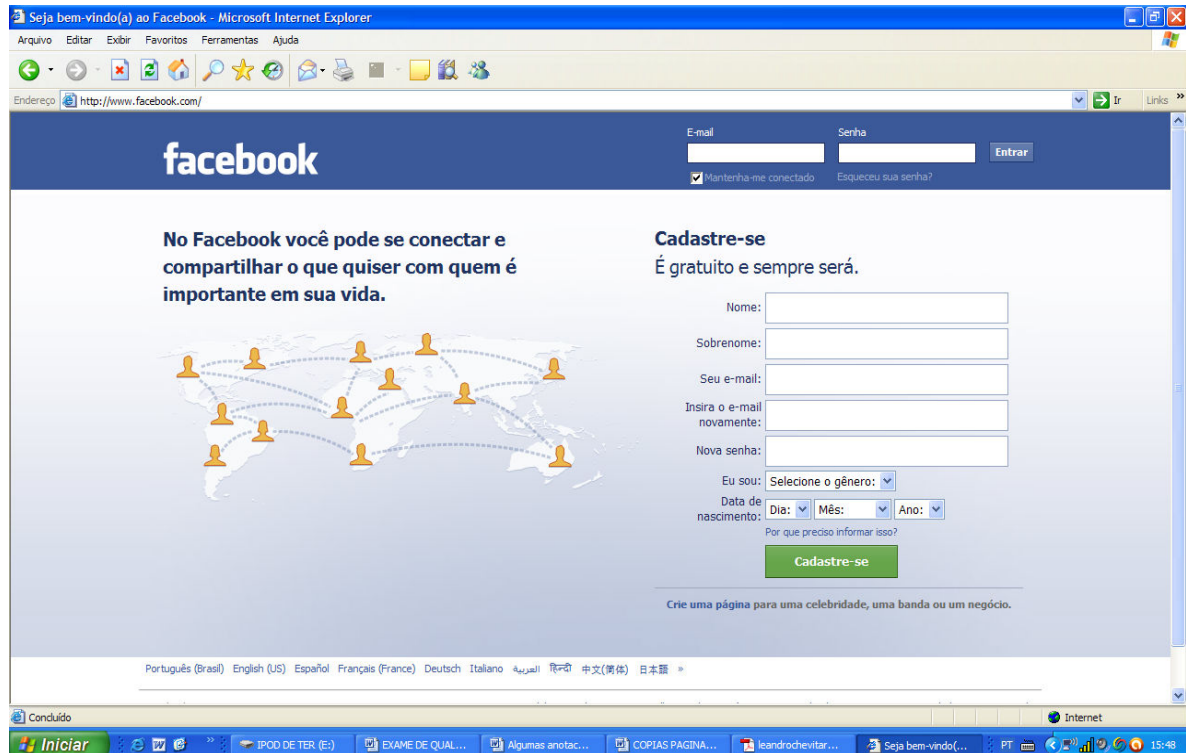


Figura 4 - Primeira página do *Facebook* (Acesso em: out. 2010).

Podemos perceber nas Figuras 5 e 6 que a mobilidade tecnológica aparece também na rede do *Facebook* como mais um recurso para o usuário. Em abril de 2011, isso passa a ser sinalizado já na primeira página do *Facebook*: ***“O Facebook SMS mantém você conectado aos seus amigos onde quer que esteja”***. Em outubro do mesmo ano, a mensagem da primeira página passa a mostrar o sucesso do serviço: ***“Conecte-se rapidamente com seus amigos, não importa onde você esteja: O aplicativo Facebook agora está presente em mais de 2.500 telefones”***. Assim, a partir de seu aparelho móvel, o usuário permanece conectado nas últimas atualizações de seus amigos, pelo *Feed* de notícias. A ideia central é manter-se conectado aos amigos a qualquer hora e lugar.



Figura 5 - Primeira página do *Facebook* (Acesso em: abr. 2011).

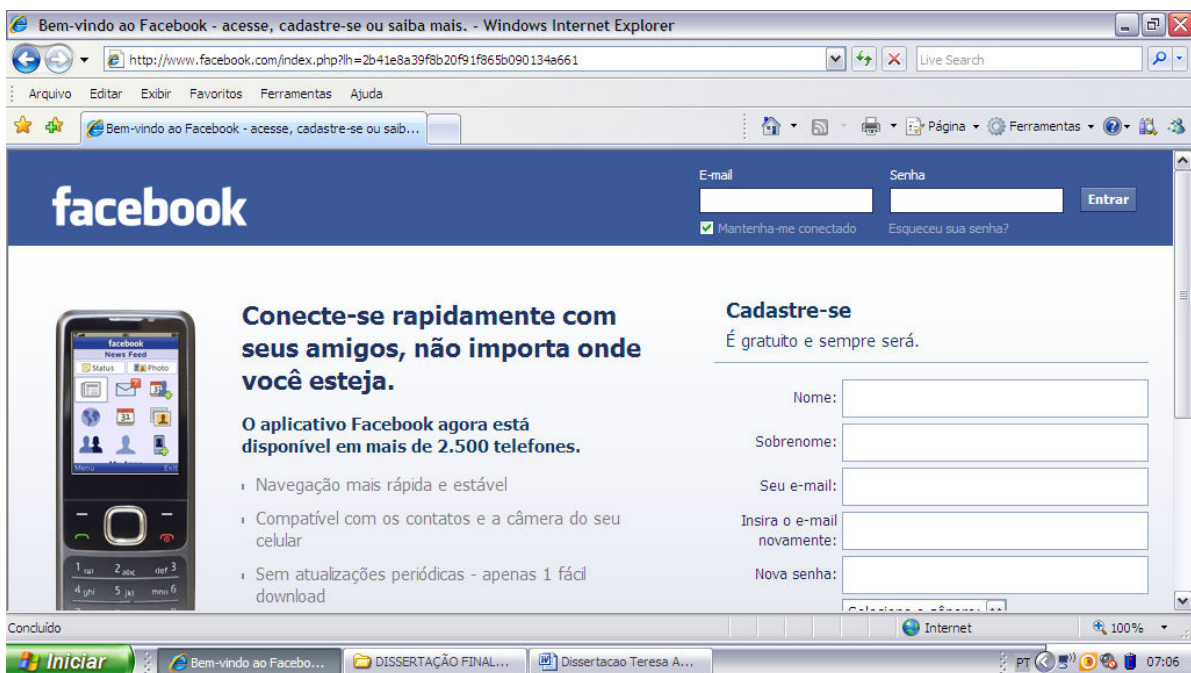


Figura 6 - Primeira página do *Facebook* (Acesso em: out. 2011).

A partir da Figura 7 podemos ter acesso à lista de amigos que podem ser adicionados aos seus amigos. Essa página corresponde a conexões de amigos dos amigos de sua lista, estimulando assim o usuário a buscar novas amizades. É interessante notar que nessas páginas a palavra “amigo” permanece.

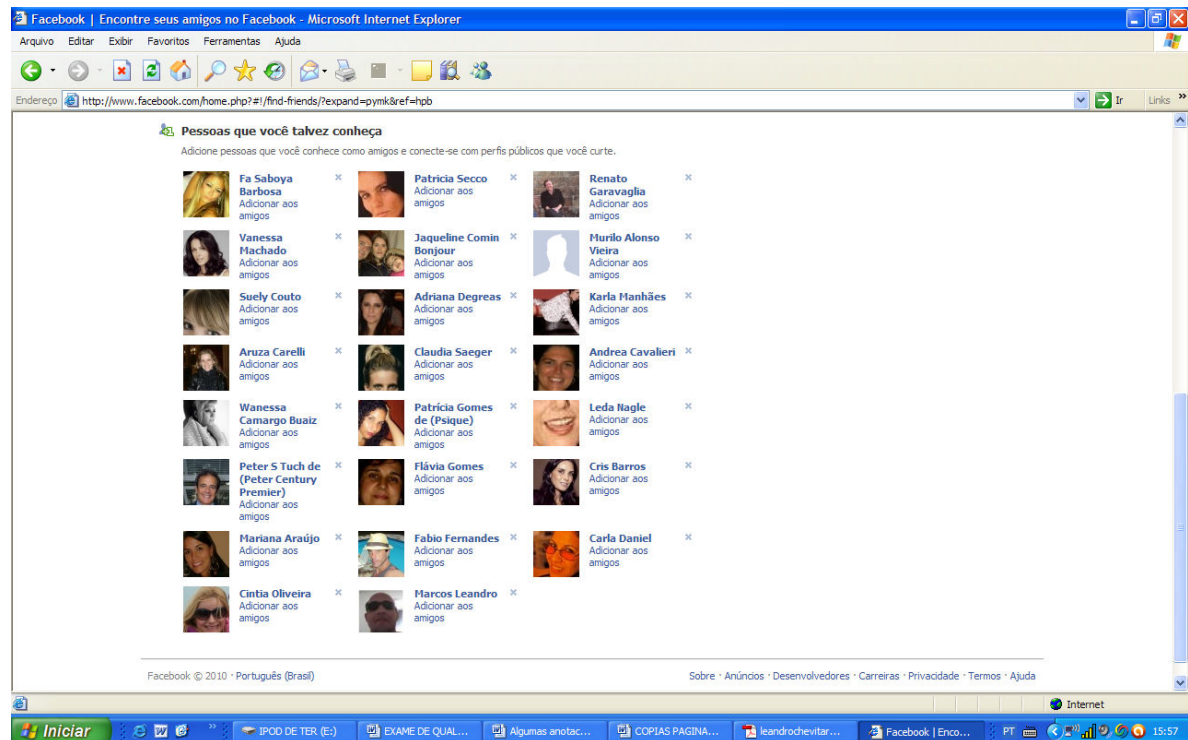


Figura 7 - Localizador de amigos do *Facebook*: “Pessoas que você talvez conheça” (Acesso em: out. 2010).

No localizador de amigos, o usuário é conduzido a uma rede de conexão de amigos dos amigos, e assim pode enviar uma solicitação de amizade (Figura 8). Mais uma vez, podemos perceber algumas mudanças nessa página, com dados mais específicos de busca.



Figura 8 - Localizador de amigos do *Facebook*: “Encontre amigos de diferentes momentos da sua vida” (Acesso em: abr. 2011).

Atualmente essa página se apresenta com um formato diferente e mais detalhado na localização de amigos. Na Figura 9, pode-se observar que na busca por novos amigos, o usuário passa a ter um novo recurso, onde pode localizar os amigos pelo ensino (médio, faculdade ou universidade), amigos dos amigos, cidade natal, cidade atual, ou empregador. Os usuários do *Facebook* podem restringir ou ampliar o acesso às suas informações, colocando-as em “Lista de Amigos”. Na figura abaixo, mais recursos para encontrar seus amigos através de e-mail.



Figura 9 - Localizador de amigos do *Facebook*: “Encontre amigos de diferentes momentos da sua vida” (Acesso em: nov. 2011).

A Figura 10 mostra que podemos ter acesso ao localizador de amigos via *e-mail*.

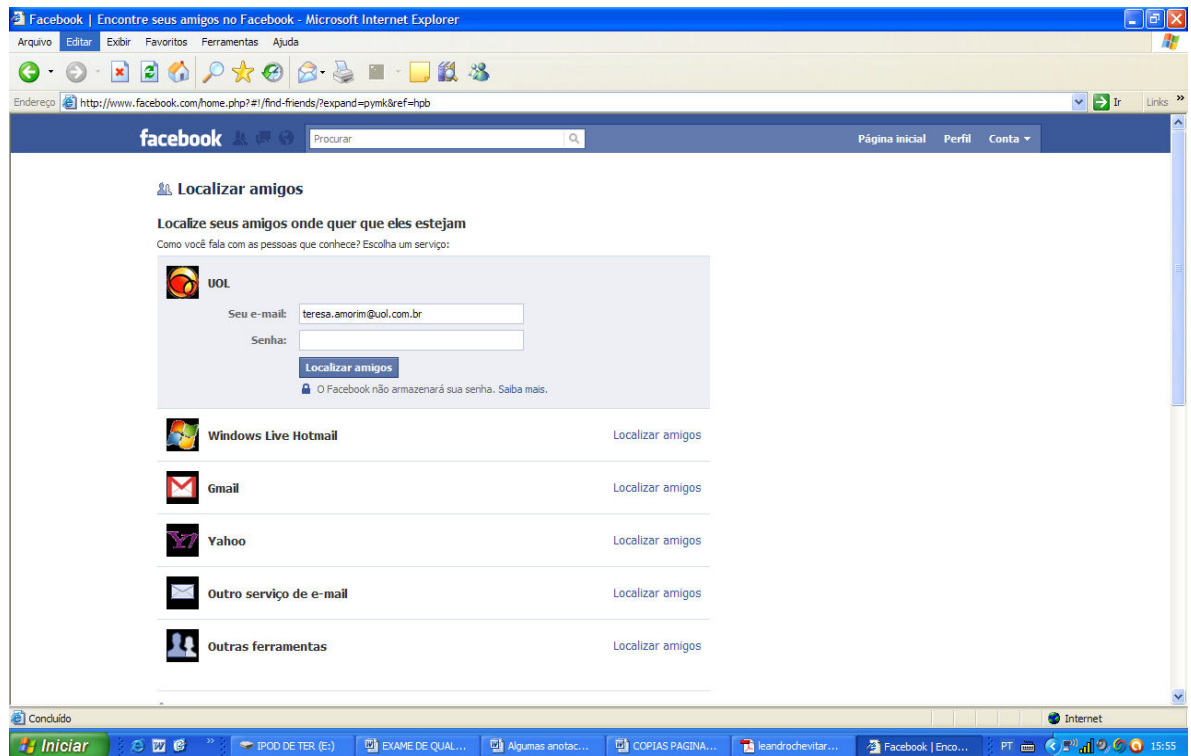


Figura 10 - Localizador de amigos do *Facebook*: “Localize seus amigos onde quer que eles estejam” (Acesso em: out. 2010).

Nesta página você pode enviar por e-mail um convite para se tornar amigo na rede (Figura 11). Outro recurso utilizado principalmente no começo do site, quando muitas pessoas recebiam mensagens de amigos, convites para aderir à rede.

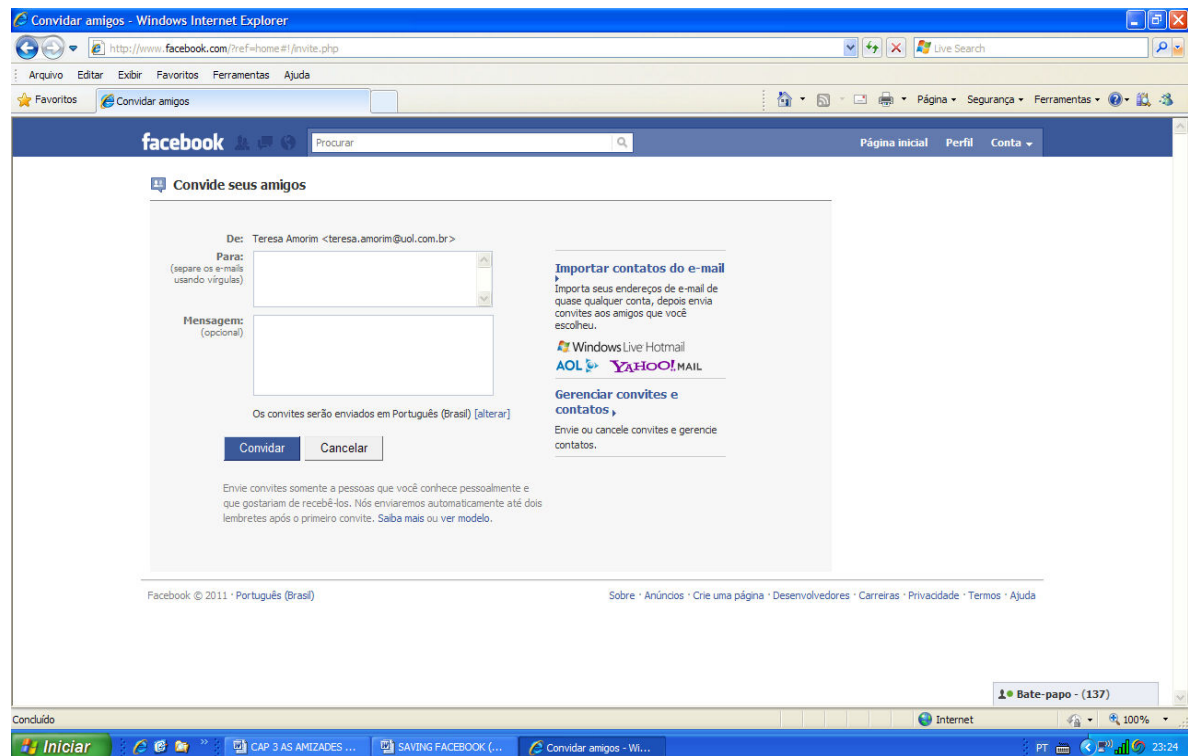


Figura 11 - Localizador de amigos do *Facebook*: “Convide seus amigos” (Acesso em: jul. 2011).

As Figuras 12 e 13 mostram onde ficam armazenadas as “solicitações de amizades”, que você pode “confirmar” ou “não agora”. Algumas dessas solicitações podem ser também “sugestão dos seus amigos”. Para Grimmelmann (2009), é difícil dizer não para um pedido de amizade e parece que de alguma forma as pessoas sentem-se constrangidas diante de uma solicitação. Aqui o usuário pode ampliar sua rede, confirmando os novos amigos.

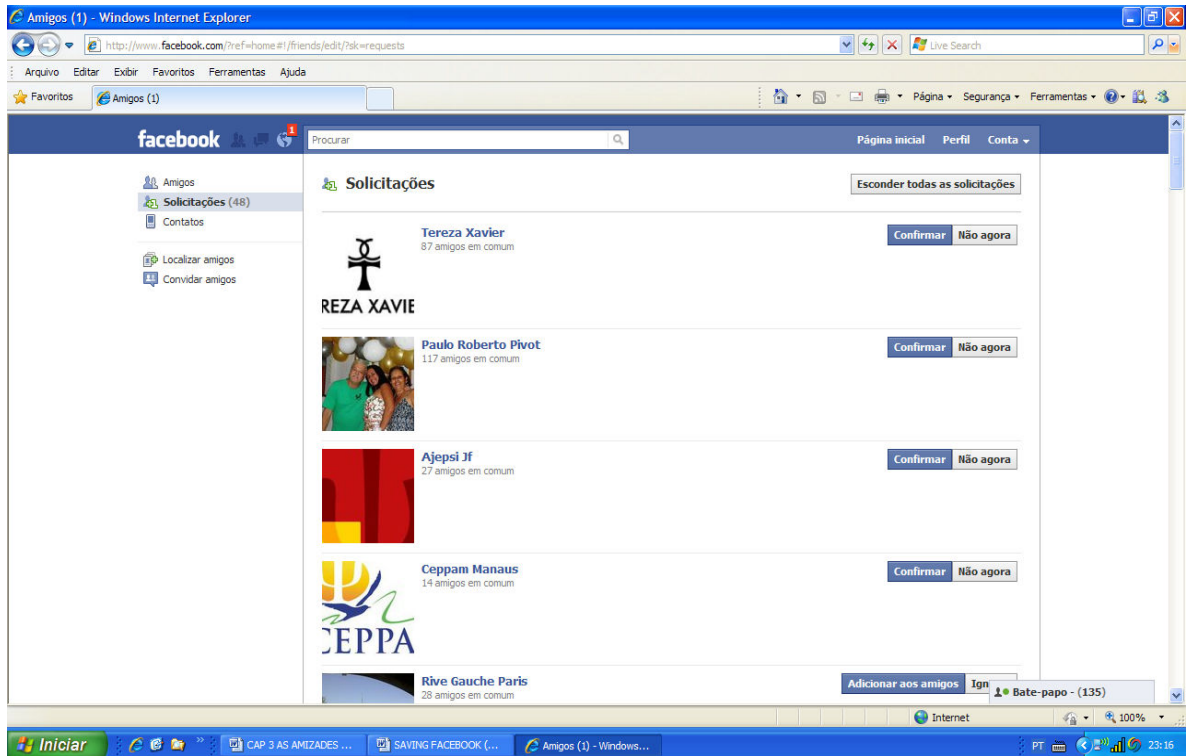


Figura 12 - Página de solicitação de amizade do *Facebook* (Acesso em: jul. 2011).

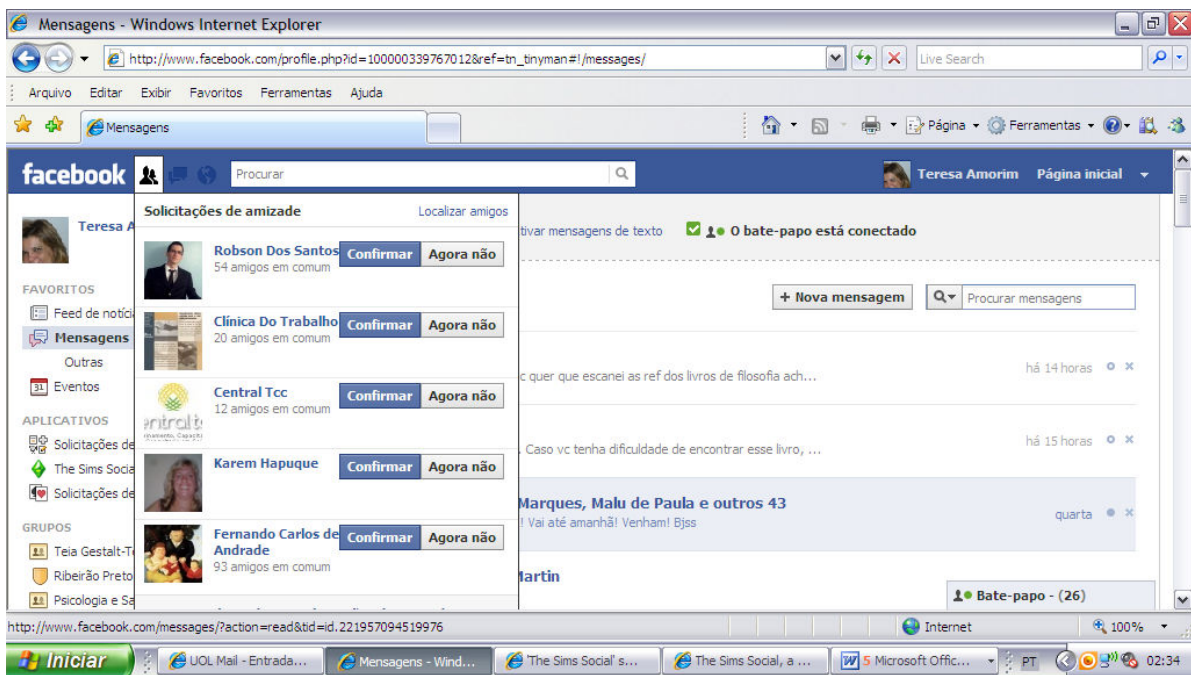


Figura 13 - Solicitações de amizade do *Facebook* (Acesso em: nov. 2011).

Trataremos de descrever brevemente alguns dos aplicativos que se misturam nessa complexa rede de comunicação virtual⁴³. Nosso leitor pode ficar perplexo diante de tanta informação, assim como na Figura 14, que mostra a entrada nessa rede depois de fazer o login e minha senha.

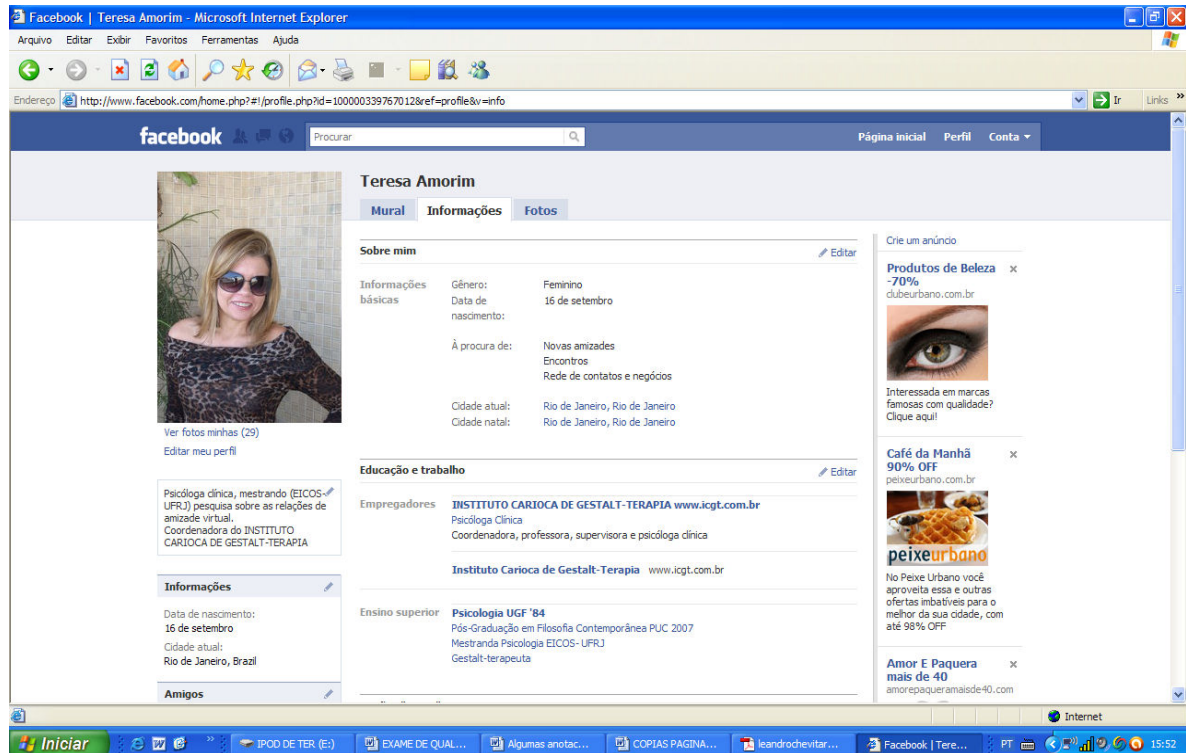


Figura 14 - Página do perfil do *Facebook* (Acesso em: set..2010).

Segundo Kirkpatrick (2011, p.209):

Em essência, o Facebook tinha criado uma maneira de se ter uma “assinatura” das informações sobre um amigo. Em vez de esperar que essa pessoa lhe enviasse informações, agora você dizia ao Facebook – pelo simples fato de ser amigo daquela pessoa – que desejava receber notícias dela. Ser amigo de alguém era ter uma “assinatura” de seus dados, de modo que o software do Facebook pudesse mandar as informações dessa pessoa para sua página.

⁴³ As redes antissociais também já fazem parte desse cenário de rede, satirizando as amizades virtuais. Segundo a reportagem do Jornal O Globo (26/09/10), os sites antissociais fazem crítica a superficialidade das redes sociais como *Facebook*, considerado politicamente correto. O *Hatebook*, com uma visão oposta ao *Facebook*, ganha força na *web*, sua proposta é criar um espaço para debates de antipatias com humor e ironia. Neste site os usuários podem se conectar com pessoas que rejeitam as mesmas coisas que eles (RIBEIRO, 2010).

A nova página do perfil do usuário com uma diagramação visual diferente. Através dessa página (Figuras 15 e 16) são encontradas informações básicas do perfil do usuário, trabalho, instituição de ensino, localização – cidade, data de nascimento.

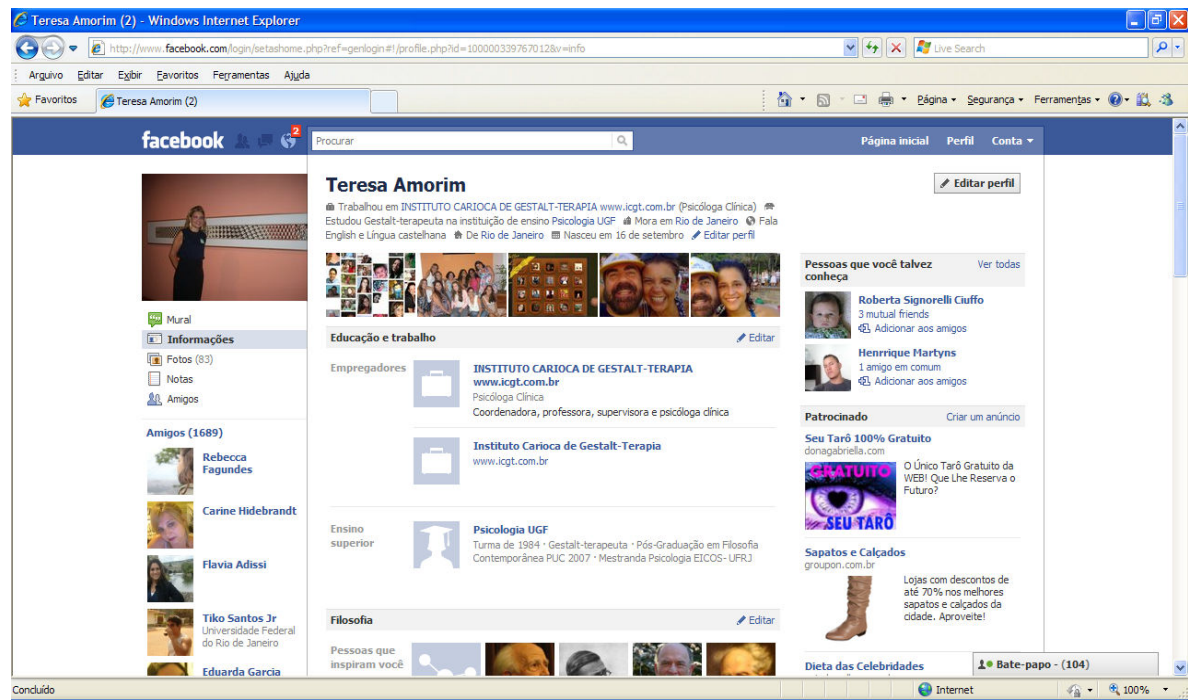


Figura 15 - Página do perfil do *Facebook* (Acesso em: abr. 2011).

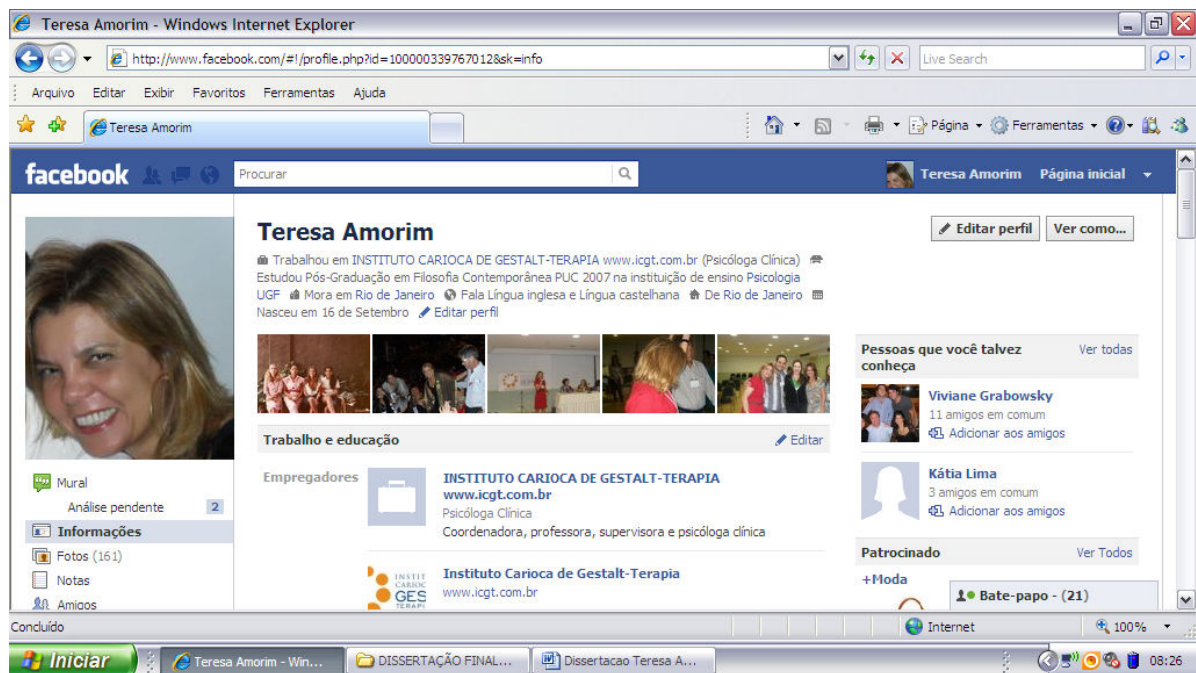


Figura 16 - Página do perfil do *Facebook* (Acesso em: nov. 2011).

O mural (Figura 17) permite que seu amigo escreva diretamente em seu perfil uma mensagem para você ou comentário sobre você, sendo compartilhado por todos. Nessas mensagens públicas, todos que fazem parte da sua rede de amigos podem se manifestar, acessando ícone de “curtir”, “comentar” ou “compartilhar” – publicando qualquer comentário. Todos de alguma forma ficam visíveis para a rede. Kirkpatrick (2010, p.104) argumenta: “Agora, você não só podia navegar à vontade, examinando pessoas, mas também podia reagir ao que descobrisse”. Além disso, publicações do próprio usuário (incluindo vídeos, fotos etc.) podem ser postadas em seu mural.

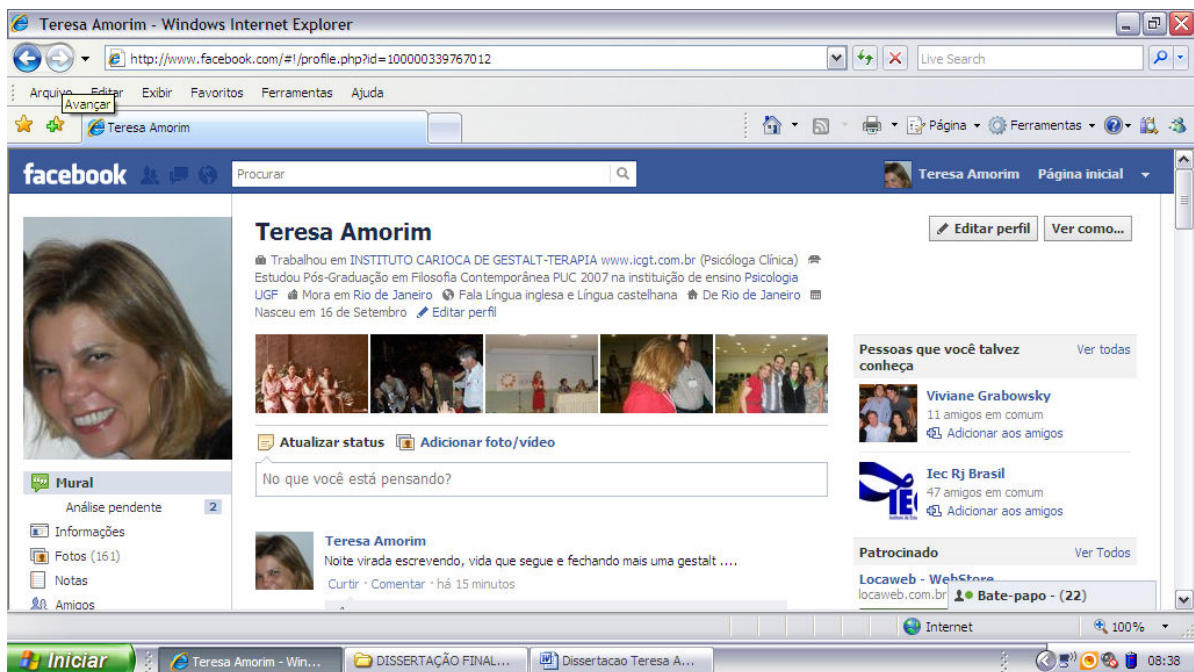


Figura 17 - Mural do *Facebook* (Acesso em: nov. 2011).

O *Feed* de notícias (Figuras 18, 19 e 20), localizado no centro da página do site, pode ser definido como um grande centro de alimentação dinâmica de informações dessa rede. Essas atualizações formam um enorme centro de tensão de informações: mensagens do mural, atualização das novas amizades dos seus amigos, novas amizades, postagens de fotos, vídeos do youtube, notícias, etc. Além disso, os atores também podem “curtir”, “comentar” ou “compartilhar” as mensagens de seus amigos.

O *Feed de notícias* pode ser considerado o projeto mais complexo e demorado desenvolvido pelo *Facebook*. O *Feed* é um jornal customizado com objetivo de informar o que está acontecendo em seu círculo social, uma forma de comunicação automatizada permitindo um contato com muitas pessoas ao mesmo tempo. Nesse serviço, os amigos são atualizados das atividades de seus amigos. Inaugurado em 2006, o *Feed* de notícias é justificado por Zuckerberg (KIRKPATRICK, 2011, p.315-316):

E é exatamente assim que Zuckerberg vê o Feed de notícias: uma fonte real de notícias relevantes, tanto sobre seus amigos quanto sobre o mundo. [...] Eram informações cotidianas sobre o que seus amigos estavam fazendo e no que estavam interessados. Lembre-se da justificativa que Zuckerberg deu internamente para o Feed de notícias: “Um esquilo morrendo na frente da sua casa pode ser mais relevante para os seus interesses nesse momento do que pessoas morrendo na África”. Agora, todos os seus movimentos no Facebook podem se tornar notícias para seus amigos.

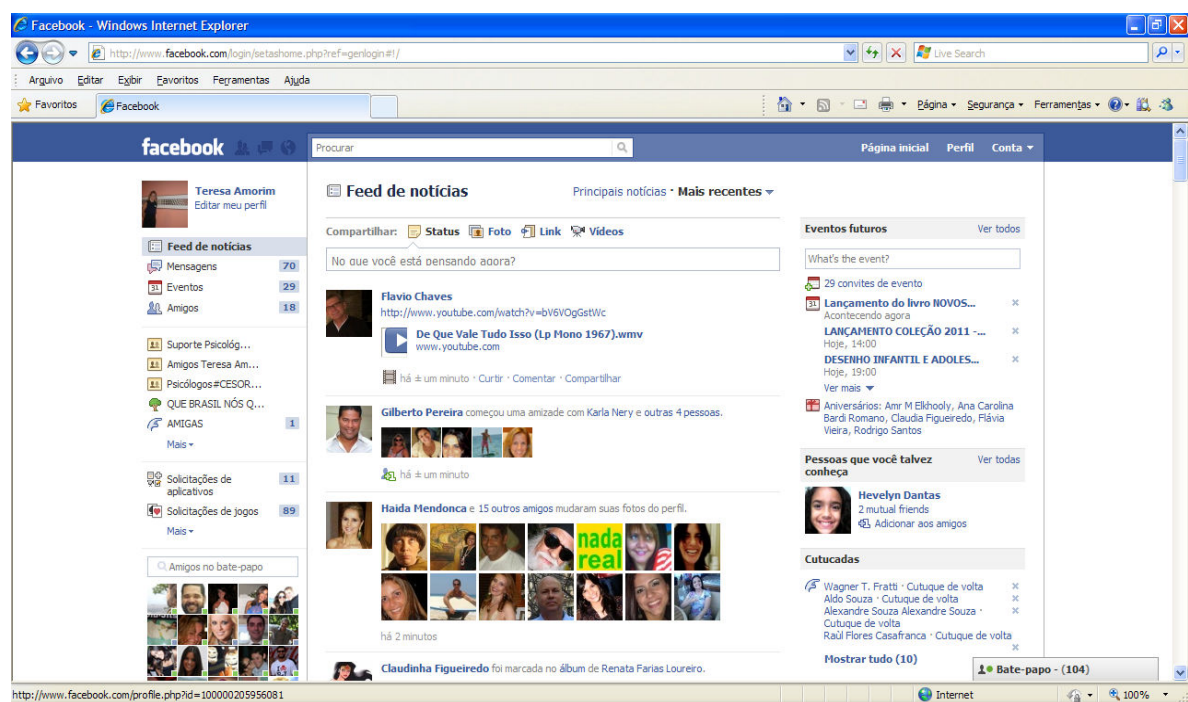


Figura 18 - *Feed* de notícias do *Facebook* (Acesso em: abr. 2011).



Figura 19 - *Feed de notícias do Facebook* (Acesso em: jul. 2011).

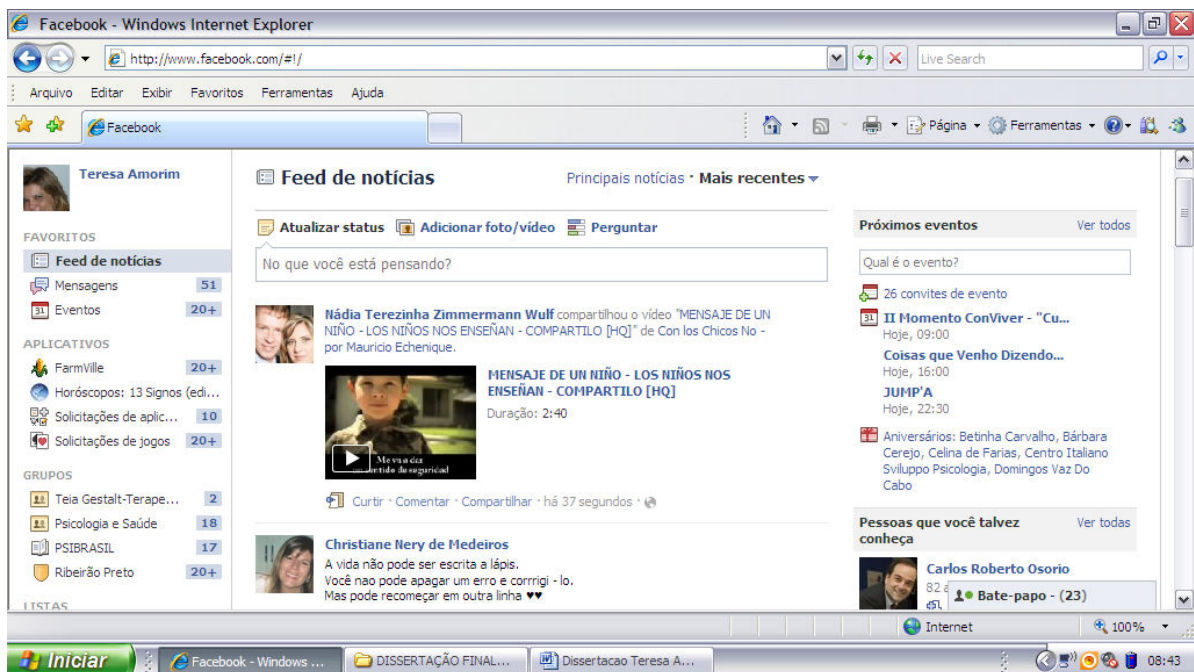


Figura 20 - *Feed de notícias do Facebook* (Acesso em: nov. 2011).

O bate-papo⁴⁴ é uma ferramenta disponível para usuários, cujo funcionamento é similar a um MSN (Figura 21). Todas as conversas do bate-papo ficam armazenadas na caixa de mensagens (Figura 22), que também permite que se enviem mensagens privadas aos amigos que não estão conectados no determinado momento. Nos dois casos, o do bate-papo e o da caixa de mensagens privadas, é possível o envio de mensagem a vários destinatários, criando um diálogo entre diferentes pessoas, que podem se conhecer ou não.

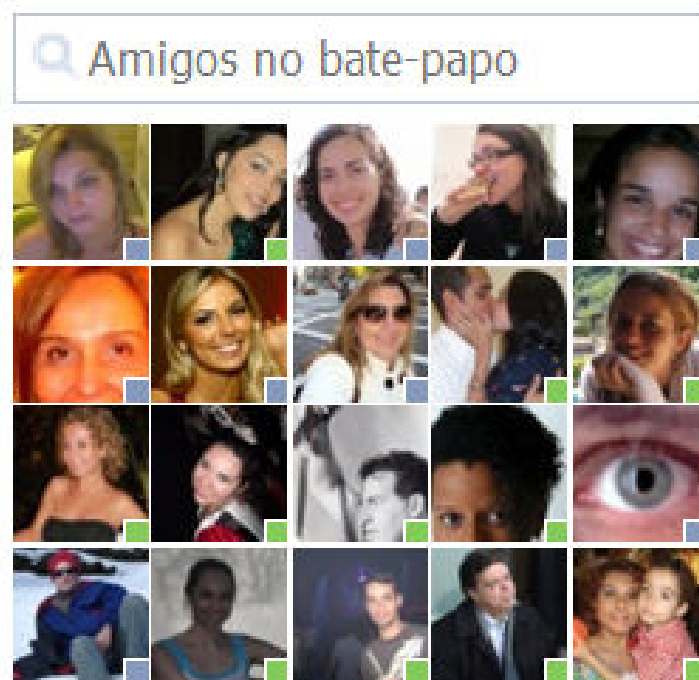


Figura 21 - Ampliação da ferramenta “Amigos do bate-papo” (Acesso em: jul.2011).

⁴⁴ O Jornal O Globo, em 17 de julho de 2011, anunciou recentemente a parceria com o *Skype*, agora acessível dentro da rede (TEIXEIRA, 2011).

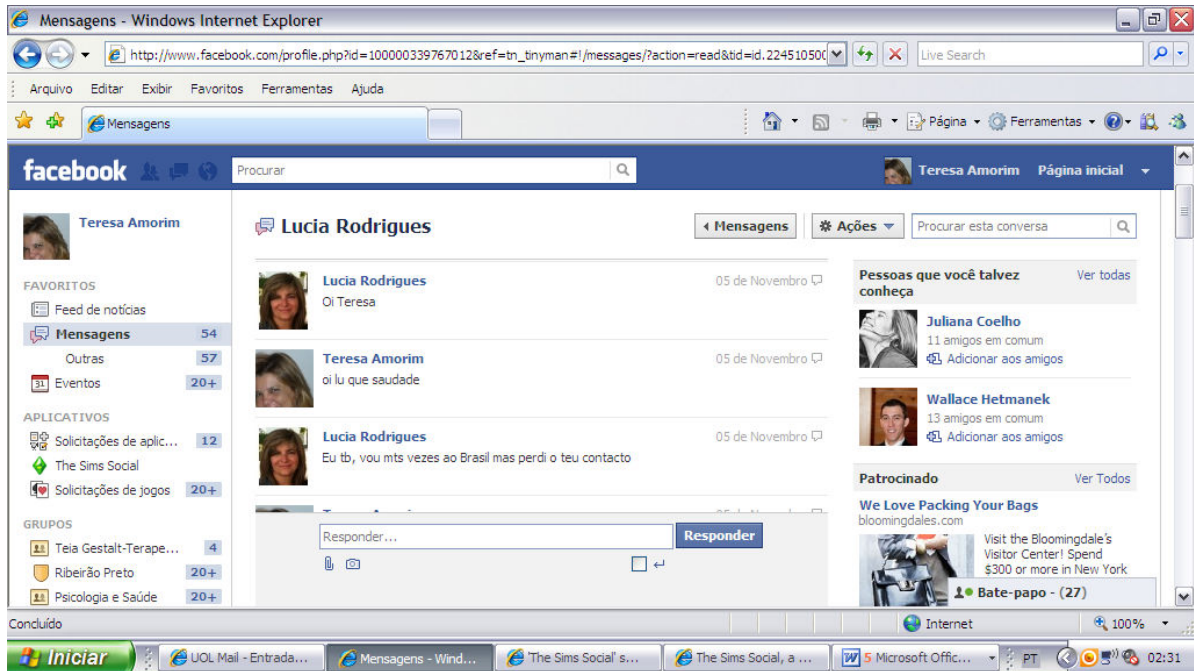


Figura 22 - Caixa de mensagem do *Facebook* (Acesso em: jul.2011).

A criação de eventos (Figura 23) permite que se convidem todos ou parte dos amigos e pode permitir que esses amigos, por sua vez, convidem outras pessoas. Assim, mesmo que duas pessoas não sejam amigas, podem saber que estarão juntas numa mesma ocasião. Os eventos podem também ser públicos, caso em que qualquer usuário do *Facebook* pode visualizá-los.



Figura 23 - Página de eventos do *Facebook* (Acesso em: nov. 2011).

Outro recurso importante dessa rede são os jogos. Existem em torno de 200 deles. A Revista Digital (O Globo, em 16 de novembro de 2009), mencionou alguns dos games mais usados pelos internautas naquele ano: “*Máfia Wars*, *Farmville*, *CaféWorld* e centenas de outros games dentro de redes sociais são a cibercoqueluche do momento” (MACHADO, 2009a, p. 12). Segundo a Revista Digital (O Globo, em 16 de novembro de 2009), o objetivo do *Farmville* (Figuras 24 e 25), o jogo mais popular durante a maior parte do desenvolvimento do nosso trabalho de campo, é administrar uma fazenda, semeando, cuidando da plantação e fazendo colheitas virtuais (MACHADO, 2009a). Ele coloca o jogador que gerencia e cultiva uma fazenda, faz comércio com vizinhos e participa de uma comunidade de amigos, criando assim uma atividade fundamentalmente social (KIRKPATRICK, 2011). Nesse caso, a rede social se expande quando os jogadores convidam seus amigos para serem vizinhos da fazenda.



Figura 24 - Ícone do jogo *Farmville* (Acesso em: jul.2011).



Figura 25 - Jogo *Farmville* (Acesso em: nov. 2011).

Já o jogo *Máfia Wars* (Figuras 26 e 27), outro dos três jogos mais populares em 2009, embora pareça ser mais criativo que o *Farmville*, com diferentes tipos de perfis e missões, tem também como principal característica aumentar o número de amigos. Seu objetivo “consiste

em realizar missões como roubos, furtos, assaltos, surras em gângsteres rivais, coleta de dívidas” (MACHADO, 2009a, p.14). Os amigos do jogador podem ajudar a defender um território ou a reparar um território já atacado.



Figura 26 - Ícone do jogo Máfia Wars (Acesso em: jul.2011).



Figura 27 - Jogo Máfia Wars (Acesso em: nov. 2011).

Em 2011, a revista *on line* Digital & Mídia (O Globo, em 12 de setembro de 2011) mostrava que um novo aplicativo de game disponível no *Facebook*, o jogo *The Sims Social* (Figuras 28 e 29), lançado em agosto, já tinha superado em número o de usuários do *FarmVille*, na ocasião o terceiro jogo mais popular do *Facebook* (THE SIMS, 2011). O *The Sims Social* é um jogo que tenta reproduzir a vida doméstica cotidiana e que permite que o usuário possa interagir com os amigos através dos seus avatares: “Para começar, basta criar um avatar. O objetivo do jogador é tornar-se popular e fazer amigos, interagir com eles e também melhorar sua moradia virtual. O simulador incentiva o jogador a reproduzir no universo digital as mesmas convenções sociais da vida real” (HONORATO, 2011).



Figura 28 - Ícone do jogo *The Sims Social* (Acesso em: nov.2011).



Figura 29 - Jogo *The Sims Social* (Acesso em: nov.2011).

Podemos encontrar aqui a base ou objetivo dos jogos, a ampliação da rede de contatos e amigos. Assim, um dos pressupostos básicos nos jogos da rede é a ajuda dos amigos da lista de contatos, sendo que a estratégia principal é a articulação e conseqüentemente o crescimento desta lista.

Segundo Kirkpatrick (2011), Zuckerberg acredita que: “o valor central do *Facebook* está no conjunto de conexões entre amigos, [...] Chamamos isso de diagrama social, no sentido matemático de uma série de nós e conexões. **Os nós são as pessoas, e as conexões são as amizades**” (KIRKPATRICK, 2011, p.235, grifo nosso). Outro termo usado pela equipe do *Facebook* é “distribuição”, dessa forma, “ao se conectar a seus amigos no *Facebook*, você estava montando uma rede, o chamado diagrama social, que poderia ser usada para distribuir qualquer tipo informação” (KIRKPATRICK, 2011, p.235).

O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Outra inovação significativa do Facebook foi o fato de permitir que usuários pudessem criar aplicativos para o sistema. O

uso de aplicativos é hoje uma das formas de personalizar um pouco mais os perfis (RECUERO, 2009, p. 172).

Diante de tantas possibilidades e recursos, buscaremos traçar algumas linhas que nos ajudem a compreender como se constroem isto que parece ser a “matéria-prima” dessa rede: a amizade.

5 UMA PEQUENA CARTOGRAFIA DAS REDES DO FACEBOOK

“A cartografia [...] é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.” (ROLNIK, 2007, p.23)

Nossa pesquisa começa em 2009 quando o dispositivo tecnológico do *Facebook* começa a despertar interesse no Brasil. Naquela época, poucos usuários brasileiros faziam parte dessa rede e outros tantos não usavam com frequência. Ingressei nesse espaço híbrido das amizades virtuais buscando novos amigos, amigos *off-line*, além das sugestões de amigos e, durante esse período, tenho feito parte dessa rede como um ator participativo. Fomos acompanhando essa rede e problematizando as relações de amizades a partir de uma perspectiva sociotécnica, ao mesmo tempo, percebendo uma visibilidade crescente em nosso cotidiano.

À princípio, ainda com um olhar de estrangeiro, nossa proposta se debruçou no intenso tráfego de actantes de um território instável e acidentado.

Depois de aproximadamente 2 anos pesquisa, contabilizando mais de 1700 amigos⁴⁵, várias interações e algumas entrevistas, venho tentando descrever as experiências dos atores nessa rede com o intuito de entender os modos específicos de perceber e fazer amizades virtuais. Apesar de nossos atores se tratarem como amigos, nossa suspeita é que existem algumas modalidades de amizades que precisam ser investigadas. Desse modo, nosso intuito aqui é realizar uma análise dessa nova forma de interação que parece ocupar lugar em vários aspectos da vida social.

Realizamos uma pesquisa de campo com a intenção de produzir uma breve cartografia dessas amizades e seus desdobramentos, lembrando que o desenho foi constituído pela fala dos atores envolvidos. Ao longo da pesquisa, procuramos dar um contorno ao tema através

⁴⁵ A média de amigos no Facebook gira em torno de 130, é comum encontrarmos usuários com 500 amigos, 5 mil é o máximo permitido (KIRKPATRICK, 2011).

de uma revisão bibliográfica, além das reportagens disponíveis, revistas, jornais e vídeos, publicações da mídia escrita em suas versões *on line*, explorando assim todo o material disponível.

No processo de imersão nessa rede e como um ator participativo, fui vivenciando as mais variadas experiências, com trocas bastante significativas com os assim chamados “amigos FB”⁴⁶. Nossa trajetória de alguma forma evidencia que a cultura desse site carrega a marca de seu criador, como uma rede de relacionamento marcada pela “transparência radical” (KIRKPATRICK, 2011, p.226), onde cada ator se identifica de forma transparente. Portanto parte do desenvolvimento desta pesquisa é pontuar as singularidades desse novo espaço híbrido de amizades *on line*, com base nos relatos dos atores, como se apropriam dessa rede complexa e além disso, tentar compreender a dinâmica que se articula a partir dessa nova ferramenta. Podemos observar ao longo de nosso traçado algumas narrativas que, mesmo que provisoriamente, forneceram um mapa dessa nova realidade da vida cotidiana. Deste ponto de vista, nossa tentativa foi “convocar o coletivo”⁴⁷ (LATOUR, 2004, p.110), para assim, traduzir a produção que a rede faz através do agenciamento destes actantes.

Antes mesmo de começar nossa expedição, é importante relembrar algumas das nossas diretrizes metodológicas proposta por Latour, para seguirmos viagem no campo das redes de amizades. Desse modo buscamos uma abordagem adequada de investigação e intervenção para compor nossa pesquisa, e assim, embasados na TAR, procuramos desenhar o mapa da rede social em estudo. Desse modo, a pesquisa se propõe a realizar uma cartografia - que, “diferentemente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2007,

⁴⁶ FB – abreviatura de *Facebook*.

⁴⁷ De acordo com Latour (2004, p.110), “é necessário que nos tornemos capazes de convocar o coletivo encarregado doravante, como seu nome indica, de ‘coletar’ a multiplicidade de associações de humanos e não-humanos”.

p.23). Retomando as idéias de Deleuze e Guattari (2009), nossa análise quer realizar um “mapeamento aberto”, um mapa que possa “receber modificações constantemente” (p.22), e para isso nossos esforços serão também de acompanhar os movimentos e, ficar atento as mais variadas fontes, “sem interromper os fluxos das controvérsias” (LATOUR, 2008b, p. 44, tradução nossa).

Sabemos que “não basta identificar uma rede e seus atores, é preciso vê-los, entendê-los e descrevê-los segundo a ANT”⁴⁸ (CASTRO, 2008, p. 13). Precisaremos, como analistas das associações, analisar esse conjunto desconcertante de entidades, na tentativa de, a cada entrevista, narração e comentário para dar conta do curso das ações presentes na heterogeneidade da rede (LATOUR, 2008b).

Nossa proposta é seguir os passos de nossos atores, considerando as controvérsias presentes na configuração das amizades no dispositivo tecnológico em questão, indicando alguns traçados no mapeamento das amizades virtuais. Como é estabelecida a sua configuração? Quem são os atores que compõem essa rede híbrida? E quais são as controvérsias presente nesse cenário atual?

O processo de pesquisa teve como porta-vozes os próprios usuários da rede, segundo a perspectiva de cada ator participante. Acreditamos que para delinear um grupo, precisamos buscar os porta-vozes que falam pela existência do grupo (LATOUR, 2008b). Portanto, cabe lembrar que, como argumenta Arendt (2008), os “experts” de nossa investigação serão os atores envolvidos na rede e não o pesquisador. Segundo Latour (2008b), os grupos não são silenciosos, mas sim milhões de vozes contraditórias que falam a respeito do que é um grupo e quem corresponde a qual.

Os atores de nossa pesquisa foram 29 homens e mulheres de idades variadas entre 20 e 65 anos que fazem uso da rede social *Facebook*. A pesquisa foi realizada virtualmente e os

⁴⁸ A sigla em inglês ANT significa actor-network-theory. A palavra “ant” em inglês significa formiga. A expressão em espanhol TAR (o mesmo em português) (LATOUR, 2008b, p.24, tradução nossa).

atores foram convocados através do mural do próprio dispositivo do FB, onde foram solicitados voluntários para a coleta de dados. Logo após esse primeiro contato, se viabilizou enviar as perguntas por e-mail juntamente com o termo de consentimento.

As perguntas versavam os seguintes tópicos: a entrada desses atores na rede, o que entendem por amizade, como fazem amigos no *Facebook*, que tipo de amizade se faz no *Facebook*, e se, e como, os relacionamentos *on line* se desdobram *off line*. Algumas pessoas se mostraram prontamente disponíveis para responder nossas indagações.

5.1 COMO VOCÊ ENTROU NESSA REDE?

Convites, curiosidade, diversão, interesse, quais seriam então as forças que levam à formação desses grupos? Ao colocarmos em discussão a possível motivação para a entrada nessa rede, nossos porta-vozes apresentam algumas articulações interessantes. Ao entrar nessa rede é possível que o usuário se dê conta do clima proposto pelo site. Como mencionado anteriormente, ao abrir a primeira página do Facebook temos a seguinte frase: *No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.*

Segundo os relatos abaixo, parece que grande parte de nossos porta-vozes chegam a afirmar que o convite de amigos é um enunciado bastante significativo:

Por convite de amigos. (LK)

Por convites de amigos. (CH)

Recebi o convite de uma amiga. (SV)

Atraves de convite de um amigo (RG)

Através de um convite de uma amiga. (MM)

A pedido de uma amiga ... (MA)

Através de sugestão de amigos. (PH)

*Através do **convite de amigos** e porque muitos já falavam sobre ela. (APT)*

*Entrei nessa rede através de um **convite enviado por um amigo via e-mail**. (PM)*

*Atraves de **minha namorada atual**. A partir dai passei a selecionar alguns amigos mais intimos que apareciam na lista oferecida pelo facebook. (AS)*
Um menino que eu conheci aqui no Brasil, mas que era da **Eslováquia** me **convidou**. (JL)

*Através do **convite de um amigo de Portugal**. (TD)*

Uma articulação importante parece ser a conexão com “amigos estrangeiros”, um enunciado que será reforçado em outros depoimentos mais adiante.

*Tinha duas **amigas estrangeiras** que não tinham orkut, que era a rede mais usada aqui no Brasil na época (2007). Fiz um perfil para me comunicar com elas, mas acabava não usando muito, só entrava para respondê-las quando era notificada por e-mail. (LR)*

*Eu entrei na rede pois fiz um Intercâmbio no Canadá e todos os meus **amigos estrangeiros** tinham o Facebook, e eu só tinha **Orkut**. Como gostaria de manter contato com eles, acabei criando também uma conta, e deu super certo, hoje não tenho mais conta no orkut, e só mantenho a do Face. (AT)*

Na medida em que avançamos um pouco mais, encontramos, o entrelaçamento com outro dispositivo tecnológico – o *Orkut*⁴⁹, outro site de relacionamentos que durante muito tempo era usado pelos brasileiros. Não se pode precisar ao certo quantos atores migraram, mas começamos a perceber um tipo de argumentação que se repete com bastante frequência, a migração de outras redes como o *Orkut*. Ao que parece, no início, os usuários do *Facebook* eram minoria no Brasil, um cenário que vem rapidamente se alterando. Dentro desta perspectiva, podemos afirmar que mais e mais atores estão entrando nessa rede, articulando a conjugação de redes e alargando as fronteiras geográficas.

⁴⁹ O *Orkut* é um site de relacionamentos que atingiu um enorme sucesso entre os brasileiros (Recuero, 2009).

*Entrei no Facebook porque tinha alguns **amigos estrangeiros**. Gostei muito do formato dele, que faz com que visualizemos realmente uma rede. Achei que **os meios de segurança das páginas eram mais eficazes do que os do Orkut**, que tinha anteriormente. Então, acabei ficando. (ACC)*

*Participei **inicialmente do Orkut**, onde mantenho ainda a inscrição, e posteriormente vim conhecer o FB, por ouvir falar. (PTF)*

*Eu entrei nessa rede, meus amigos ainda não usavam. Fiquei sabendo pela internet que **o Orkut “lá fora” estava ficando fora de moda e que as pessoas estavam entrando nessa nova rede**, então fiz um perfil profissional para colocar minhas fotografias e pesquisar coisas da área. Porém com o tempo meus amigos foram entrando na rede e me adicionando, atualmente é a única rede social que uso. (BM)*

*Através de **conversas com amigos** que falavam ser uma **ferramenta mais elaborada que o orkut**. (RCA)*

*Eu entrei primeiro para **o Orkut** - que era mais popular aqui no Brasil na época (acho que foi por volta de 2007) - através da minha filha; e achava muito prático e interessante poder mandar recados e saber de vários amigos por esse meio. Inclusive de **amigos que moram fora do Brasil**.*

Em 2009, muitos amigos (principalmente os de fora do Brasil) começaram a fazer parte do Facebook e me convidavam para entrar também, mas ainda resisti um tempo; até que, mais uma vez, minha filha me incentivou a aderir a essa nova rede.

Hoje em dia, parei de frequentar o Orkut e acesso diariamente o Facebook, pois é uma forma de me manter atualizada sobre o que acontece com meus amigos, o que eles postam em seus perfis, o que comenta no meu, os eventos que promovem,...

Também utilizo muito a ferramenta de bate-papo online, que me permite conversar com vários amigos ao mesmo tempo, além de participar de grupos onde todos os membros podem teclar e interagir ao mesmo tempo. (LJ)

Era do orkut, mas não gostava do modo de interação entre os usuários. Achei que o facebook tinha uma forma de Interação mais “próxima”, e que apesar de continuar sendo virtual, me dava essa sensação. (RBP)

A partir da fala dos porta-vozes, é possível destacar a interação mais próxima como um desdobramento que parece fazer parte do espírito dessa rede. Uma sensação de maior proximidade aparece mais uma vez e nossos atores não se cansam de anunciar suas ações. Temos a impressão de que narrativas como essa podem nos auxiliar a entender melhor o fenômeno das amizades virtuais nesse dispositivo e os aspectos éticos estabelecidos pelos atores que narram essa rede (ARENDDT, 2008). Seguindo em nossa cartografia, notamos que

alguns atores desenvolvem a idéia de compartilhar alguns sentimentos e sensações. Na medida em que nossa pesquisa avança, alguns depoimentos adquirem certa relevância no mapeamento dessa rede.

*Entrei por volta de 3 (três) anos ou mais convidada por **uma amiga que morava nos EUA. Ela não usava Orkut e não morava aqui no Brasil há mais de 10 anos.** Essa era a única maneira de estar em contato com ela, fora e-mail. Nessa mesma época eu só tinha como amigos ela e uma outra amiga dela, que eu também conhecia e que mora no Canadá. Esta outra **amiga** também só usava o FaceBook. E ela **usava o Facebook como se fosse um diário.** Achava muito interessante essa maneira dela de mostrar à todos o que ela fazia diariamente: levava os filhos para passear, para o colégio, como se machucavam, viajava pra cá, pra lá, tirava dúvidas, expremia sentimentos, publicava fotos e vídeos, como se todos estivessem sentados “ouvindo” o que ela dizia/mostrava. E o interessante era que recebia respostas praticamente no mesmo momento de várias outras pessoas!!! Logo depois fui adicionada pela mãe de uma colega da minha filha. E assim meu Facebook ficou durante muito tempo!!! Bem calmo!!! Tanto que quando entrei para o **jogo FarmVille, durante o ano de 2008/2009, eu não tinha “amigos” para poder completar fases e crescer com a minha fazenda!!!** (AJ)*

Acompanhando o porta-voz acima, podemos perceber que estar nessa rede pode ser um modo de ficar próximo dos amigos. No processo de seguir as pistas, encontramos um desdobramento bastante significativo: os jogos disponíveis nesse dispositivo tecnológico também se mostram como uma inscrição – amigos do FarmVille. Como já foi explicado anteriormente, esses amigos são adicionados principalmente para a construção e administração das suas fazendas. Segundo a Revista Digital, em 18 de novembro de 2009: “A base de tais jogos é justamente o crescimento exponencial da rede de amigos, contatos ou seguidores do internauta” (MACHADO, 2009a, p. 13). Um outro exemplo é dado pelo porta-voz abaixo.

*Entrei a partir de uma **reportagem no jornal O Globo, que apontava o aparecimento do fenômeno (boom) dos games das redes sociais. Como sou grande apreciadora de games na net, principalmene em flash, entrei com este intuito. Me surpreendi, pois o FB é bem melhor q o Orkut, tanto que convidei vários amigos da outra rede.** (LLM)*

Os meios de comunicação também estão presentes entre os elementos que se agrupam na entrada na rede FB.

Após assistir ao filme **Rede Social** (LV)

A afirmação de LV destaca a mídia como forte aliada para a entrada nessa rede. O filme “Rede Social”⁵⁰, baseado no livro de Mezrich (2010), “Bilionários por acaso”, poderia ser reconhecido aqui como mais uma forma de associação? No traçado de nossa cartografia, pode-se também observar que para alguns atores, o aspecto relevante é o *tempo ocioso* ou *puro passatempo*.

*Entrei no Fb, Orkut, etc, porque tive que fazer 4 cirurgias no joelho e precisava preencher meu **tempo ocioso**, já que fiquei 2 anos praticamente sem andar. Até então nem mexia na internet, não tinha interesse. (AS)*

Puro passatempo. (PM)

Nas considerações dos porta-vozes abaixo, desperta-se a *curiosidade* como um dado que pode nos fornecer pistas dos significados e efeitos dessa rede.

*O comentário das pessoas me **deixou curiosa** e tive vontade de conhecer.(LM)*

*Entrei na rede como acredito que a maioria das pessoas entraram, isto é, eis que um belo dia só se escutava falar sobre o facebook, sobre **a rede social que integrava amigos e que era mais divertida e dinâmica que as demais. Fiquei curiosa** e resolvi entrar, de fato descobri que é bastante interessante para **manter contato com as pessoas que nem sempre encontramos no dia a dia**. Tenho um amigo que chegou a dizer “**quem tá vivo tá no face!**”, achei bastante curioso e, apesar do tom irônico, **quem sabe um dia será isso mesmo. (MF)***

⁵⁰ THE SOCIAL Network. Direção: David Fincher. [S.l.]: Columbia Pictures, 2010.

5.2 O QUE VOCÊ COMPREENDE COMO AMIZADE?

Como é compreendida a amizade para nossos actantes? O que caracteriza uma amizade? Como ela é produzida?

*Amizade é algo **fundamental na minha vida**. Eu respiro o sentimento amizade. Não consigo viver sem ele. (GT)*

*Difícil hein... Mas acho que amizade é **um estreitamento de existências**... Algo como uma aproximação dada por ímpeto, uma atração mútua e sem cobranças, que agrega sem prender. Ao menos idealmente... Mas o que entendo por amizade verdadeira segue esse caminho, o de um companheirismo gratuito. (LR)*

*Uma pessoa com quem voce tenha **afinidade** e em que haja troca: de experiências, de apoio, de conhecimentos etc... (JL)*

*Uma relação com **afinidades**, algumas interseções. (PH)*

*Pessoas com mais **afinidades** do que diferenças, que se apoiam e se respeitam. (PM)*

***Entendo amizade como um laço que se desenvolve entre pessoas que compartilham de afinidades; que constroem uma relação de afeto e respeito mútuo; que desejam e se dedicam a participar das vidas umas das outras...** Pode acontecer de forma mais frequente ou mais esporádica e existir independente de proximidade física ou geográfica, uma vez que a amizade se relaciona a sentimentos. Gosto de uma frase que diz que amigos são a família que o coração escolhe.*

*Acredito também que existem várias **formas de amizade**. Algumas são mais pontuais e se circunscrevem e mantêm apenas em campos específicos, como as sociais, referentes a grupos por onde circulamos; as profissionais, ligadas ao campo de trabalho ou estudo; as dentro da família,... Também há aquelas que atravessam alguns momentos de nossas vidas e depois perdemos contato. **Mas há também aquelas de todos os momentos, que nos acompanham e circulam conosco pro todos os meios onde fluímos.** (L J)*

Em meio as dezenas de entrevistas, reconhecemos aqui o que talvez seja um aspecto que traça um mapa provisório em nossa abordagem sobre as amizades. Parece que as questões aqui colocadas são articuladas aos valores mais tradicionais da amizade. Em todo caso, alguns discursos parecem garantir a ideia de “formas de amizade”. De fato, conservamos o antigo

sentido da amizade e, à medida que prossegue o nosso traçado, percebemos que o investimento de interesses e conveniências são alguns ingredientes que se manifestam nas amizades virtuais. Podemos indicar alguns exemplos desses discursos:

*Amigo é aquele que está **contigo nas melhores e piores horas**, compartilha fatos e sentimentos e, principalmente, aquele onde a confiança é maior que a distância, tempo, constância e julgamentos de certo ou errado. (LK)*

*Amizade para mim é voce ter uma pessoa que **pode contar a qualquer momento**, seja de dia ou de noite, pessoa que não te procura por interesse a nada e sim por voce ser legal, que não te veja pelo que voce tem e sim pelo que voce é, que chegue junto em todos momentos, bons e ruins. (AS)*

*Amizade é um **conjunto de atitudes em via de mão dupla**, que aproxima as pessoas. (RBP)*

*Amizade é poder **contar , confiar , ser cúmplice** , enfim o irmão que o destino lhe deu a chance de escolher. (MA)*

*Um relacionamento com **alguem que vc pode contar e confiar**. Tem que ter intimidade e se conhecer pessoalmente. (APT)*

*Amizade pra mim é a relação entre pessoas **que se conhecem bem, se gostam e confiam uma na outra**. (BM)*

*Compreendo amizade como **uma relação de confiança** e carinho entre pessoas que escolhem **compartilhar suas vidas, seus segredos, seus mistérios e aventuras**. Amizade é diferente de um mero “conhecido”, ou de “colega” (de trabalho, de estudo, de condomínio...). Compreendo, deste modo, que amizade envolve um grau de **intimidade e proximidade** maior que as categorias anteriores, envolve mais entrega, lealdade, amor. **Amizade é um vínculo forte de companheirismo e fidelidade, de alteridade e afeto**. Considero coisa das mais importantes na vida, valorizo e cultivo muito meus amigos. **Alguns conhecidos se tornam verdadeiros amigos, outros se mantem num vínculo mais superficial**, mas que em todo caso também deve envolver respeito e consideração mesmo que não seja alguém com quem se compartilhe tanto as intimidades e a vida pessoal. Enfim, amizade diz respeito ao foro íntimo. (MF)*

Encontramos em alguns discursos de Sêneca, a confiança incorporada a verdadeira amizade e nossos atores parecem reforçar essas práticas atribuídas à amizade: “A amizade nos faz partilhar tudo” (SÊNECA, 2007, p.12).

Saber que não está só e que se pode contar com alguém para uma companhia, uma necessidade. A amizade está acima de laços familiares ou amorosos. (PMI)

A sentença acima remete à questão dos *laços afetivos*. Nas palavras de Cícero (2001, p. 27): “a natureza nos moldou para vivermos em sociedade e tais laços se estreitam na medida em que estamos mais próximos uns dos outros”.

Amizade para mim é contato social com laço afetivo. (AT)

É um laço, elo invisível, porém real, que se formam entre as pessoas. (LB)

Um laço forte, sincero e de própria escolha. (CH)

Vínculo pessoal que perdura independente do tempo e do espaço. (PTF)

Toda manifestação de carinho e atenção. (SV)

Considero como amigos todos aqueles que passaram pela minha vida e deixaram algo de bom (lembranças, aprendizados, etc.). Existem pessoas que só vi uma ou duas vezes e considero como amigas. Tenho amigos “mais próximos” e outros “mais distantes”, mas às vezes quem é próximo se distancia por algum tempo e quem é distante, por algum motivo, se aproxima. (ACC)

Amizade é quando você gosta da pessoa como um irmão quer saber se esta bem, sente saudade da pessoa, chorar, rir com ela. Eu consigo ter amigos do que colegas. (MM)

A articulação entre amigo e irmão nos aproxima de sentidos encontrados na filosofia de Platão a Aristóteles, que retratam a “amizade entre irmãos” como uma configuração de fraternidade.

É uma relação entre duas pessoas em que há uma entrega de ambas as partes, compreensão, afeição, que se faz presente mesmo estando ausente fisicamente, não há julgamento e é leal. É uma relação em que você é aceito do jeito é. (RCA)

Sempre tive um “Q” com negócio de “amizade”. Acho que foi até a Gestalt que me ensinou isso: “Se por acaso a gente se encontrar, ótimo! Senão, não há nada à fazer”!!!! E os que realmente “se encontram” contigo durante uma vida, mesmo que não seja uma coisa diária, mesmo que não se vejam há anos pessoalmente, são realmente muito poucos!!!

Por isso, pra mim, “amigos” não passam dos 10 dedos das nossas mãos e olhe lá!!! O resto são conhecidos!!! Em diferentes níveis: mais chegados, menos chegados, mais afinidades, menos afinidades, mas são “conhecidos”!!!

*Quando entrei para o Facebook, entrei num segundo **momento de amizade “virtual”** na minha vida. A primeira experiência tinha sido no Orkut. Onde realmente conquistei duas amigas que nunca tínhamos nos visto e que ficamos grandes “amigas-conhecidas”! Uma acabei conhecendo pessoalmente e quando nos vimos o marido dela até comentou que parecia que nos conhecíamos há anos!!! A outra nunca vi até hoje, mas como temos “problemas” em comum, aconselhamos umas as outras ainda até hoje. De uma outra comunidade muito conhecida do Orkut (PGM – Profile de Gente Morta) conheci algumas pessoas, mas também fiz muitas inimizades também!!! No Orkut, principalmente para essa comunidade, eu usava um FAKE. Havia muitas brigas em várias comunidades do Orkut, por causa de diferentes pontos-de-vista.*

Essa uma das diferenças entre o Orkut para o Facebook. No Orkut existem várias comunidades onde as pessoas participam e “se descobrem”. No Facebook por mais que você comente um texto, por exemplo de uma revista conhecida, as pessoas que comentam aquele texto não podem pra ser teu amigo. (AJ)

O relato de AJ apresenta um aspecto interessante: um *momento de amizade virtual*.

Seria então possível pensar que a amizade pode comportar diferentes temporalidades, sendo aquela que se produz nas redes mais *momentâneas* – mas nem por isso menos eficazes?

Vejamos o que outros atores nos dizem:

*Amizades podem ser superficiais ou não. **Já fiz amizades virtuais que se mostraram ser mais verdadeiras do que amizades reais**, essas muitas vezes bem mais superficiais.*

*Pra mim **amigo é aquele que sabe ouvir** vc, que dá sua opinião a respeito dos seus problemas, que se interessa por você, alguém em quem vc saiba que pode confiar. E ele não precisa necessariamente estar na mesma cidade que vc para que isso aconteça. (AS)*

*Amizade pra mim é um **sentimento que independente da distância**, tempo, situações ele permanece, vc sabe que a pessoa esta ali e pode contar com ela, e que ela pode falhar tanto quanto você. (LM)*

Podemos então pensar que as amizades virtuais possibilitam o contato, mesmo à distância.

***Amor e confiança** que por mais que a vida nos leve para longe, o sentimento perdura, da mesma forma. (LLM)*

5.3 COMO VOCÊ FAZ AMIGOS POR AQUI?

Ao problematizar o tema das amizades na vida coletiva de nossa rede, considera-se relevante compreender como acontecem esses movimentos, articulações e conexões, buscando apreender o entrelaçamento dos atores, quando se engajam na rede.

Como os atores constroem o ato de fazer amizade? O que os leva a chamar alguém para ser amigo? Basta “adicionar” para ser amigo?

Certos atores se mostram mais conservadores, enquanto outros se mostram mais abertos para novos contatos. Tomemos como exemplo alguns depoimentos :

*Adiciono ou sou adicionada por pessoas que já **conhecia antes**. (J)*

Só faço amigo no FB quando já sou amiga em outras esferas presenciais: praia, trabalho, faculdade, colégio, etc. Ainda sou da época que **o olho no olho** vale mais que milhões de dólares!!! (LK)

*Na verdade me relaciono pelo facebook com as **pessoas que já são amigas fora**, e algumas outras que não falo pessoalmente mas que já tivemos algum contato. Mas normalmente aceito indicações de amizades de pessoas que já conheço tmb. (LM)*

***Eu não faço amigos em redes virtuais**, apenas mantenho contato com os meus amigos da vida real. (GT)*

***Não acredito que se possa fazer amizades verdadeiras no Facebook.**(PM)*

***Não costumo fazer amigos em redes sociais**, só **add** no meu facebook **pessoas do meu convívio**, não gosto de expor minha **vida íntima** para pessoas que não conheço. sou muito reservado com minha vida. (AS)*

Contudo, parece que uma parte dos porta-vozes mostram interesse em adicionar amigos dos amigos, um dado que talvez reforce a idéia do criador desse dispositivo, de construir um “diagrama social”, a teia de relações que se formava dentro do *Facebook* como

resultado de os usuários se conectarem a seus amigos” (KIRKPATRICK, 2011, p.171), onde cada ator deveria se colocar de forma transparente conectando-se aos demais.

*Há pessoas que são **amigos dos amigos**, pelos seus comentários e os dela acabamos descobrindo afinidades, mas são **conhecidos, não amigos**. (MA)*

*Na maioria das vezes através das **indicações dos meus amigos** ou mesmo do facebook. (LB)*

*Através do **localizador de amigos** e depois os **amigos dos amigos** e por ai vai. (MM)*

***Amigos de amigos** ou conhecendo la fora e estreitando mais a relação pelo face. (CH)*

*Eu **convido amigos dos amigos**, que já **conheço fora da rede** ou sou **convidada por amigos dos amigos**. **Desconfio quando alguém que não conheço me convida para ser amiga**. (TD)*

Acompanhando os porta-vozes em suas conexões e articulações, as narrativas parecem indicar que os atores atuam de formas diferenciadas. Ao que parece, o *Facebook* gira em torno da ideia de que é possível formar uma grande pirâmide e caracterizando a produção das amizades entre amigos dos amigos.

*Posso dizer que **90%** das pessoas que estão adicionadas eu **conheço pessoalmente e já tive algum tipo de contato off line**. Neste caso eu já tinha o e-mail deles(onde a **própria rede localiza pra vc**) ou encontrei através da **sugestão da própria rede**(na propria página, que faz o **cruzamento entre amigos**). O resto são amigos de amigos, que normalmente me pedem pra adicioná-los. Eu **não peço pra add ninguém que eu não conheça pessoalmente e também não adiciono ninguém que eu não conheça ou não seja indicação de um amigo**. (PT)*

*No facebook eu **conheci algumas pessoas** que simplesmente me **adicionaram por ter amigos em comum, interesses em comum** (a exemplo de várias pessoas da Gestalt que me adicionaram no face, mas que neste caso não fiz amizade, seria mais para a visualização de cursos na área, acho que é uma troca muito boa, já que temos os mesmos interesses) ou comentando um post de algum amigo, repetidas vezes, **acabo conhecendo a pessoa e acontece de termos uma empatia se as idéias são compatíveis**. Recentemente entrei em alguns grupos, como **“Vancouver para Brasileiros”**, onde fiz alguns contatos e os estreitei, trocando messenger, ou até mesmo no **chat do FB**.(AT)*

*Em geral, são pessoas que **conheço no cotidiano**. Adiciono, às vezes, alguns **“amigos de amigos”**, que são virtualmente apresentados a mim por **motivos diversos (trabalho, eventos, doações, etc.)**. (ACC)*

Fazer parte do cotidiano – estaríamos então experimentando novas formas de manter as interações com nossos amigos através dos dispositivos tecnológicos? É possível a partir dessa constatação que o espaço híbrido do *Facebook* tenha se constituído como uma forma de associação que abriga a heterogeneidade necessária para se manter em cena.

*Consolidando os **amigos antigos e renovando com amigos novos** que conhecem os antigos. (PTF)*

Os atores parecem então buscar novos encontros, assim como consolidar antigas amizades⁵¹.

*Alguns eu já **conheço pessoalmente e estão aqui mais para um complemento**. Os **desconhecidos** que por uma razão ou outra me interessam eu **mando uma mensagem ou cutuco a pessoa e aguardo uma resposta que em 90% dos casos nunca vem**. (RBP)*

Na fala de RBP encontramos uma interessante ação: a de *cutucar*, como um modo buscar novas articulações.

***Eu particularmente não uso o Facebook para fazer amigos**. Aqui eu **recupero pessoas e até familiares que com o tempo perdi o contato** (isso é muito bom). E claro, **adiciono nova pessoas que conheço na vida real**. Voltando ao caso da “minha fazenda” no jogo *Farmville*, que foi minha segunda fase no *Facebook*. Como na virada entre 2008/2009 tinha somente 3 amigos verdadeiros, tive que fazer novos “amigos” para poder jogar. Mas esses “amigos” nunca passaram de “meus vizinhos do *Farmville*”. Cumprimento nos aniversários, às vezes curto ou dou alguma opinião no que postam, mas não passam de amigos do *Farmville*, que hoje em dia nem jogo mais (há mais de 1 ano), porque cansei! Mas os “amigos” do*

⁵¹ “Embora muitas pessoas não o usem dessa maneira, ele foi explicitamente concebido e projetado por Zuckerberg e seus colegas como uma ferramenta para melhorar os relacionamentos com as pessoas que você conhece pessoalmente – seus amigos no mundo real, conhecidos, colegas de classe ou de trabalho. [...] essa é uma diferença fundamental entre o *Facebook* e outros serviços semelhantes (KIRKPATRICK, 2011, p.20)

Farmville continuam na minha lista. Os que são exclusivamente do Farmville hoje pertencem à uma lista chamada “Amigos Farmville”. (AJ)

*Pra mim o Fb/Orkut foram bons pra **reencontrar ex-colegas e muitos parentes** que há muito não via, nem sabia onde andavam ou o que faziam. Eu até adiciono às vezes pessoas que são apenas conhecidas minhas, mas nem sempre vai adiante.*

Reforço minhas relações daqui cumprimentando, comentando, me aproximando, caso eu queira. Senão, deixo quieto. Não deixa de haver uma seleção, já que vc é que determina se aquilo vai adiante ou não. Se vc não quiser mais, é só bloquear a pessoa. (AS)

*Não costumo buscar pessoas que não conheço, mas **aceito convites de desconhecidos em alguns casos... Quando vejo que há amigos em comum ou um interesse compartilhado (como área de trabalho).***

*Mas acho que serve principalmente para **incrementar amizades com pessoas que conheço**, mas que teria pouco contato não fosse o facebook. A troca de mensagens, comentários, fotos, etc me aproxima destes. (LR)*

*Por **atividades afins.** (PH)*

*Procurando **no buscador** por sobrenomes, **pessoas do passado, da infância e familiares.** Ou algo do meu interesse, pessoas que curtem coisas em comum: arte, música, entretenimento. (LV)*

Como ressaltamos, a rede de *Facebook* convoca atores de outras redes, como o *Orkut*, de onde surgem os convites para adesão, e que participam da dinâmica de fazer amigos.

Migrando do Orkut, Gmail, MSN e Hotmail.** Também encontrei **diversos conhecidos de trabalho e estudo.

*Alguns desconhecidos da vida real apareceram na minha rede por conta **dos jogos como farmville e frontierville, para conseguir concluir tarefas no jogo, por exemplo. Mas nosso contato se restringe a isso.** (LLM)*

*Sendo coerente com minha definição anterior eu diria que **não faço amigos pelo facebook. Não chamaria de “fazer amigos”, mas de me “conectar à pessoas”.** Aqui no face, portanto, **“me conecto” às pessoas que já conheço** (alguns amigos, outros apenas conhecidos). O que já me ocorreu algumas vezes foi de **estreitar alguns contatos** por estar conectada à pessoa através da rede. Isto é, **pessoas que eram apenas conhecidas da vida, que eu não falava muito pois tinha pouco contato no dia-a-dia, mas que através da facilidade proporcionada pela rede de estar “conectada” à pessoa pelo bate-papo, acabaram se aproximando mais, com as quais passei a encontrar mais na vida offline. A rede, para mim, facilita manter contato com as pessoas que já conheço** (algumas até que moram fora do país), e estreitar o “bate-papo” com algumas que não tenho tanto contato diário. Também uso para combinar programas, convidar amigos e conhecidos que quase não encontro no meu circuito diário. Aí manda uma mensagenzinha e facilita acessar a pessoa. **Isso é a rede para mim: facilita o acesso, o contato com pessoas que já conheço.***

*Por fim, quando recebo solicitação de pessoas que nunca vi na vida, mesmo que sejam amigos de amigos, eu não aceito, para não ficar lotando minha página com pessoas que depois nem sei quem são e que ficam ali na listinha do bate-papo as vezes até atrapalhando de ver o nome das pessoas que me interessariam conversar (que é o povo que conheço e tenho algo para falar rapidinho pelo face, combinar, marcar e sair fora). Não uso a rede para conhecer novas pessoas, mas para manter o contato com quem já conheço. **É um meio de comunicação**, para mim, assim como o telefone ou e-mail, só que mais eficiente (instantâneo sem gastar impulso de chamada). (MF)*

A fala de um dos atores revela mais um aspecto das amizades:

Eu tenho dois perfis no Facebook, um que eu adiciono pessoas que conheço pessoalmente e outro para jogar, que adiciono pessoas de todo o mundo. Quem eu conheço, encontro pelo nome ou no perfil de outros amigos e os contatos para jogos, procuro em “comunidades” dedicadas aos aplicativos ou por indicação de outros jogadores. (BM)

Assim, apesar da aparente segurança da rede, mencionada anteriormente, o que vemos aqui é uma revelação sobre alguns cuidados de nossos atores quanto à privacidade.

5.4 QUE TIPO DE AMIZADE SE FAZ POR AQUI?

Nos relatos que se seguem pode-se perceber que alguns de nossos porta-vozes produzem pistas interessantes ao se referirem à modalidade de amigos que fazem através do *Facebook*. Quando evidenciamos algumas dessas traduções, fica claro que há muita controvérsia acerca desses vínculos. Para alguns atores, a rede é o lugar para se fazer todo e qualquer tipo de amizade, sendo isto justamente, o seu diferencial:

*Todas, sem censura!!! A censura deve ser dada pelo próprio protagonista. **Aí é que mora a beleza das redes**: a possibilidade de encontrar e manter amizades que não se vêem com frequência!!! (LK)*

*Acho que **pode-se fazer todo tipo de amizade** e é possível estar mais em contato com muita gente que normalmente vc não encontraria. (AS)*

*De **todo tipo**.(Amigos que você já não vê há muito tempo. Amigos novos. Amigos com vários **interesses em comum**, com nenhum interesse em comum e até amigos chatos). (SV)*

Para outros, o que faz vínculo é a possibilidade de encontrar interesses em comum:

*A amizade que se faz na rede social é **apenas um contato para interesses em comum**, como os **jogos por exemplo**. (BM)*

*Acredito que seria um prévio contato com estreitamento de laços, mas que pode evoluir para um msn e depois pessoalmente. Ao meu ver, **o facebook aproxima muito as pessoas, e tem promovido encontros de interesses**. (AT)*

*Desenvolvimento de **interesses comuns**. (PTF)*

Há, no entanto, aqueles que veem nas redes um vínculo superficial:

*Ao meu ver **nada muito profundo à princípio**. Amigos para **trocar idéias e interesses**. (LM)*

*Muitas vezes **superficial**. (CH)*

*São **relacionamentos mais informais e superficiais** em que você compartilha seus sentimentos, seus gostos, ambições profissionais, mas que **não são tão profundos**.(RCA)*

*A grande **maioria é de apenas conhecidos**, uma vez que **não tem como ter tantos amigos quanto o numero que se adiciona**. Acredito que a amizade que se tem por aqui é pra fazer contato, **muitas vezes superficial**. (APT)*

E os que afirmam não se tratar de amizade propriamente, pois essa necessitaria de um contato “real”:

***Acho que não se faz amizade, apenas se complementa uma amizade que já se tinha**. Às vezes, alguém com quem vc não tem tanta intimidade, vc pode passar a falar mais no fb. (JL)*

*É possível conhecer muitas pessoas e até mesmo se tornar íntimas delas, trocar confidências ou se iniciar um relacionamento, mas amizade (ou amor, no caso de namorados) **somente com o contato físico e real**. De outra*

*forma torna-se **passageiro e fulgaz**. Entendo que a amizade, assim como o amor, necessita de uma história para se amparar, de dificuldades que foram vencidas e de muitos momentos reais, e não virtuais. (PM)*

*Já disse acima, **não se faz amizade por aqui**, talvez seus novos conhecidos venham num futuro tornarem-se amigos, **mais fácil ter um affair**, porém para isso a outra parte tem que ter *savoir vivre*. (MA)*

*No meu caso eu **não busco fazer amigos por aqui**, ... no máximo que ocorre em meu convívio social é através de algum amigo conhecer uma outra pessoa, mais só *add* se passar a ter um grau de contato, **add por add não faço**. (AS)*

Um aspecto interessante é a interferência do dispositivo *Facebook* no modo como as pessoas passam a classificar os amigos:

Os meus amigos daqui são os conhecidos com quem mantenho contato durante a vida. Algum outro amigo de amigo me pede para ser adicionado. Ai, dependendo da pessoa, eu até adiciono, mas isso não é rotina. Da minha lista, posso citar 1 (um) que além de ter contato com várias pessoas do trabalho, também era amigo de pessoas realmente conhecidas fora do trabalho e de anos. Ai aceitei o convite. Mas para mim, isso não é uma coisa que acontece à toda hora. Existem outras solicitações desse tipo (amigos de amigos), mas eu geralmente ignoro.

*Por coincidência, comecei a **dividir meus “amigos” por área de conhecimento** semana passada.*

“Colegas da minha filha”, “Colegas do trabalho”, “colegio”, “faculdade”, “anos 80”, “amigos”, “curso de canto” e por aí vai.

Fiz isso justamente para colocar minha privacidade em primeiro lugar.

Com o “boom” do Facebook desde final do 2009 e principalmente em 2010, várias pessoas que mal me conheciam e principalmente colegas de trabalho, que eu não curto que vejam meu dia-a-dia, me adicionaram como “amigo”. Como eu não gosto disso, a maneira que encontrei para incluí-los, mas mantendo minha privacidade, foi dividir em grupos e determinar quem vê o que. Comecei a ficar “tímida” com certos posts que eu gostaria de fazer, mas que podiam não ser próprios para as colegas da minha filha ou invasão demais da minha privacidade no caso de “coleguinhas” de trabalho... Para onde vou, com quem saio, quem são meus amigos e parentes, o que faço e o que penso (como fazia a minha amiga do Canadá e que eu até achava legal na época) não é da conta desses alguns grupos que criei.

Não faço questão que minha lista de amigos seja somente “números” e pessoas que nem ou mal conheço. Por isso, seleciono. (AJ)

***Definitivamente, no meu caso, não faço amizades através da internet.** Meus amigos eu os conheci pessoalmente, com quem posso estar conectado através da rede (ou não).*

*Embora a possibilidade de conhecer alguém pela internet não esteja descartada, **eu não chamaria isso de amizade** num primeiro momento, mas de “conhecer pessoas”. Para mim isso seriam os “**amigos de face**”, pessoas*

que nem se conhecem na vida real (apenas se conhecem pelos seus murais e mensagens), e eu dificilmente consigo considerar isso uma amizade.

Acredito que o que se faz aqui não são “amizades”, mas “contatos”. Fazemos aqui “amizades-contatos”, que seria a meu ver uma espécie de “híbrido colateral”, efeito da rede... que faz misturar duas coisas de naturezas diferentes: amigos e contatos. A rede tem produzido essa categoria inusitada, esse ser que não é meu amigo-real, mas que está conectado à mim através da rede. Isso me parece curioso...e bastante pós-moderno.

As pessoas na minha lista de “amigos” do face são todas (todas mesmo) pessoas que conheço pessoalmente na vida real. Ninguém foi adicionado e virou “amigo de face”. Não por nenhuma postura anti-amigosdeface, mas porque não vejo sentido, não tem lógica para mim, não faz parte do meu universo de interesse e possibilidades que me atraem. Sei lá...apenas acho sem sentido... (MF)

Existem tantos tipos de amizades, tais como: amigos oba-oba, amigos para correr ou para dançar, amigos de cursos, clientes que tornam-se amigos, amigos que tornam-se clientes, mestres ou alunos que tornam-se amigos e vice-versa... (TD)

Para além dos juízos de valor atribuídos às amizades on-line, podemos evidenciar traduções que apostam na riqueza dos diferentes tipos de círculos:

Há vários tipos, penso... Há algumas que ficam só nas trocas virtuais - que são amizades gostosas, que divertem e engendram uma produção de vida na internet. Há outras que se situam no virtual e na presença física, uma aumentando a outra. E há ainda aquelas que começam pelo facebook usando este apenas como um meio para uma relação que vai se tornar presencial depois, muitas vezes até abandonando como cenário o lugar que deu início à mesma. (LR)

Fazer amizades eu acho difícil, mas manter contato com amigos de infância, parentes que estão morando fora, colegas de trabalho de outras épocas, colegas de faculdade, para mim é o principal, principalmente nesta vida corrida da hipermodernidade em que a gente não consegue se encontrar pessoalmente. (LLM)

A princípio, só adicionava quem eu conhecia pessoalmente (leia-se: no mundo de realidade presencial, ou seja, compartilhada ao vivo). Já atualmente, abri meu leque para muitos tipos de amigos: os que conheço pessoalmente, que continuam sendo a maioria; os amigos de amigos, que conheço pessoalmente ou apenas virtualmente, mas já troquei ideias pelo perfil dos amigos; os que conheci virtualmente em grupos e blogs de interesse profissional ou social; comunidades de interesse social ou profissional, abertas por algum amigo ou não, mas que sejam do meu interesse e onde posso fazer amigos; amigos de páginas de relacionamentos

e nos aplicativos de relacionamento da rede (tipo “are you interested?”), que só conheço virtualmente, mas posso vir a conhecer pessoalmente,... (LJ)

5.5 OS RELACIONAMENTOS SE DESDOBRAM OFF LINE?

No âmbito de em nossa investigação, buscamos abordar também os desdobramentos dessa rede nas possíveis amizades *off line*. Ou seja, a possibilidade de essas amizades *on line* persistirem fora da rede e o entrelaçamento com as amizades *on line*.

Em alguns momentos, as amizades aparecem como uma *ponte* que estreita *mais intimidade*, o que poderia se configurar em uma contradição, dado o caráter de visibilidade da rede:

Alguns sim, outros não. Às vezes, tem pessoas que voce só quer falar no fb mesmo, não tem interesse de falar fora dali. Com outras não. O interesse é usar o fb apenas como uma ponte, como uma forma de criar mais intimidade, mas dps levar isso pra vida real. (JL)

Na tradução de alguns atores, é justamente o desdobramento *off-line* que possibilita o fortalecimento dos vínculos:

Offline (no Facebook) , o relacionamento pode até se desdobrar, mas acho que seria algo mais lento. Offline, fora do Face neste caso, poderia fazer o sentido inverso, conhece-se na rua e aproxima através da rede social FB. (AT)

Claro!!! Quando há empatia, troca e motivação. (LK)

Sim, pois para se fortalecerem terão que sair do mundo virtual. (PM)

Sim. Já conheci várias pessoas no facebook que depois ao nos encontrarmos por acaso (offline) e conversamos muito. (SV)

Nunca me relacionei pessoalmente com ninguém que conheci através da rede (até pq como disse, n costumo add quem n conheça) mas conheço pessoas que sim. Acredito que se as pessoas estiverem abertas pode se desdobrar pra off line sim. Conheço pessoas que também se

reaproximaram, inclusive pessoalmente, de pessoas que estavam afastada a algum tempo com a ajuda do site. (APT)

Ao meu ver raramente, acredito que eles se desdobrem para um relacionamento amoroso,mas não tenho conhecimento de amigos feitos pelo facebook, namoros sim. (LM)

Na medida que caminhamos um pouco mais, nossas descobertas aguçam a curiosidade ao pensar nesse dispositivo como uma reinvenção da possibilidade de encontros da mais variadas formas, como encontros amorosos. Não pretendemos investigar esse enunciado, mas de algum modo acredito que seja um estudo interessante que pode ser discutido numa outra investigação.

Há, no entanto, aqueles são bastante radicais quanto a esta possibilidade:

***Raramente.** Dos mais de 300 estranhos que conheci lá em 2 anos, apenas 2 eu fui conhecer pessoalmente. Por uma questão de comodidade e distância mantenho o virtual mesmo. A maioria das pessoas que julgo serem interessantes moram em outros estados. (RBP)*

***Não!!!** O máximo que pode acontecer é numa reunião entre amigos, marcada via Facebook, eu conhecer outras pessoas e rever outras pessoas que não via há algum tempo e essas pessoas até começarem à fazer parte do meu Facebook depois.*

Mas comigo ainda não rolou de conhecer amigos, cara-a-cara, de amizades exclusiva do Facebook. (AJ)

Mas o que parece ser o ponto de convergência na tradução dos atores é o caminho inverso: a rede se tornar uma possibilidade a mais para amizades que já existiam *off-line*:

***Às vezes sim, às vezes não.** Pra mim, particularmente, as redes sociais me reaproximaram de primos, primas, amigas de ginásio, de colégio e de faculdade. E é por isso que eu gosto tanto. (AS)*

Na verdade, os meus relacionamentos offline migraram para o online, fazendo parte, esta não é a melhor palavra, mas a totalidade, pois ao mesmo tempo é múltipla e única, da minha vida. Vejo como uma extensão da minha vida offline, algo meio simbiótico, não tem como separar o virtual do real, pois já é real. (LLM)

Como disse anteriormente todas as pessoas adicionadas por mim eu as conheci na vida real, algumas considero como “amigos”, outros como

“colegas” e outros como “conhecidos”. Sendo assim, possuo sim contato offline com as pessoas conectadas a mim, algumas mais outra menos, e outras muito raramente por estarem em outro Estado ou País, ou pela própria vida ter afastado do meu cotidiano. (MF)

Nem sempre. Acho que os off line se desdobram na rede. (TD)

Os relacionamentos que surgem na internet não. Porém, eu acredito que os relacionamentos que surgem off line e são introduzidos a rede depois, ganham uma força maior, pois você tem mais oportunidades de falar com a pessoa, dar recados rápidos, ver fotos, comentar e saber o que ela anda fazendo, sem precisar ligar ou estar junto. (BM)

A fala de um de nossos entrevistados parece sintetizar a riqueza e complexidade da interconexão entre esses vínculos:

Mas, de qualquer forma, se pensarmos os relacionamentos não como figuras estanques, mas como partes de toda nossa vivência, cada relação que tenho na net me modifica e me constitui, sendo então levada comigo num ato virtual ou real. (LR)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de um longo caminho percorrido, precisamos agora sintetizar a temática de nosso estudo com o objetivo principal de trazer os sentidos de amizade que se produzem na mescla entre tecnologia e sociedade. Nosso esforço concentrou-se em acompanhar alguns atores pelo território híbrido do dispositivo *Facebook* para podermos, ao final, mapear esses novos vínculos que constituem as amizades virtuais. Para tanto, escolhemos uma abordagem teórica que pudesse nos ajudar a desenhar essa cartografia: a Teoria Ator-Rede (TAR), trazendo alguns de seus principais conceitos – atores, coletivos, redes, conexões, traduções e controvérsias, juntamente com algumas de suas diretrizes metodológicas. A partir do referencial da TAR, voltamo-nos para a nossa pesquisa de campo, com o objetivo de explorar as novas modalidades de amizade presentes na contemporaneidade e os efeitos que se produzem a partir do *Facebook*.

Nossa cartografia tinha apenas a pretensão de fazer um traçado das controvérsias presentes, suas conexões e desdobramentos. O método de cartografia em sua orientação metodológica permitiu uma diretriz bastante simples e peculiar: “seguir os atores” (LATOURET, 2008b) mostrando-se bastante útil para o mapeamento proposto.

Algumas inquietações moveram nossa investigação: Que tipos de associações nossos atores estabelecem? Quais os sentidos dados por eles para esse aglomerado de conexões que se configuram como “amizade”? Quisemos descrever os sentidos tal como traduzidos pelos porta-vozes em termos dos novos laços produzidos nessa rede. Pensamos que seria conveniente definir o que é amizade para nossos atores, de modo que, na montagem de várias falas, buscamos “ ‘dar a palavra’ a todos os atores da rede em estudo” (BENAKOUICHE, 1999, p.17) e, compreender quais os sentidos dados para a amizade.

Na busca de uma definição para o conceito de “amigo”, buscamos traçar uma breve genealogia que pudesse nos auxiliar a desnaturalizar o modo como costumamos conceber a amizade e, assim, abrir a possibilidade para a construção de outros sentidos, em especial aquele que hoje se configura nas redes sociais, como o *Facebook*.

Recorremos, assim, a alguns filósofos que se ocuparam do tema da amizade e neles encontramos sentidos variados que nos auxiliaram na exploração desta temática na contemporaneidade, a partir dos novos dispositivos tecnológicos. Vejamos alguns deles:

Na tarefa de descrever a amizade, Platão concebe a presença do amigo como algo fundamental em nossas vidas. Aristóteles afirma que o destino do homem seria viver com os amigos além de fazer considerações importantes sobre como conceber as diferentes formas de amizades. É interessante notar que para Epicuro, a aquisição de amigos se aproxima da felicidade. Em Sêneca, encontramos respostas que parecem reforçar o impulso que o homem tem para procurar amigos. Para ele, a amizade estaria associada ao instituto do homem. Ao caracterizar o conceito do amigo, Cícero indica que a natureza humana é moldada para viver-junto e estreitando laços.

Nessa breve síntese, podemos observar como alguns destes elementos ainda se encontram presentes nas novas modalidades de amizades produzidas a partir das redes sociotécnicas. Assim, com esses sentidos em mente, podemos arriscar que, diferentemente das análises que costumam ser feitas sobre as amizades virtuais – de que não seriam “verdadeiras” amizades ou que constituiriam uma espécie de “degradação” de vínculos genuínos – ainda nos concebemos a partir de algumas matrizes filosóficas e estas podem ser instrumentalizadas para pensarmos a constituição dos vínculos de amizade próprios ao *Facebook*.

Na tradução de nossos porta-vozes, o valor do amigo é sentido como algo fundamental para a existência humana. Uma grande parte dos entrevistados acredita que

essas “amizades virtuais” podem ser consideradas úteis e prazerosas, enquanto outros se associam a partir de interesses comuns. As narrativas expressam a ideia do estreitamento de existências, de um companheirismo, às vezes, gratuito, carregado de afinidades, numa relação de confiança que é capaz de constituir um vínculo forte de afeto. Nestes termos, as falas dos porta-vozes não se distanciam tanto dos autores de nossa genealogia.

Talvez seja conveniente observar algumas distinções dadas pelos porta-vozes ao declararem que, na rede, *pode-se fazer todo tipo de amizade*, sendo possível classificar os amigos. E na polêmica dessas amizades, podemos encontrar pistas que apostam na riqueza dos diferentes tipos de vínculos.

Como abordado em nossa pesquisa, os atores envolvidos nessa rede parecem entender essas amizades de diferentes formas. Podemos considerar que, sobretudo, como afirma Arsitóteles, a amizade é “necessária à vida”, indicando essa modalidade de amizades como “amizade-camaradagem” (ARISTÓTELES, 1987, p.173). Neste sentido, a amizade consistiria numa “disposição amigável”, seja na utilidade, prazer e na própria virtude. Muitos atores ingressam nesta rede através de convites, sugestão de amigos, sendo incentivado a aderir a uma rede de amigos, além da migração de outras redes como o *Orkut*. Outra articulação interessante é a conexão com amigos estrangeiros, onde podemos perceber a ampliação de fronteiras geográficas que se alargam nesses laços. Pelo que podemos perceber essas redes criam conexões e articulações de *cruzamento de amigos*.

Como declararam alguns porta-vozes ao longo de nossa trajetória, o *Facebook* parece fornecer alguns atributos que ajudam na interação de seus atores de forma bastante significativa, talvez através do que o próprio criador do site chama de “conectividade”. Assim, mediante elos fortes e fracos, todos estão ligados a todos, formando um diagrama de conexões. A ideia é que estamos todos unidos por uma rede de relações, formando uma grande conectividade.

Sabemos que nossa investigação, partindo da ideia de agenciamento coletivos, reconhece as amizades virtuais como uma modalidade que, em alguns casos, é entrelaçada a outras conexões, gerando diferentes modos de produção dos vínculos sociais. Vimos também que essas diferentes traduções oscilam permanentemente em diversos graus de intimidade. Cada ator é convidado a cada momento de interação, “curtir”, “comentar” ou “compartilhar” as mais variadas formas de existência virtual.

Apesar das restrições de alguns atores, esta rede abriga enunciados bastante significativos, possibilitando o resgate de contatos antigos das mais variadas formas: infância, escola, faculdade, trabalho e mesmo familiares, como na fala de alguns dos porta-vozes: *incrementando amizades da vida real.*

Podemos também considerar algumas controvérsias em nosso estudo, quando os porta-vozes revelam não acreditar nesses novos formatos de amizades e afirmam não considerar essa modalidade como uma amizade. Por outro lado, muitos usuários do *Facebook* consideram que as amizades virtuais podem diminuir a distância entre os laços, facilitando assim uma maior proximidade entre os amigos. Em alguns relatos, os atores revelam que utilizam essas redes como ferramentas para manter contato com amigos distantes. De fato, nossos porta-vozes expressam em seus questionamentos que as amizades virtuais auxiliam a estreitar mais os vínculos com pessoas que estavam distantes do seu dia-a-dia. Partindo dessa investigação, pode-se afirmar também que a rede facilita o contato com pessoas que já fazem parte da vida *off line.*

Encontramos também em Aristóteles uma abordagem interessante sobre a quantidade de amigos, que parece guardar ressonância com um aspecto importante das novas amizades virtuais. Segundo Aristóteles, deveríamos apenas ter o número de amigos suficiente para a convivência, o que contrasta com a possibilidade aberta pelas redes de ampliar significativamente o número de amigos. Nesse sentido, cabe a interrogação: é possível

conviver com vários amigos virtualmente? Seria importante refletirmos sobre a temática, pois a maneira com que praticamos essas amizades em nossa experiência cotidiana contemporânea parece ser bastante singular.

A maior parte de nossos atores caracteriza essas *formas de amizades* como *relacionamentos mais informais e superficiais*, uma forma de contato com interesses em comum. Na circulação dos enunciados, podemos encontrar: *Não chamaria de “fazer amigos”, mas de “conectar pessoas”; estreitar alguns contatos ou um meio de comunicação*. Tendo em vista tais argumentações, podemos considerar que, possivelmente, algumas dessas amizades podem ser definidas como *amizades-contatos*. Por outro lado, observamos que os afetos e interesses estão sendo incrementados a cada dia, por novos usuários, que produzem novas articulações e agenciamentos. Esse movimento é percebido pelas ações cotidianas dos atores, gerando uma multiplicidade de conexões e conseqüentemente de amizades.

Vale, então, recuperar as considerações de alguns autores acerca da força dos “laços fracos” nas redes sociais. Lembrando os estudos do sociólogo Mark Granovetter, Raquel Recuero (2009a) assinala que os: “laços fracos seriam muito mais importantes na manutenção da rede social do que os laços fortes” (p.62). Analisando o desfecho das controvérsias acerca dos sentidos dados para essa nova modalidade de amizade na vida cotidiana, nossa breve cartografia também pareceu apontar para a potência desses laços fracos, muitos deles contingenciais mas, não por isso, menos intensos. Isto também nos possibilita pensar em que medida os laços fracos seriam apenas específicos das redes sociais ou poderiam ser próprios das nossas formas de sociabilidade contemporâneas. Nesse sentido, um olhar sobre o *Facebook* pode nos auxiliar na compreensão do que somos hoje e de como vivemos em sociedade.

Para finalizar, acreditamos que foi possível construir uma cartografia, mesmo breve, desse dispositivo tecnológico e seu funcionamento. Arriscaríamos afirmar que está sendo,

sim, produzida uma nova modalidade de vínculo, constituída de forma radical por esses novos dispositivos virtuais. Não temos a pretensão de formular conclusões definitivas. Nossa intenção aqui foi buscar pistas, acompanhar, rastrear e buscar descrever a dinâmica esse peculiar modo de existência que certamente vem alterando nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, R. J. J. Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria ator-rede. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. spe, p. 7-11, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2011.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

BALDINI, M. **Amizade & Filósofos**. São Paulo: EDUSC, 2000.

BENAKOUCHE, T. Tecnologia é sociedade: Contra a noção de impacto tecnológico. **Cadernos de Pesquisa**, v. 17, p. 1-28, set. 1999. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~menandro/textos/texto_tamara.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2011.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 1974.

CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado. O papel das redes sóciotécnicas. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 64-79.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 255-287.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTRO, R. B. **Redes e Vigilância**: Uma experiência de cartografia psicossocial. 2008. 158f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CHAGAS, M.; PEDRO, R. **Musicoterapia**: Desafios entre modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem. Rio de Janeiro: Mauad: Bapera, 2008.

CÍCERO, M. **Da amizade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, C; GARATTONI, B. Amizade. **Super interessante**, [S.l.], fev. 2011. Capa, p.46-57.

CRESCENZO, L. **História da Filosofia Grega**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

DIAZ, R. L. L. **O que faz o autor? Incursão sociotécnica sobre autoria**. 2010. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

EPICURO. Antologia dos textos. In: EPICURO ET AL. Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores). p.13-20.

FACEBOOK pode te achar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2010. Revista Digital, p. 4.

FACEBOOK pode ficar avaliado em US\$ 65 bilhões após novo. **O Globo**, São Francisco, 03 mar. 2011. Disponível em <<http://www.oglobo.globo.com/tecnologia>>. Acesso em: 19 set. 2011.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: Notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, p. 46-65, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/pesquisadores/Leticia%20de%20Luna%20Freire/latour.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2011.

GHEDIN, R. O mapa-múndi, segundo o Facebook. [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://meiobit.com/78136/mapa-facebook>>. Acesso em: 19 set. 2011.

GRIMMELMANN, J. Saving Facebook. **Iowa Law Review**, v. 94, p. 1137-1206, 2009. Disponível em: <http://www.law.uiowa.edu/journals/ilr/Issue%20PDFs/ILR_94-4_Grimmelmann.pdf>. Acesso em: 31 out. 2011.

HONORATO, R. The Sims Social, a nova 'fazendinha' do Facebook. **Veja**, [S.l.], 26 ago. 2011. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/the-sims-social-a-nova-fazendinha-do-facebook>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

KIRKPATRICK, D. **O Efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LATOUR, B. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A Esperança de Pandora**. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. **Políticas da Natureza**. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008a.

_____. **Reensamblar lo Social**. Buenos Aires: Manantial, 2008b.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. Disponível em: <<http://www.lancs.ac.uk/fss/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2010. Não paginado.

LEMOS, A. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede”. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 54, p. 5-29, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2221/2309>>. Acesso em: 28 out. 2011.

LEMOS A.; LÉVY, P. **O Futuro da Internet**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **O que é Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2007.

MACHADO, A. Joguinhos que simplesmente não dá pra largar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 nov. 2009a. Revista Digital, p. 12-16.

_____. Tudo pelo social. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 jul. 2009b. Revista Digital, p. 12-15.

MANSUR, A.; GUIMARÃES, C. É para todo mundo ver? **Época**, [S.l.], 31 maio 2010. Especial, p.80-85.

MEZRICH, B. **Bilionários por acaso: A criação do Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

NOBRE, J. C. A. **As novas biotecnologias da reprodução e as redes de bioética em ação: cartografando controvérsias**. 2009. 158f. Tese (Doutorado em Psicossociologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, M. De que maneira a Internet influencia suas relações sociais? Blog Dossiê Alex Primo. [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://www.interney.net/blogs/alexprimo>>. Acesso em: 28 out. 2011.

ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminas, 2002.

_____. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

PAVÃO JR., J; SBRAI, R. O que quer o senhor das redes. **Veja**, [S.l.], 5 out. 2011. Especial, p.90-97.

PEDRO, R. Sobre redes e controvérsias: ferramentas para compor cartografias psicossociais. In: FERREIRA, A. A. L. et al. (Org.). **Teoria do ator-rede e Psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p. 78-96.

PLATÃO. **Diálogos IV**: Parmênides (ou das formas); Político (ou da realeza); Filebo (ou do prazer); Lísias (ou da amizade). Tradução, textos complementares e notas: Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2009. (Coleção Clássicos Edipro).

PRIMO, A. Quanto vale um amigo em redes sociais na internet? Blog Dossiê Alex Primo. [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://www.interney.net/blogs/alexprimo>>. Acesso em: 28 out. 2011.

RECUERO, R. Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social. **Razón y Palabra**, v. 52, 2006. Disponível em: < <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n52/11daCunha.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011. Não paginado.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, C. Redes antissociais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 set. 2010. Revista O Globo, p. 14-18.

ROCHA, Z. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 65-86, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=30701705>>. Acesso em: 31 out. 2011.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**. Porto Alegre: Sulina: UFRGS, 2007.

SÊNECA. **As Relações Humanas**: A amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. São Paulo: Landy, 2007.

SCHELP, D. Nos laços (fracos) da internet. **Veja**, [S.l.], 8 jul. 2009. Especial, p.94-102.

TARDE, G. **Monadologia e sociologia**: E outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TEIXEIRA, C. A. Internet migra para sites como Facebook e Twitter, onde o usuário pode jogar, consumir, ler... **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jul. 2011. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/07/17/internet-migra-para-sites-como-facebook-twitter-onde-usuario-pode-jogar-consumir-ler-924926253.asp>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

THE SIMS Social supera FarmVille em número de usuários no Facebook. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 set. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/09/12/the-sims-social-supera-farmville-em-numero-de-usuarios-no-facebook-925336954.asp#ixzz1dMlrJkpl>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

VASCONCELOS, N. [Facebook: 'Nada é para sempre']. Rio de Janeiro, 2011. Entrevista de David Kirkpatrick. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 jan. 2011. Digital & Mídia, p. 17.

VIANNA, L. F. [Os guias culturais do Facebook]. Rio de Janeiro, 2011. Entrevista de Raquel Recuero. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 maio 2011. Segundo caderno, p. 12-13.